

REVISTA DA EDUCAÇÃO

RAUL DE PAULA
DIRECTOR

COLLABORADORES DESTA REVISTA

A. de Sampaio Doria.	F. A. Raja Gabaglia.
Elpidio Pimentel.	Clovis Bevilacqua.
Othoniel Motta.	Roberto Souza.
Dr. J. M. Gomes.	Afranio Peixoto.
Dr. Rocha Botelho.	Paulo A. Pizarro.
M. G. Magee.	Edgard S. de Mendonça.
Saulo Ferraz.	Carlos S. de Mendonça.
D. Yaynha Pereira Gomes.	Orlando Carlos da Silva.
Manteiro Lobato.	Alvaro S. Rodrigues.
Guilherme Kuhlmann.	Glauco Filho.
Lourenço Filho.	Paula Memória.
A. Romano Barreto.	Carina Barreiros.
Pedro Decato de Moraes.	Leora Jansen.
A. Mota.	Theodoro Braga.
Mario Pinto Serva.	F. Pinto de Abreu.
Prof. Guerreiro.	Victor Vianna.
Costa Filho.	Francisco Prado.
Avila Lima.	Fernando de Azevedo.
Helvecio de Andrade.	Edgard A. Ingran.
João Barreto de Menezes.	João de Toledo.
Erasmus Braga.	Francisco Azzi.
G. A. Buechler.	Jeronymo Gueiros.
Roquete Pinto.	Lafayette Cortes.

EXPEDIENTE

PROPRIEDADE DA IMPRENSA METHODISTA
RUA DA LIBERDADE, 117 — SÃO PAULO

J. W. CLAY
HAROLD C. BUSWELL } GERENTES

Numero Avulso 2\$000

Assignatura Annual 20\$000

SUMMARIO

Cada mes — Bibliotheca da Revista da Educação	503
ENSINO PROFISSIONAL	
Finalidade do Ensino Profissional Feminino — <i>Aprigio Gonzaga</i>	504
PSYCHOLOGIA E PEDAGOGIA	
A Escola Moderna — <i>Edwiges de Sá Pereira</i>	515
Introdução ao Methodo Intuitivo — <i>Laudelino Baptista</i>	521
METHODOLOGIA	
Da Nomenclatura na Geographia — <i>F. A. Raja Gabaglia</i>	527
O Ensino das Sciencias Biologicas nas Escolas Primarias— <i>F. C. Hoene</i>	529
Aulas de Linguagem — <i>Diversos</i>	535
HYGIENE	
Mens Sana in Corpore Sano — <i>Belisario Penna</i>	584
LITERATURA	
O Odio ao Livro — <i>Monteiro Lobato</i>	588
Tobias Barreto — <i>Clovis Bevilacqua</i>	590
No foro da Escada — <i>Recordações de Tobias Barreto</i>	591
Ensaio sobre a Musica Popular em Sergipe — <i>M. P. Oliveira Telles</i>	592
Hymno ao Amor — <i>José R. Escobar</i>	598
NOTAS E NOTICIAS PEDAGOGICAS	
A Educação na America	604
Somos tambem um povo que nao quer ler	607
A Educação nos Estados	610
Bibliographia	611

Companhia Melhoramentos de S. Paulo

WEISZFLOG IRMÃOS, INCORPORADO

Matriz: SÃO PAULO

Filial: RIO DE JANEIRO

Caixa, 436

Caixa, 1617

SECÇÃO EDITORA

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

As mais modernas obras didacticas têm sido publicadas pela Cia. Melhoramentos de S. Paulo, todas ellas approvadas e officialmente adoptadas na maioria dos nossos Estados. São livros que se recommendam pelo nome de seus autores, pela sua factura elegante, pelo artistico das illustrações em trichromia, que os adornam e pela solidez da encadernação.

Grande stock de Material didactico, quadros de historia patria, mappas e globos graphicos.

PEÇAM CATALOGOS E PROSPECTOS QUE SE ENVIAM GRATUITAMENTE.

REVISTA DA EDUCAÇÃO

ANNO I

SETEMBRO DE 1923

NUM. 5

CADA MES

BIBLIOTHECA DA REVISTA DA EDUCAÇÃO

Estamos no seculo das especializações.

O advogado, o medico, o engenheiro, respectivamente recorrem ás sciencias historicas, biologicas e mathematicas afim de adquirir os elementos constructivos de que carecem em suas profissões.

O professor precisa principalmente de Pedagogia, Psychologia e Methodologia. Embora a psychologia não tenha ainda encontrado o seu Kepler na phrase de Tobias Barreto, é comtudo uma sciencia em formação e o material que ora se accumula será a base com que seu futuro Newton a organizará quando descobrir suas leis para que estas expliquem os phenomenos de que somos testemunha.

O professor precisa estudar si ele não quer ser um atrazado em nosso seculo. Foi attendendo a esta necessidade urgente de pôr ao alcance de nossos collegas livros onde busquem ideias para seu trabalho, que a "Revista" vae iniciar uma bibliotheca e cujo primeiro volume será PARA ENTENDER AS FRACÇÕES, do distincto e competentissimo mestre brasileiro, José Ribeiro Escobar.

Este volume apparecerá em dezembro proximo e desde já accetamos os pedidos

ENSINO PROFISSIONAL

Secção dirigida por Aprigio Gonzaga,
Director da Escola Profissional do Braz

FINALIDADE

DO ENSINO PROFISSIONAL FEMININO

A these reclama uma pequena digressão elucidativa. Eu sou de opinião que a escola deve ser o reflexo do meio; e, si ha escola que deva manter e aperfeiçoar o meio brasileiro, corrigindo e educando, esta é, sem duvida, a escola profissional.

E' mister conhecermos a natureza dos educandos, seu genio, seu character e o character geral da raça, para estabelecermos os methodos e processos de instrucção e educação adequados.

A escola que não attende á natureza e ao character da raça que educa, e istruê, a escola que emprega systemas de ensino de outros povos, sem consultar as idiosyncrasias do seu meio, as peculiaridades de character dos seus educandos, submettendo-os á mesma razoiira, presta um grande deserviço á sua patria, porque afoga a porção mais bella da alma humana — a expansão da personalidade.

Façamos a escola brasileira no meio brasileiro.

O LAR MODELO

Vae para 20 annos, chegava eu a uma interessante fazenda em Caconde, propriedade do sr. Martins, homem ás direitas, que comparo áquelles tão famosos paulistas, descriptos por Oliveira Vianna, em seu mgnifico livro "Populações Meridionaes do Brasil". Acolhido, como sóe acontecer aqui, como no Rio de Janeiro ou em qualquer pedaço do Brasil, com a bondade e o carinho que os brasileiros sabem ter, tive occasião de presenciar a vida patriarchal e exemplar de sua familia; e, sem apparatus de criados e mucamas, suas gentis filhas preparam o almoço, bom e reparador. As lides caseiras eram por ellas mesmas desempenhadas. Bem falantes, tocaram piano, e, o que mais ainda me espantou, disse o fazendeiro que as colchas, toalhas, brins, de fino desenho e delicado tecido, que vi, eram todos tecidos em sua casa. Em outras viagens successivas, em Minas e no Norte do Estado, tive tambem occasião de verificar que, além dessas prendas, as moças e as senhoras donas de casa faziam rendas admiraveis, tecidos que mais se assemelhavam a filigranas de prata tramadas por mãos de fadas, que obra humana, de mãos que lidavam de sol a sol, alegres, expansivas, na doçura da paz do lar feliz, sob as bençams de Deus, que baixam sobre os que não envere-

dam na criminosa ociosidade, e não têm vergonha do trabalho. Des-
sa minha viagem ficou-me uma impressão profunda: porque todas
as famílias, porque todos os jovens, de um e outro sexo, não se edu-
cam no trabalho para o trabalho? Porque ás moças não se dá uma
educação como a que vi nesses lares, onde a mulher — mãe, esposa,
filha, irmã, — é o amparo, o anjo bemfeitor, fonte de toda a alegria
e felicidade que é possível encontrar na vida?

DENOMINAÇÃO DA ESCOLA

E, desde então, o problema da educação da mulher, mãe de fa-
mília, dona de casa, já mais se apagou da minha memoria. Durante
os meus estudos para esse ramo de educação, pratiquei em escolas
profissionais particulares, convivi e observei no estrangeiro; até
que se formaram as minhas conclusões, quando director da Escola
Profissional Feminina da Capital.

OBJECTO DA ESCOLA

A finalidade do ensino profissional de artes e officios para a
mulher não me parece bem orientada. A escola profissional de-
ver-se-ia chamar "Escola de Educação Domestica e Profissional".
Eu quero a escola que prepare a dona de casa, dando-lhe uma pro-
fissão, e não a escola que forme operarias, em detrimento da sua mis-
são social. Deixemos de parte toda essa questão de direitos, rei-
vindicações e feminismo. Attendamos á natureza, que, na organiza-
ção e differenciação organica de cada um, estabeleceu as funções e
as adaptações á vida. A escola profissional, para mim, é um grande
lar, e, sob esse ponto de vista, desdobrei o meu modo de ver,
para mostrar a oportunidade e o acerto dessa orientação.

PAPEL DA MULHER

Na sociedade actual, é cada vez mais complexo o papel da mulher.
Si attentarmos ás condições de vida, já não podemos deixar de con-
siderar que á mulher está affecta, talvez, a porção mais difficil na
tarefa de formação da sociedade, a cellula fundamental do orga-
nismo social.

A escola domestica profissional deve organizar-se de modo que
a mulher se baste a si mesma e seja um elemento de evolução com-
mum.

Para isso, a mulher tem deveres e direitos; educar-se, dirigir o lar
e trabalhar.

Educando-se, ella adquire as qualidades precisas para armar o seu
espírito e fazer-se cada vez melhor; elevar-se e comprehender a sua
alta função social, as suas responsabilidades no magno problema
da educação dos filhos, na orientação do esposo, no governo do lar,

e na preparação dos cidadãos para a patria. Dirigindo o lar, mãe de familia, ella está no seu verdadeiro papel, no seu throno de majestade, onde, plasmando o character dos filhos, formando-lhes a alma, contendo e aconselhando o esposo, é causa de grandeza, de valor da sua patria.

Trabalhando, ella vem cooperar para a riqueza e o bem estar do seu paiz, e, não só satisfazer a imposição da lei biologica do trabalho, como ante as difficuldades actuaes da vida, presta o seu auxilio ao progresso social e augmento da riqueza commum.

Hoje, como diz Kropckine, homens e mulheres, todos devem trabalhar e ganhar a vida com o seu proprio esforço. No mundo não ha mais logar para os inuteis.

A escola tem de encarar estes problemas e organizar-se de modo a ser o que deve — meio de formação, de preparação. A escola tem de encarar a mulher sob duas faces: a mulher casada e a mulher solteira.

Nessa inferencia, organizar-se para que ella cumpra a sua missão — mãe de familia, esposa, quando necessario for, trabalhadora, ao lado do homem, para se manter, sem dependencias ou humilhações.

Ser mãe de familia, dirigir o lar, é a missão que Deus lhe marcou. Mas como nem todas as mulheres são mães de familia e dirigentes do lar, a escola deve organizar-se para a função principal, sem deixar de preparar-se para a immediata. Na maioria dos casos, attendendo á maior natalidade das mulheres, ás difficuldades da existencia, que fazem os homens tenderem para o celibatarismo, á incuria dos paes, que não cuidam de preparar as filhas para a vida como se nos apresenta, commumente as mulheres se encontram em grandes difficuldades para viver. Os paes, quando ricos, dão-lhes educação de salão: piano, canto, sport, dansas e outras prendas, que estão muito bem nas ricas (eu até acho que nem as ricas têm o direito de desconhecer o trabalho da educação dos filhos e a direcção do lar), mas, para a classe pobre, só na escola domestica está a salvação. Na escola domestica a mulher deve aprender a ser boa dona de casa. Mas, o que se deve aprender e como aprender, é a questão formal. A escola tem de visar a formação da mãe de familia, e a sciencia que nos deve preoccupar é a "economia domestica", cu antes, a "sciencia do lar". Avulta na sciencia do lar a educação dos filhos: formar uma criança desde o seu nascimento, dar-lhe os cuidados physicos que o seu tenro corpo reclama, adivinhar suas emoções, acompanhar o despertar de sua intelligencia, observar e orientar a sua vontade, corrigir e amparar, zelar de sua juventude, guiar o filho nos primeiros passos da vida, são problemas que, cada vez mais, avultam com o crescer dos filhos.

A MULHER NA SOCIEDADE

Acompanhar a vida do esposo, animal-o, educal-o mesmo, aparar as duras arestas do seu character, zelar pelo governo e economia do lar, emfim, tudo justifica o que eu disse a principio — á mulher cabe a parte mais difficil, mais espinhosa, de maior valor, na formação das sociedades e na grandeza da patria.

Justifico-me: quantas vezes os motins sociaes, as greves, as lutas politicas nascem de pequenos problemas caseiros!

A. é um operario; ganha 6\$000 diarios. Sua mulher não conhece a economia domestica, ou não a pratica, e gasta 6\$500 ou 7\$000.

O homem no fim do mez vê que os seus ganhos não dão. Appella para o patrão, pedindo augmento. Esse, cujos lucros industriaes lh'o não permitem, nega. O operario abandona o trabalho, vem para a rua, grita, junta-se aos criminosos, e, dahi, nasce a multidão de seitas ou quejandas seitas de bolchevistas, minimalistas, etc., etc.

Vêde o contrario: B. é operario, ganha 6\$000 diarios. Sua mulherzinha conhece a economia domestica e a pratica. Divide o ordenado do marido em tres partes. Uma dellas é para o aluguel de casa, e as duas restantes para a alimentação. Começa por não gastar mais do que isso; estabelece o regimen dos assentamentos ou roldas despesas. Faz tudo em casa, para evitar o gasto; porque, como se diz, dinheiro que não sáe é dinheiro que entra. Na sua casa não ha sobras, porque ella mede, pesa, conta e, como as hollandezas, distribue de maneira que a sua lata de lixo não seja, como é commum, o escoadouro dos bolsos do marido: desperdicio. Diariamente nós vemos o lixo, mesmo de casas-operarias, com restos de arroz, feijão, etc. Ella não faz mais do que aquillo que é necessario. Sabe o valor dos restos; os papeis de embrulho, as cascas de legumes e frutas, os barbantes, tudo ella guarda, deixa seccar e tem combustiveis para um ou dois dias por mez. Todos os dias as gorduras e o sebo da carne são guardados, e, depois de seccos, derretidos com agua e um pouco de cinza, tem o sabão de pedra, tão bom ou melhor que o vendido por ahi, molle, derretendo-se atôa e custando um dinheirão.

Que direi dos ossos da carne? Ella sabe que os ossos, bem limpos e lavados, seccos ao fogo, para desinfectal-os, são moidos e pulverisadas a martello. Com esse producto, ella tonifica os seus filhos, dando-lhes uma colherinha de café de quando em quando, para fortalecer-lhes os ossos, formar-lhes o esqueleto; porque, se aos passaros e outros animaes nós damos pó de osso para fortifical-os, tambem os nossos filhos d'elle precisam. Esse producto é a calceose, que as pharmacias vendem por preço fóra do alcance dos pobres, maravilhoso tonico que o lixeiro carrega commumente...

Conheço um professor allemão que está rico, devido ás economias de sua esposa. Certa vez deixou elle um emprego que lhe

dava 800\$00 mensaes, e ficou como simples ajudante de professor, com 150\$000.

Perguntei-lhe como se arranjou para viver, assim com tamanho desequilibrio. Muito bem minha mulher, incluindo o aluguel da casa, não gasta 120\$000 e eu ainda guardo 30\$000. Olhe, acrescentou, ella mesma me corta o cabello, faz as minhas roupas e cria gallinhas. Eu não preciso pedir. Posso esperar commodamente qualquer occupação melhor.

Tudo isso que acabo de relatar pertence á sciencia do lar, áquella economia domestica tão descurada e que é base do bem estar social.

FIM DA ESCOLA

Mas, repito, não deve a escola domestica cuidar só disso: educar a dona de casa. E' preciso dar-lhe uma profissão, para que, quando solteira, possa a mulher viver do seu trabalho e cooperar tambem, ao lado do homem; e, indo ás fabricas, aos escriptorios, ás profissões liberaes, concorrer para a riqueza e o progresso do seu paiz.

Logo, organizada a escola domestica, sem fazer operarios, mas visando a educação harmonica da mulher, focalisemos dentre todas as materias a economia domestica, que podemos dividir em tres partes: a cozinha, hygiene infantil e a casa.

Eu não quero fazer cozinheiras, não. Eu desejo, como disse Ramalho, nas Farpas, fazer bem conhecido o valor dos alimentos de poupança, a razão porque se faz esta ou aquella comida e porque se faz.

Bem razão têm os americanos de chamar á cozinha "curso de chimica alimentar". A cozinha é realmente um laboratorio.

VALOR DA ECONOMIA DOMESTICA

Certas noções de chimica não devem ser desconhecidas, algumas leis physicas não podem ser ignoradas, determinadas reacções não podem ser olvidadas.

Porém, não quero um cathedratico; quero uma senhora — e sei que ha entre nós bastante competentes — que saiba, junto ao fogão, expôr praticamente, mostrando como se faz, fazendo.

Exemplo: o sal de cozinha, o vulgarissimo sal, é um alimento de primeira ordem e um restaurador milagroso das nossas energias. Elle é o unico ou quasi unico vehiculo de arsenico, de que tanto carecemos; mas, é preciso dizer, o sal que contem esta substancia é o sal grosso, o sal não purificado: o sal fino, purificado, não contem quasi arsenico e não nos póde ser tão benefico. Quanto á importancia do sal grosso na alimentação, eu cito, de passagem, a opinião do dr. Pereira Barreto, e por experiencia usual sei que é capaz de transformar a decrepitude em pujança. Aos proprios animaes costu-

ma-se dar grandes doses desse ingrediente; e, sob a sua acção, tornam-se fortes, vigorosos, gordos e de pello lustroso.

A farinha de trigo, faz perder ao trigo quasi 80 o|o do seu valor nutritivo. Devemos moer, ou, antes, soccar o trigo, poeiral-o e fazermos nós mesmos o nosso pão. Por isso dizem as portuguezas: quem come pão de padeira, anda sempre em lazeira.

As panellas estanhadas contêm mercurio ou mesmo chumbo na crosta que as reveste; este, em contacto com o chloro, que o sal desprende lentamente, póde nos causar prejuizos organicos.

As panellas louçadas desprendem pequenas esquirolas de louça, que são causa de appendicites.

O vinagre tem acção corrosiva sobre as mucosas, especialmente sobre a do estomago, deve-se evitar o vinagre e preferir o limão.

Em geral, dá-se o seguinte facto, como o que se passou com uma senhora minha conhecida; comprou esta senhora um fogão com seis buracos. A cozinheira, em cada um, collocou uma panella com um guizado qualquer, e assim fez todos os dias. No fim do mes a senhora gastou seis carrças de lenha, grande quantidade de gordura, sapolio, etc., e disse-me que os alimentos ficaram mal cosidos, encruados, por excesso de fogo. Ella soube a causa...

Contei-lhe então, o seguinte caso: na Belgica e na França, posteriormente nos Estados Unidos, as familias adoptam cozinhar com uma só bocca do fogão. Collocam as panellas de modo que se adaptem como uma marmita; arrumam os alimentos de baixo para cima, em ordem decrescente, quanto ao grau de dureza e exigencia de calor: primeino, a sopa, depois os guizados e por ultimo o arroz. Com o calor que se transmite de uma á outra panella, ficam os alimentos cozidos com um dispendio seis vezes menor que com as seis boccas do fogão.

Ainda mais: se calcularmos que só o fundo de uma panella encosta na chamma, avaliamos o pouco consumo de sapolio e sabão para a limpeza.

Este facto, que é expressivo provocou da parte de uma outra senhora, mãe de um alto funcionario do Estado, esta resposta: "Ora, que milagre! Eu já faço isso ha muitos annos e com a vantagem de não usar sapolio".

Então nós precisamos esperar pelos francezes e belgas para saber isso? Não é, minha senhora, disse-lhe: o que a experiencia de muitos annos lhe ensinou, é necessario que o faça a escola em poucos minutos. E é verdade. No fundo, tudo isso são frioleiras, cozinhas; mas, sobre essas cozinhas assentam as bases da economia e do bem estar das familias.

ARTE CULINARIA

Ha um escriptor que escreveu uma bellissima obra sobre o modo de ornar a casa, e nos seus corollarios, diz que a felicidade assenta de preferencia, onde ha mais gosto no arranjo do lar.

Tratando da cozinha, dos alimentos, vem a pello o seguinte: F. é casada com um cidadão que exerce uma profissão sedentaria: professor, advogado, medico, guarda-livros, etc. Bondosa, procura, todos os dias, variar-lhe os pratos; hoje, é um cozido; amanhã, feijoada; depois ensopado, etc. Seu marido cada vez mais se queixa de mil e um males, provenientes da alimentação pesada e pouco digerivel. Torna-se dyspeptico, doente, mal humorado, e, como sempre acontece, a vida passa a ser um inferno. Mas, se a esposa conhece o valor dos alimentos de poupança que, sem fazer peso ao estomago, são facilmente digeriveis, prepara uma "purée", carne em pó, legumes, bananas cozidas, para sobrezeza, e, logo, os males desaparecem num relance e a felicidade não foge jamais.

Os homens são como os peixes, físgam-se pela bocca. A mesa é o seu maior attractivo. Depois dos 40, é uma lastima; têm um olho á cozinha e outro á repartição.

Demais, para preparar um cozido, ou uma feijoada, o dispendio de combustivel é enorme e o proveito alimenticio fraco.

Mais vale um abacate, um ovo cozido e uma taça de leite, que um formidavel prato de feijão, ou uma lasca de carne.

Algumas senhoras acham que ás crianças se deve dar o mesmo alimento que aos adultos; a consequencia é a desordem gastrica, a dilatação do estomago e todo um cortejo de soffrimentos.

Eu desculpo as donas de casa; não é que ellas não queiram fazer ou tenham má vontade. Não aprenderam; ensinem e vejam se ellas não farão melhor do que o esperado.

Nossas patricias sabem ser intelligentes e delicadas.

Tambem comprar a felicidade por tão pouco...

ROUPA E HYGIENE DAS CRIANÇAS

Na segunda parte do curso de economia domestica — a roupa e a hygiene das crianças, temos um campo vastissimo.

Respirei, aqui e alli, alguns casos para mostrar a importancia desse estudo: "remenda teu panno que te dura um anno", diz o adagio e é verdade. E' costume dar a roupa usada, ou quando muito, vendel-a. Mas, poucos conhecem ou têm rouparia, onde se guardam os tecidos velhos, para, em qualquer momento, usal-os. Os tecidos de linho e algodão, quanto mais velhos, melhores: tornam-se alvos, macios e leves.

Desfiados, dão fios para feridas, córtes, etc.. Emendados, com as sobras de costuras, dão colchas de retalhos, os saccos para pão, as camisolas de dormir e as camisolas caseiras para crianças.

Coisa notável: as crianças ficam mais alegres quando se vêem trajando uma camisola de varias côres, pintagalda, matizada e florida.

Por isso a escola deve ensinar a aproveitar todos os retalhos, fazer remendos e serzir.

Ainda mais: lavar e passar, engommar e frizar, tingir mesmo. Que custa fazer uma agua de anilina, com um pouco de fixativo?

Mostra-se como um par de meias brancas torna-se creme, amarello, roseo ou azul, fazendo 4 ou cinco vistas.

A mãezinha pôde aprender a fazer o vestidinho de sua filha, as toucas e as meias, passarem pelas côres do arco-iris, com grande economia para o esposo e alegria das crianças.

Sem sahir ainda da economia domestica, devemos ensinar os cuidados com a roupa. Quantas familias vêm successivamente os filhos atacados pela diarrhéa verde, collibasillose, unicamente porque fazem as crianças dormirem nas camas ou vestirem as roupinhas de um irmão que está ou esteve enfermo. E' preciso ferver a roupa e expor ao sol intenso as cobertas de flanella e lã, para evitar as transmissões.

Muitas enfermidades dos adultos se transmittem ás crianças pelo mau vôso que têm os paes de fazerem dormir as crianças em seus leitos e em suas roupas de cama.

A mammadeira é o maior vehiculo de molestias. As mães deixam os vidros expostos ás moscas; o bico de borracha sem protecção, sem lavar; deixam fermentar o resto do leite, e as enfermidades apparecem, e, muitas vezes, victimam as innocentes crianças.

Deve-se usar vidro de bocca larga; cada vez que se der leite ás crianças, deve-se laval-o com um pau envolvido num panno, cobrindo tudo com um guardanapo, para evitar as moscas. Assim, muitos males são evitados.

Ha tempos, viajei em um navio allemão e aprendi como se prepara um mosquiteiro sem despesa; um copo de agua com sabão, coberto com uma fatia de pão, na qual se unta pela parte de baixo com um pouco de assucar, tapa o copo; faz-se um furo no centro da fatia, mais ou menos do diametro de um lapis, e tem-se um magnifico caçamoscas.

O ARRANJO DO LAR

The House Decoration and School é o titulo pomposo de um magnifico livro de frioleiras. O autor, Priestmann, norte-americano, nos dá o seguinte exemplo: chega um homem do trabalho, cansado, arreliado, com os nervos carregados. Entra. Aqui e alli, roupas pelo chão. Uma vassoura cahida; farellos de pão sobre a mesa. A mulher, fatigada, a saia suspensa de uma banda, de tamancos, rescedente á cebola, exaggerando Plinio, como disse H. de Campos. Já adivinhaste qual é a impressão do homem. E elle, então, começa

a lembrar-se da salinha limpa e arejada, bem arrumada, do bar ou do café. Mal acaba de jantar, vae a tirar á gaveta criminosa os magros tostões que lhe dariam o bem estar em casa.

Mudemos o quadro: o trabalhador chega á casa, o chão brilha, a tosca mobilia bem limpa; a mesa coberta com uma toalha bem alva, de panno de sacco, onde a esposa abriu uma franja bem larga, desfiando-a, fazendo capricosas aranhas. Sobre a mesa, uma garrafa envolvida em papel amassado, de côr alegre, apertada ao meio, com um cordãozinho, garrafa essa que agora é uma jarra japoneza, ostenta uma rosa, algumas flores, uns galhinhos verdes. Na parede, uns chromos. Por toda a parte, a ordem e o asseio. A esposa, trajando um vestido limpo, os filhos penteados, tudo indicando o asseio e o capricho, que só a mão da mulher sabe dar.

O homem repara, gosta e deixa-se ficar. Sente-se bem; agrada a esposa; ralha daquelle "luxo", como elle diz; mas, no intimo do coração, agradece aquelle desvello.

Ehi está a felicidade. Estará mesmo? Sim, estará.

O dr. Orison Sweet Marden, cujo nome quer dizer "oração e trabalho", nos mostra que a felicidade está ao pé de nós, em toda a parte.

Afastemos as tristezas; olhemos a vida pelo lado bom. Convençamo-nos de que somos felizes; confrontemos o nosso estado com o daquelles que soffrem mais, e, admirando, prestando attenção ás bellezas que Deus espalhou na natureza, num pôr de sol, num amanhecer, sentir-nos-emos felizes e sel-o-emos de facto.

Esta é a verdade. Qual é o segredo do encanto da mulher franceza, do lar europeu, com pequenas excepções?

E' que a mulher franceza não perde a fina graça, reveste tudo de arte; torna "coquette" tudo que a rodeia, e, embora os annos passem sobre ella, como sobre Mathusalem, sabe sempre se fazer agradavel, e tem geito para occultar as imperfeições da natureza e os estragos dos annos.

O arranjo da casa é uma verdadeira sciencia, com os seus problemas, regras e corollarios, principios e objecto.

O objecto é a felicidade e os principios se resumem num só — fazer o lar agradavel e sadio.

Quem faz a casa é o morador, diz o vulgo, não quem a construiu.

Os desperdicios da cozinha, cinzas, pennas, pontas e restos, etc., tudo se utiliza.

Uns galhos de roseira, plantados pelos cantos do quintal, em breve desabrocham em rosas, galgam muros, sobem as cumieiras, fornecem as flores para ornar a casa, perfumam e sanificam o ambiente, fazendo de uma pocilga um ninho, onde os passaros põem a nota alegre e o chilrear encantador, alegrando os outros passaros — nossos filhos.

SUGGESTÕES

Tudo isso a escola ensinará, não com aulas, com theorias e explicações abstractas — mostrando em estampas os dois effeitos, fazendo de verdade num quintal, que sempre ha, praticando.

São coisas faceis, simples e corriqueiras. A questão é começar, o resto vem insensivelmente.

Quantas suggestões me occorrem! Quantos exemplos! Mas, onde iria eu parar nesta palestra, se sobre uma parte della, o arranjo da mulher, a maneira de trajar, escreveu dona Lydia Bohner *Art in Dress*.

Nesse livro leve, ha indicações praticas. Figura a autora um quadro com as côres principaes e suas affins; a escala chromatica; as combinações felizes; tudo isso adaptado ás roupas femininas e os chapéus que lhes ficam bem, apresentando contrastes: uma senhora gorda, de pescoço curto, usando vestido largo, com babados e "pufs" aos lados: fica um verdadeiro repolho.

A mesma senhora, com um chapéu baixo, golla alta, ainda mais gorda fica.

Outra, de queixo saliente, usando chapéu esguio para trás ainda deforma mais a physionomia.

Uma senhora magra, de vestido listado, sem golla, chapéu de copa alta, mais magra, mais alta e de mais longo desçoço fica.

Tudo isso rapidamente, é commentado, de modo a mostrar que, pela educação do gosto, e conhecimento do desenho, póde uma senhora vestir-se bem, desenhando e determinando a moda.

Não é commum dizer-se que tal ou qual chapeleira, tem mais gosto e seus chapéus são mais bonitos? A costureira d. Fulana tem mais graça? Pois o gosto e a graça são coisas ao alcance de quem quer que seja, principalmente de quem frequentar as escolas domesticas de educação profissional.

Eu acho que o "pivot" da economia caseira é a machina de costura, com seu aparelho de bordar.

Aprendeí, no curso de economia domestica, a fazer as roupas de vossos filhos, as vossas roupas, as roupas de vossos maridos. Bordae tudo: um ramo, uma flor, um arabesco, porque o bordado transforma o panno de algodãozinho em a mais bella e fina cambraia.

O bordado e a costura são as portas de salvação para os dias de aperto e para o augmento do ordenado do marido, a garantia de manutenção da mulher solteira.

Conjuntamente com esta materia, a escola terá tres cursos magnificos: dactylographia e stenographia; corte e costura em geral e bordados, sem especialisar, mas dando, nos tres annos escolares, um conhecimento geral de cada curso, poderá a moça, ao sahir da escola, escolher o seu futuro, porque estará apta para enfrental-o.

Tendo 4 horas, pelo menos, diarias de trabalho pratico, não ha possibilidade de falhar o apprendizado, e, com algumas modificações pequenas, aliás, poder-se-á affirmar que as escolas profissionaes femininas do Estado de São Paulo, nada terão a invejar das suas similares do estrangeiro.

DEVERES E DIREITOS DA MULHER

Ainda nada falei sobre os direitos da mulher. Só falei dos deveres, mas, nos seus deveres, estão os seus direitos.

Ellas nada mais pedem que aquillo que a Constituição estabeleceu — igualdade civil e politica. Será pedir muito?

E', realmente, engraçado: falamos muito em feminismo, — no emtanto, tudo que acabo de dizer é puro feminismo — não offende nem ameaça ás instituições. Mas, se bem me ouviram, todos acharam que temos razão, eu e as mulheres.

Que mais pedi para ellas? Possibilidades de vida, quando não forem casadas; ou, sendo, uma boa direcção, para elevar e melhorar a situação social.

Haverá, por acaso, alguma immiscuição da mulher nos officios do homem? Não; ellas vencerão aos poucos; e, intelligentes, probas, affeioadas e com maior sentimento que o homem, vencel-o-ão em todos os ramos em que a natureza masculina não estiver aparelhada. Tudo que depende de gosto, minucias e graça, a ellas pertence.

Os horizontes se alargarão e novas fontes de actividade surgirão.

A lavoura, as industrias, são fontes inexhauriveis para todas as actividades. Não ha concorrência; o sol é para todos.

Dêem á mulher a opportunidade de se emancipar da tutella dos homens, que só as pode aviltar, e ellas transformarão o mundo.

A's casadas, o contracto matrimonial ditará os deveres, mais firmes pelo coração que por nenhuma lei.

As solteiras, entibiadas, cheias de preconceitos, são, na maioria dos casos, victimas dos homens sem palavra, gosadores, como essa raça viperina a si propria se baptiza; e, desilludidas, aprendem a ser hypocritas; mas, pela acção fortemente educativa da escola, possuidoras de cultura intellectual e profissionaal, aptas para se manterem, ellas saberão ser fortes e dignas, na luta pela vida.

A's escolas domesticas profissionaes cabe a mais bella iniciativa brasileira — a redempção da mulher.

Aprigio Gonzaga.

PSYCHOLOGIA E PEDAGOGIA

A ESCOLA MODERNA

I

As idéas racionalistas, que desde os principios do seculo XVIII vêm apaixonando e vencendo o espirito francez, invadiram, numa intensa febre de expansão e de proselitos, os dominios da antiga pedagogia substituindo os velhos moldes pelos processos modernos do culto da razão pura.

O engenho humano assumiu então o compromisso de encaminhar a educação segundo a bussola do raciocinio e da logica, abdicando em absoluto das concepções metaphysicas de que a philosophia, de mãos dadas ás religiões, servia-se para acalmar nas almas a ancia dolorosa do "porque?".

A vedeta dessa formidavel campanha social—lançara-a a Reforma religiosa atravez dos seculos, e antes que Descartes adensasse sobre o espirito do seu tempo a duvida philosophica, já a Renascença disseminara pela Iberia essa porção de espiritos emancipados que alvoroçaram a Hespanha do seculo XVI, novas aspirações e idéas novas incutindo-lhe no animo, que a oppressão posterior de Philippe II antolha e peia.

Os precursores da revolução franceza, Voltaire á frente, activaram vigorosamente o movimento, e dos salões de Mme. de Lenclos a propaganda irradiou-se por toda a Europa, conquistando povos e conquistando reis.

A função educativa, que desde o declinio da civilização antiga fôra confiada ao clero, vio-se abalada desde os seus fundamentos diante da nova concepção philosophica do destino humano. Não seria mais de olhos voltados *au delà*, que se deveria formar o character da mocidade, nem o desprendimento terreno continuaria a constituir o melhor vehiculo para o seu aperfeiçoamento.

Querer, sentir, agir — eis a synthese dessa doutrina reaccionaria, alvejando como setta iconoclasta as hypotheses espiritualistas do ideal theologico.

Discussões se cruzaram vehementes, intelligencias se mediram nos mais bellos e luminosos surtos do saber humano.

Zimmerman, Vosskein, e até mesmo Wieland, terçando armas no terreno opposto impugnavam as theorias do “progresso da luz”, na Allemanha, defendidas pela **Bibliotheca universal Allemã**, emquanto na França a irreverencia de Voltaire regosijava-se de ver que por obra sua **um só homem bastara para destruir o christianismo que doze apostolos firmaram.**

O “Espirito das Leis”, a “Origem dos conhecimentos humanos”, o “Contracto social”, a “Encyclopedia” — Montesquieu, Condilac, Rousseau, Helvecio, D’Alembert, Diderot — accendendo o facho de 89, transmittiram ao sentimento francez o calor de que irrompeu, numa impetuosidade incontivel, a chamma carbonisadora ou purificadora — como a entenderem e quizerem — que produziu esse materialismo cru’ dos nossos dias, tam despoetizados e tam-tristes!

Debalde Robispierre, Luciano Bonaparte, Mirabeau, tentam oppôr um dique á torrente niagaresca: o racionalismo alastrava-se e procurava criar raizes na multidão, seduzindo-a de preferencia com os beneficios annunciados pela feição liberal da corrente democratica em acção.

*

v *

Foi então que a critica dos processos educativos das escolas religiosas vibrou formidavel, increpando-se o que chamavam a **subserviencia moral** imposta pela sua doutrina, tentando-se comprovar a estagnação do entendimento popular **pelo freio de uma religião convencional e dogmatica.**

Esquecia a consciencia da época de que ao lado dos muitos erros attribuidos á Egreja figura toda essa civilização que a religião nos trouxe, civilização que é toda uma epopéa de martyrios, de sacrificios, de humildade e de predominio — das catacumbas de Roma ás fogueiras do Santo Officio — com que o christianismo encheu a historia da humanidade em um largo e complicado periodo de sua vida.

Mas a corrente avassaladora, alastrando-se rapida, arrastava na furia indomita as lendas, os milagres, as dulcissimas e consoladoras tradições christãs, a propria historia, emfim, emquanto no silencio e na solidão dos claustros as reliquias sagradas velavam, coagidas pela febre revolucionaria da demagogia heterodoxa.

II

A pedagogia leiga, vencidos os reductos do antagonista, invadiu victoriosa as escolas, primeiro na França, depois em quasi toda a Europa e, finalmente, transpondo as fronteiras do velho mundo, seguiu ovante, rumo aos Estados Unidos, rumo ao Japão na ancia de maior irradiação e definitivas conquistas.

Os adeptos da liberdade de consciencia não inquiriam das conveniencias alheias se aceitavam ou repudiavam a incipiente reforma, bastando o decreto dos governos para a impor, do mesmo modo que a orthodoxia acoimada de intolerante nas pastoraes ou nas encyclicas impunha o dogma.

Mas, do calor das discussões reformadoras, dos argumentos expendidos, das conclusões deduzidas, um grande acervo de apprehensões nos legaram, que no presente mais augmentadas e mais tensas alertam o observador cauteloso, e, por assim dizer, o desalentam na hypothese evidenciada de estar ainda muito longe do seu Newton o decantado "x" do problema educativo.

*

* *

Só mesmo o tempo teria o poder de mostrar se decorriam exclusivamente da escola sectaria os graves males que amorphinavam o organismo da instituição pedagogica e corrompiam o espirito das massas, vencendo-o pela superstição, apertando-o na malha estreita de uma metaphysica abstrusa e nebulosa.

A pratica do ensino leigo, deixando a cada um a liberdade de pensar sobre materia de religião, dava ensejo ás mais amplas esperanças de uma victoria completa no terreno da educação, e parece mesmo que a nenhum dos innovadores attingiu a mais leve duvida em relação ao successo previsto e predito.

O "grande seculo" — como o chama a critica, — morreu na doce illusão dessa victoria que o seu successor, com todas as suas luzes, acreditou realizar.

No decorrer de seus dias, entretanto, viu o seculo XIX nascer e se desenvolver uma especie de inquietação oppressiva que todos os avanços, toda a protecção ás idéas radicaes do outro seculo não poderam dissipar da alma moderna.

Ainda que seja impossível fazer aqui uma synthese desse cyclo de cem annos, quer no dominio da intelligencia: desde a poderosa influencia da philosophia allemã até o positivismo de A. Comte; e quer no dominio da politica: desde o fracasso do primeiro imperio até as especiaes e melindrosas contingencias que teem ligado e desligado as nações nesse primeiro quartel do nosso seculo, é razoavel concordar que essa alternativa de idéas, que se amoldam ao sabor das circumstancias, tambem se manifesta na esphera do sentimento, onde a aspiração religiosa se revela intensa, quer affirme Deus como Kant, quer faça da humanidade o seu culto como A. Comte.

Nem mesmo a hypothese que a philosophia de Haeckel e de Spencer procura desenvolver e firmar baniu do sentimento geral esse desejo de espiritualidade, essa aspiração do **divino**, palpitante sempre, aqui e alli, como uma planta que teima em viver por mais que se esterilise o terreno na impotencia de se exterminar a raiz.

E por isto, porque se revela impossível a extirpação radical do sentimento religioso dos povos cultos, o **milagre lei-gó** não se produziu, mau grado as promessas dos reformadores.

E' forçoso convir que nada de definido e completo existe ainda, parecendo atravessar o ensino uma longa phase de experimentação, sem dados sufficientes a sagrar como melhor qualquer systema.

A propria França pedagogica do seculo XIX cahiu nos braços desse temeroso seculo XX desilludida e confusa.

Cançada de excesso em excesso, das controversias de Henrique IV á revogação do edito de Nantes, e dessa época faustosa e corrupta ao racionalismo intransigente dos predestinados de 89, inspirava, irriquieta e sonhadora sempre, aos seus apaixonados pensadores as concepções mais radicaes do mundo e da vida, onde as investigações scientificas ascendem ao mais alto expoente da cultura mental.

E sobre esta base, — mal apercebida, seja dito, pela intelligencia popular, — cimentou com a argamassa um tanto phantastica de constructores imprevidentes, o edificio da nossa pedagogia contemporanea.

E agora o seculo XX, esse traiçoeiro seculo que de tantas surpresas dolorosas tem vertido os seus primeiros annos, tira a prova real do complicado calculo que o passado optimista nos legou.

III

A cultura ethica e a cultura civica são o escopo essencial dessa nova orientação pedagogica, onde o professor — livre-pensador da cabeça aos pés — substitue os principios da moral religiosa pelos ditames da moral agnostica dos nossos dias.

E a lei, expulsando a divindade, não só da escola mas da propria França, acreditou consolidada a tendência dos dirigentes, embora em desaccordo com o sentimento profundamente religioso do povo.

Intolerante e absoluta relega do seu archivo intimo todas as tradições e todas as memorias que porventura possam reproduzir o patriotismo mystico de Joanna d'Arc e a cruz sagrada de São Luiz, e, fazendo do atheismo a regra de sua conducta, afasta-se pelo sentimento dos demais paizes da Europa, leigos muitos delles, é verdade, mas quasi todos, ou todos sem a irreverencia aggressiva que levou até a prohibir o nome de Deus nos labios das enfermeiras, nos hospitaes de sangue!

Mas os fructos em que repousavam as melhores esperanças desse systema de educação não corresponderam á expectativa dos organizadores, não só na França como nos paizes que hoje mais se approximam do systema francez, em cujo solo de origem a criminalidade infantil cresceu assustadoramente!

Se este resultado não é consequencia exclusiva do radicalismo das escolas é, todavia, fóra de toda a duvida que o atheismo intransigente que invadiu a França é o agente principal do **morbus** que alli esterilisa as mulheres, desenvolve a cocainomania, indisciplina a mocidade, anarchisa o sentimento. Estes effeitos evidentes levaram a propria escola franceza a dar o grito de alarma! E este grito, alertando a Inglaterra, a Hollanda, os Estados Unidos, o Japão, deu em resultado o congraçamento dos mais importantes paizes do mundo para um movimento conjuncto que se opera desde 1908, no sentido de modificar o systema educativo de geito a tirar-lhe o que de contra-producente existe como causa do insuccesso colhido.

Foi em Londres a primeira reunião do **Congresso Internacional de Educação Moral**, onde os mais notaveis pedagogos patentearam as apprehensões que lhes traziam os processos então adoptados para esse ponto principal de toda obra educativa: a formação moral.

A segunda reunião foi em Haya, em 1912; entre as medidas que ali se combinaram ficou assentado fazer-se um estudo comparativo, amplo, completo, das instituições pedagogicas de nações diversas para o aperfeiçoamento das instituições nacionaes.

O Japão conheceu em tempo que errara como creança quando copiou para si o modelo pedagogico da França materialista, que as leis concernentes em 1887 haviam consagrado, e agora uma preocupação muito complexa o absorve: **desmaterialisar** o ensino. A semelhança da tentativa irlandeza de mais de um seculo, 1811, representada pela sociedade "Kildare", sonha o Japão interessar no melindroso thema os principaes sacerdotes de todos os cultos ou confissões existentes no paiz.

Do mesmo modo os Estados Unidos constataam a deficiencia de todo o seu trabalho pedagogico, demonstrando a critica dos mais competentes ainda constituir um problema complicado a feitura moral e intellectual da mocidade por meio de processos até aqui adoptados.

Assim, o agnosticismo da França, no seu gráo mais alto, levou, não somente ás nações circumvisinhas, mas até de continentes diversos, a confusão e a instabilidade nos dominios da pedagogia, de que resultou essa tendencia actual de supprimir ao ensino o character exclusivista do modelo francez, que, para curar os vicios decorrentes da escola sectaria, absoluta, systematica, resvalou desastrado no extremo opposto igualmente falho, e ainda mais perigoso e viciado.

De tudo isto, o que será razoavel concluir? E' que não é nos extremos que a virtude mora, como lá diz a sentença: um meio-termo que secularizando o ensino não fecha as portas da escola ao ministro de Deus, nem prohiibe a idéa christã para o fim da educação moral, produziria, de certo, os fructos menos pecos dessa grande arvore pedagogica, tantas vezes regada, tantas vezes podada, tantas vezes experimentada de processos novos.

Os extremos é que são incompativeis com a natureza humana para o seu progresso e aperfeiçoamento.

O clericalismo absorvente dos outros tempos que o racionalismo pretendeu exterminar foi tão prejudicial á pedagogia quanto esse materialismo impenitente e oppressor que o substituiu.

Um fanatismo de fakir e uma impiedade voltairiana serão sempre obices ao aperfeiçoamento de qualquer instituição social.

Recife.

Edwiges de Sá Pereira.

INTRODUÇÃO

AO METHODO INTUITIVO

I

Quem quer que entre a preoccupar-se da necessidade de uma vasta e profunda reforma da educação e do ensino, necessidade que d'ora avante não ha quem conteste, sentirá que essa reforma se ha de fazer pela base, isto é, a partir do primeiro gráo e a começar pela primeira idade.

Já não é mais possível admittir-se que estas horas matinaes da vida sejam abandonadas ao accaso, ou submettidas ao jugo de processos estupidos e rotineiros. Sem duvida, neste momento do abrolhar do pensamento, ha de nossa intervenção ser discreta, cautelosa para com a fraqueza puericia, egualmente a forma a dar a essa iniciação primeira, os processos empregados hão de estar cuidadosamente em relação com as necessidades especiaes, com as tendencias naturaes das intelligencias infantis. A educação primeira não é entretanto uma obra isolada, de todo á parte, sem nexo logico com o que vae seguir, é, ao revez, um caso particular na obra geral, uma parte do conjuncto, um gráo determinado, o primeiro degráo da educação.

Pois bem! Si o ensino infantil vem a ser a propedeutica ao ensino mais adeantado, deve necessariamente visar o mesmo fim, partir dos mesmos dados, inspirar-se do mesmo espirito. Que dizer d'uma educação primeira que, sob esse ou aquelle pretexto, se viesse isolar do conjuncto e volvendo a vida ao avesso, fizesse despertar na creança habitos taes que fosse papel preliminar de mais avançada instrucção apagar-lhes os vestigios, antes de trilhar outra senda? Por mais modificados que sejam na forma os processos do ensino infantil devem não obstante relacionar-se pelo fundo a um conjuncto logico e rigoroso, de modo a satisfazer aos methodos da sã pedagogia.

Tudo o que constitue o homem, forças motoras, organicas, instinctos, faculdades, possui tambem a creança, em estado germinativo, a esperar o seu desenvolver da natureza e da educação. Essa não crêa faculdades, mas favorece e dirige-lhe o desenvolvimento espontaneo, natural, que sem ella ficaria incompleto, a fim de aperceber o homem, ao chegar á idade adulta, de todos os meios de acção. A educação em uma palavra é um tirocinio da vida. Ora, na vida, o homem necessitará de todas as suas forças e pôr em acção todas as suas faculdades. Aquelle a quem fallecesse uma sequer das energias ou das faculdades do ser humano, seria tão incompleto por assim dizer disforme no ponto de vista intellectual, como no ponto de vista physico é o homem privado de um sentido ou de um membro.

O papel da educação portanto é desenvolver toda creatura humana, com todas as forças organicas que devem estar a serviço de seu

pensamento, com todas as faculdades de sua intelligencia, sem exclusão, sem desproporção, dentro na ordem e na harmonia.

Eis o que se deve entender quando se diz que a educação deve ser integral.

A educação integral abrange em sua unidade e educação physica, a educação moral, a educação intellectual da qual faz parte a instrução propriamente dita.

A vida é um perpetuo permutar. Vive o homem em relação de reciprocidade com o meio natural e o meio social, com o universo inteiro e com os seus semelhantes, não veio elle ao mundo somente para conhecer, mas tambem para agir.

Activo e passivo ao mesmo tempo, dá e recebe; haure idéias nas cousas, para ao depois transmittil-as ás suas obras. Vive em communhão de interesses, de sentimentos, de pensamentos com os outros homens; beneficia do trabalho alheio, exercendo depois, sua actividade em seu proveito proprio e dos outros.

Tal é a missão a que se destina cada um de nós, dupla missão essa que corresponde a estes dois termos oppostos: assimilar e produzir; comprehender e exprimir; conhecer o verdadeiro e realizar o util, o bem e o bello, saber e trabalhar. Toda a educação que não prepare a creança a este duplo papel, que não tender a fazer della ao mesmo tempo um pensador e um trabalhador, um ser intelligente e um ser activo, é uma educação manca e esteril.

Quanto aos meios, evidentemente hão de estar em relação com o fim. A' educação integral corresponde o "Methodo Integral" que tem por principio tirar partido de todos os recursos, fazer concorrer todas as forças do ser em seu proprio desenvolvimento; appellar para todos os modos de proceder da intelligencia humana, para fazer nascer e communicar a idéa.

Seu character é de não excluir nada, nem no objecto nem nos meios do conhecimento.

O objecto do conhecimento é "tudo"; o universo inteiro, incluindo o homem, as cousas, os seres, as formas, as leis, as relações. E' igualmente necessario que conheçamos este mundo no seio do qual vivemos, o nosso ser, o nosso pensamento em seus processos de expressão e nossa historia. Ora, para grangear sobre todas estas cousas as noções elementares indispensaveis dispomos de dous meios geraes; um, indirecto, a comunidade da idéa pela linguagem; o outro, directo, o grande meio universal e necessariamente primeiro da formação da idéa, a observação.

A observação nos conduz a conhecermos os factos; o raciocinio os interpreta, faz-nos perceber-lhes o encadeiamento, as causas, as relações, pondo-nos á altura de lhes tirar consequencias praticas. Tal é o modo geral de proceder do espirito humano. Possuirá a creança outro que seja opposto?

Não. Em que vem differir a intelligencia do menino da do homem? Não será somente por menor potencia, menor fixidez?

Logo, para fazer um pensador, façamos primeiro um observador.

Assim procedendo, não só levamos a creança a adquirir pela via mais directa e mais natural uma somma dada de idéias justas e conhecimentos uteis; como, o que é ainda de maior valor, pomol-a de posse dos meios necessarios para por si só angariar novas.

A observação faz a educação dos sentidos, corrige-os e os aperfeiçoa, torna seguro o lance de vista, habil a mão, delicada a percepção. Ao mesmo tempo, põe em acção as faculdades solicitadas a intervirem, dá habitos de attenção e de iniciativa. Por seu intermedio vem a creança habituar-se ás grandes operações do entendimento humano; perceber, analysar, abstrahir, comparar, generalisar, synthctisar. — Sendo complexo o facto observado, tendo tantos aspectos diversos cada objecto, faz-se mister impreterivelmente dividir a tarefa, para examinar á parte uma só propriedade da cousa observada, a forma, por exemplo; e analysar e abstrahir (1). Aprenda a creança portanto, a analysar o objecto de sua observação, depois, para melhor apreciar-lhe os caracteres, coteje-o com outros objectos, verificará as analogias e as differenças, e dahi formará a educação de seu juizo e aprenderá a raciocinar.

Raciocinar, é encadear pensamentos, fazer abrolhar ideias da comparação das ideias. Estas faculdades do raciocínio e do julgamento, faculdades supremas da intelligencia, desenvolvem-se, como as outras, pelo exercicio. Eis porque não é bastante confiar á memoria da creança asserções, ideias de todo feitas, juizos por completo formados. Não basta ainda averiguar e analysar os factos pela observação; é preciso que a creança applique immediatamente o raciocínio á observação e mandem-n'a perquirir a causa do effeito observado, as relações existentes entre tal e tal grupo de factos. Perscrute sem cessar sob nossa direcção, ora descendo da causa ao effeito, ora ascendendo do effeito á causa, o encadear dos factos e das idéias, para poder pôr em fogo estes dous processos universaes da intelligencia, a deducção e a inducção.

Gradualmente será ella levada a generalisar as idéias adquiridas pela observação dos factos particulares, a discernir os caracteres communs, a coordenar, a formar conjunctos.

Dest'arte aprende a creança a pôr em jogo os seus meios de conhecer, e ao mesmo tempo chega a possuir um conhecimento elementar, mas positivo, dos factos, uma noção das grandes leis geraes da na-

(1) A analyse e a abstracção não são operações difficeis, particulares ás altas sciencias elementares que empregamos mil vezes em vinte e quatro horas. Abstrahir é um processo de significação necessitado pelo limite mesmo da intelligencia humana, fraca demais para abraçar tudo ao mesmo tempo. Quanto mais limitadas são as faculdades, tanto mais necessaria e indispensavel se torna abstrahir.

tureza, das leis de sua propria vida e de seu proprio pensamento. Mas conhecer, adquirir noções, idéias, não é tudo, já o dissemos; o homem ha de realizar seu pensamento, trabalhar. E' para o homem imprescindivel necessidade o transformar tudo o que o cerca. Se esta transformação visa unicamente seu bem estar material, eis ahi trabalho industrial, no ponto de partida condição necessaria da manutenção da vida, e tornando-se no seu desenvolver um instrumento de civilisação. Si é para satisfazer ás necessidades superiores de sua intelligencia, exprimir seus sentimentos intimos, para realizar a ordem, a belleza, a harmonia, eis o trabalho artistico.

Ora, o homem é feito de tal forma a não poder separar totalmente estas duas necessidades de sua natureza; quer elle o bello no util.

Até nos objectos de primeira necessidade, diz Jenny, exige a elegancia da "forma, o acabado do trabalho. Advem dahi que em toda a nação civilisada tem o trabalho industrial o seu lado artistico; que na maior parte das profissões, não se pode ser bom operario sem ser um tanto artista. (1).

Quanto á arte propriamente dita, si nem todos são destinados a falar esta linguagem, todos deverião até certo ponto comprehendel-a; deverião todos aprender a deleitar-se ante as bellezas da poesia e da verdadeira literatura, nem que fossé para se acautelarem contra a corrupção do gosto e dos costumes propagada por uma literatura malsã.

Deverião elevar-se todos pela educação até a sentir a majestade de um bello edificio, a graça expressiva de uma bella pintura, a emoção que desperta a musica a uma alma bem organizada. Abrindo aos homens este manancial de puras fruições, desvial-os-eis dos gosos grosseiros, tornal-os-eis melhores e mais felizes.

Em uma sociedade, a arte é elemento moralizador".

Uma primeira iniciação pois, ao trabalho e á arte deve fazer parte da educação geral: a creança ha de ser exercitada ao trabalho como ao pensar. Pequenos labores apropriados á sua idade e escolhidos de tal sorte que deixem espaço á iniciativa pessoal, fal-o-ão tomar o habito feliz da actividade.

II

Desenvolver todas as forças, todas as faculdades, diligenciar a que a creança grangeie todas as noções fundamentaes e usuaes em qualquer ordem de conhecimentos, tornal-a quanto possivel, e guardada toda a proporção, observador e trabalhador tal é pois a obra

(1) Esta tendencia é sobre tudo de notar-se em nossa industria franceza, á qual devemos este bom gosto que faz lei no mundo civilisado e que constitue para o nosso paiz um elemento de superioridade e de riqueza.

da educação em seu complexo. Que é o que vamos fazer no primeiro periodo da educação? — Começar. A partir do ponto inicial revelará o nosso ensino o mesmo character; nada excluirá, nem das materias nem dos meios geraes do ensino; transformará, proporcionará tudo para pôr-se em relação com a ordem natural do desenvolvimento das faculdades infantis. Destarte vem despertar-se lentamente a faculdade de fixar o pensamento em cousas abstractas; não é por essa razão que se deixe de exercitar as jovens intelligencias ao abstrahir e raciocinar, é razão para fazel-o com cautela. Não está na natureza da creança acompanhar muito além do ponto de partida o raciocinio; não prolonguemos indefinidamente as series de deducções. As faculdades perceptivas, ao contrario, são, desde a primeira idade, muito activas, a creança é naturalmente observadora, é portanto aqui, mais do que nunca, a observação que será o grande meio. Dahi o nome tão expressivo de Methodo intuitivo (1) dado ao methodo racional quando se trata do ensino da infancia; elle o define por seu character dominante e distinctivo, a observação. Da percepção á idéa, do concreto ao abstracto; á intelligencia pelos sentidos, ao ajuizar pela experiencia; não ha para com a creança outro caminho a seguir.

A tal modo de proceder correspondem mui naturalmente certas materias de ensino, e a estas mais do que aos estudos abstractos deve a educação da infancia, para ser logica, occupar maior espaço no seu programma. E' o estudo, muito elementar, de certo, da natureza, que é a sciencia infantil por excellencia, o mais vivificante exercicio para a intelligencia que desabrocha, a mais attrahente para a nativa curiosidade da puericia, aqui tudo se corporifica para offerecer-se á observação. O conhecimento elementar da forma, uma geometria intuitiva, é um dos lados mais importantes no ponto de vista pratico d'este estudo das cousas naturaes.

Mas além da forma ha outra cousa na natureza: ha a força e o movimento, a vida e o pensamento. A observação, e quanto ser possa a explicação dos phenomenos nos quaes se manifesta a acção das grandes forças da natureza, uma primeira idéa das propriedades da materia mais facilmente averiguaveis, uma noção da forma do nosso mundo e dos accidentes de sua superficie; alguns conhecimentos usuaes sobre as rochas, sobre a organização e vida das plantas, sua cultura, seu uso, sobre a constituição e costumes dos animaes; em fim um conhecimento summario de nossa propria organização; tal é o vasto campo que a historia natural e sciencias annexas offerecem á edu-

(1) Intuire, olhar; intuitus, observação. Este nome de methodo intuitivo corresponde ao methodo experimental, em uso quando se trata dos graos mais elevados do ensino. A experimentação é um processo aperfeiçoado da observação.

cação da infancia. Longe de nós, o pensamento, repetimol-o ainda, de querer dispensar as outras materias de estudo: a leitura, os elementos da escripta, noções de calculo, um estudo primeiro, racional e pratico da lingua materna. Resistiriamos em todas as energias de nossa alma a quem quer que, para introduzir materias de ensino ou processos aperfeiçoados, quizesse banir da classe elementar os exercicios cuja utilidade a experiencia já confirmou.

Os diversos ensinos auxilião-se e equilibrão-se um pelo outro e assim o que devemos ter em vista é completar a serie e não rompê-la e a experiencia do educador intervirá quando for caso de proporcionar o nivel de cada ensino ás faculdades das creanças que dirige.

Hão de algumas pessoas se assustar talvez da multiplicidade das materias de ensino que vão, dirão ellas, invadir o programma. Que se acalmem, porém: diversificar não é sobrecarregar. E' tão contrario á experiencia como á theoria suppor que se pode, durante annos consecutivos, prender todo um dia inteiro a attenção das creanças em um circulo estreito de duas ou trez materias de ensino, aéreas, abstractas — ainda mesmo que não fossem, fossem por sua natureza mesmo, as mais agradaveis — insupportaveis por isso mesmo que offerecem variedade. Um brinquedo qualquer, por mais attrahente que seja, chegará a interessar duas horas consecutivas á movediça imaginação infantil? Inqueri aos educadores intelligentes, ciosos de acautelarem as forças physicas e intellectuaes de seus alumnos, quantos expedientes não põem em jogo para dissimular sob a variedade da forma a tedios, a monotodia dos exercicios escolares.

Pesa sobre a classe inteira uma atmospherã de tedio acabrunhador.

Pobres creanças! tão vivas, ellas e tão movediças! O seu instincto de iniciativa chega a adormecer e uma revolta inconsciente vem agitar este povinho. Mas variaí, alternai, preveni á saciedade, a fadiga, succeda a um estudo de raciocinio uma occupação de todo differente, um trabalho manual que deleite, um destes exercicios recreativos tão engenhosamente combinados por Froebel, feliz intermedio entre o estudo e o folguedo para as horas onde é preciso deixar repousar o pensamento....

Possivel vos é então de conservar occupadas as creanças, sem fatigar seus frageis orgãos e satisfaz-se o instincto de mutação tão imperioso nas naturezas infantis; tel-o-eis a esse instincto por alliado, e não mais por adversario.

Dest'arte, ás maiores considerações do desenvolvimento integral das faculdades, do conjuncto do plano de ensino, vem juntar-se em prol da introduccão destes elementos novos uma consideração de todo practica e disciplinar cuja importancia apreciarão os educadores experimentados.

LAUDELINO BAPTISTA.

(Continúa).

METHODOLOGIA

DA NOMECLATURA NA GEOGRAPHIA

A geographia antiga simplificava o estudo da sciencia; ensinava-se, e infelizmente ainda ha quem ensine, uma enfiada fastidiosa de nomes grupados em classes e assim se dizia: existem 4 pontos cardeaes, 5 partes do mundo, 4 cabos, 12 cadeias de montanhas, sendo 5 grandes e 7 pequenas, etc.

E esta enfiada trabalhosamente decorada pela criança era facilmente esquecida pelo adulto. Esse ponto de vista falso e incompleto fez da geographia uma ancilla, uma serva humilde da Historia, encarregada de dizer onde se passaram os grandes factos. A Humanidade vive no tempo e no espaço, e, portanto, se entendia dever a historia apoiar-se em duas nomenclaturas: a **chronologia** para o tempo e a **geographia** para o espaço; então, a geographia não era uma sciencia, mas méra disciplina literaria.

Hoje, outras são as idéas! Os surprehendentes progressos do seculo XIX emprestaram ao Homem novas concepções, crearam-lhe novas relações, transformaram-no em novo ser. O homem que vivia, pode-se dizer, sem alongar sua vista ou sem extender o seu pensamento além do horizonte visual, adquiriu outras forças, deu ao seu pensar um surto até aquelle momento nunca visto e abraçando um panorama maior, comprehendeu o alcance da geographia e entendeu a profundidade da velha, mas admiravel, definição de Strabão: "a geographia é a descripção da terra".

Deste modo, a geographia passou a ser considerada como uma sciencia, incumbida de explicar certos factos e prever certos phenomenos. Apresentou-se com um novo aspecto. Não conheceu mais limites, abrangeu tudo e os novos programmas de ensino estão cheios de milhares de noções.

O que ha a fazer, é saber, na verdade, o que se deve ensinar e como se deve ensinar.

O problema da methodologia geographica é uma grave preocupação para os que luctam ainda contra os velhos e desarrazoados processos da memorização; e um dos factores mais importantes na solução do mesmo é o que se refere á **nomenclatura**.

Por que o estudo da geographia seja fructuoso e completo, é mister que o estudante saiba o nome dos accidentes do terreno, isto é, a **nomenclatura**; depois, onde esses ac-

identes estão situados uns em relação aos outros (é a **cartographia**) e também o que são os paizes, os povos, as populações, etc. (é a **parte descriptiva**). Como em toda e qualquer sciencia, elle deverá conhecer as cousas, o nome dellas e as relações que as unem.

Deve occupar-se em saber o que existe; em seguida, dar-lhe nomes e, por fim, classificar ou localizar. E' esta a marcha de toda e qualquer disciplina scientifica e, todavia, só nos ultimos tempos, os pedagogos applicaram-na á **geographia**.

Sim. O ensino ministrado era ridiculo, massante, inutil. Imagine-se nas outras disciplinas. Ensinar-se, por exemplo, a Historia do Brasil da seguinte maneira: ha, v. g., 30 batalhas, das quaes, 25 grandes e 5 pequenas; ha tantos grandes homens, sendo esses maiores e aquelles menores; etc. Ensinar-se a chimica, **mutatis mutandis**: ha tantos corpos simples, cujos nomes são taes e taes; esse dá 12 compostos, o outro 16, est'outro 20, etc.

Tal era o ensino da **geographia** nos tempos, queira Deus prehistoricos, dos compendios que contavam apenas com o esforço de memoria dos alumnos, aos quaes impunham decorar nomes inexpressivos de montanhas, um Himalaya ao lado de um Morro do Pinto; nomes inexpressivos de rios, Amazonas ao lado de um riacho qualquer, e um rosario de cidades, sem as comparar e as distinguir, tudo completando-se com algarismos incertos de superficies e populações quicá problematicos e o indefectivel ról das produções: os mineraes, os vegetaes e os animaes enumerados numa pavorosa mixordia...

Longe disso, a verdadeira nomenclatura! A nomenclatura **geographica** comprehende primeiramente a definição dos termos geraes, servindo para designar as modificações da superficie terrestre: que é o relevo, que é um rio, que é um littoral.

Depois, dá a cada um desses accidentes um nome distincto e particular, donde um conjuncto maior ou menor, porém, sempre consideravel, de nomes proprios a conservar de cór. E' necessario também dar os nomes que se referem á parte politica.

E' a nomenclatura uma parte árida do ensino da **geographia** e, sem duvida, a mais ingrata. Queiramos ou não, exige o emprego da memoria, antes de qualquer outra faculdade do espirito. Mas ella não pode ser dispensada, porque ella é, até certo ponto, o nucleo, o centro, o âmago dos estudos **geographicos** e o estudánte tem de aprender e de reter, até tornar-se com elles familiar, uma multidão de nomes proprios, alguns bastante rebarbativos.

Caminho errado será fazer o que se usava nas antigas escolas: oferecer ao espirito uma lista de nomes, sem idéa de relação entre elles, uma lista servindo apenas para sobrecarregar formidavelmente a memoria.

Os nomes, pelo contrario, devem ter sentido, vida, uma personalidade mesmo. E para isto basta estudal-os, á medida que surgem, sobre uma carta. A cartographia esclarece a nomenclatura, ajuntando-lhes noções sem as quaes não seria interessante.

Para nada servirá reter nomes de mares, de montanhas, rios e paizes, se não se attender á sua situação respectiva e á sua configuração, á sua importancia.

Para aprender a nomenclatura é, pois, necessaria a carta e assim ao lado do compendio, sempre o mappa. Ao lado do texto, o atlas.

A seguir, o ensino pessoal do mestre, que o deve basear na observação e na imaginação. Desapparece a aridez no nome, quando, de envolta com esse nome, faz-se ouvir uma colorida descripção ou resalta-se um phenomeno notavel.

E é assim que se comprehende, na actualidade, o estudo da nomenclatura geographica, essencial ao geographo, que, lendo a acção da Natureza em phenomenos da Natureza por outros descuidados, não vê no relevo da terra uma simples massa immutavel, fossilizada...

F. A. Raja Gabaglia.

O ENSINO DAS SCIENCIAS BIOLOGICAS NAS ESCOLAS PRIMARIAS

Lastimando-se do parco cabedal de conhecimentos de historia natural, convidou-nos um illustre e distincto pedagogo para escrever algo sobre o ensino desta sciencia nas escolas primarias. Accedemos de bom grado ao amavel convite, não porque nos julgamos capazes de esboçar um plano ou programma para esta disciplina que a todos possa contentar, mas porque sentimos realmente necessidade de dizer alguma cousa sobre tão importante assumpto.

Quem, como nós, se dedica a um ramo da biologia e observa a falta de interesse que existe em toda a parte, entre a nossa gente, para tudo que se relaciona com a botanica e zoologia, estará, como nós, convencido do facto, de que esta indifferença e até pouco caso, com que se encara o estudo e a conservação da nossa flora e fauna, nada mais são que o reflexo da deficiencia do ensino destas materias nas escolas.

Nossa mocidade passa pelas escolas primarias, faz o curso de preparatorios, entra para as escolas superiores, gradua-se em direito, medicina, pharmacia, ou qualquer outra sciencia ou profissão, mas não leva mais que uma pallida idéa das sciencias naturaes.

Para aquillo de que se não entende, não se pode tambem ter interesse nem curiosidade.

Nas escolas superiores de engenharia e minas, cuida-se effizantemente do ensino da geologia e mineralogia, e os alumnos que dali sahem são relativamente enthusiasts e admiradores destas sciencias. Quasi todos as cultivam, depois mesmo quando a necessidade não os obriga a isto. Mas, porque se não observa o mesmo phenomeno nas escolas de medicina e pharmacia em relação ás sciencias biologicas? Não estão a zoologia e, especialmente, a botanica, tão intimamente ligadas a estas sciencias, quanto aquellas outras entre si? Parece-nos que sim.

A medicina e botanica nasceram juntas, mas, no decorrer dos annos, ellas foram se separando pouco a pouco, a ponto de serem hoje consideradas como duas especialidades inteiramente divorciadas, embora a ultima ainda contribua com o grosso do cabedal therapeutico empregado na clinica.

Nosso objectivo não é, entretanto, criticar a falta de amor e interesse pelas mencionadas sciencias biologicas neste ou naquelle individuo. Na Allemanha, Suecia, Inglaterra, Estados Unidos da America e outros paizes a comprehensão da utilidade da botanica e zoologia, não é somente peculiar aos formados em qualquer sciencia, não, a curiosidade e o interesse pela natureza em geral, são comuns a quasi todos os homens e mulheres, porque o ensino da botanica e zoologia é feito desde as escolas primarias e mesmo no lar os paes procuram despertar o interesse dos seus filhos para a flora e fauna, fazendo-lhes as vantagens que existem em possuirem estes conhecimentos.

Dirá, talvez, alguém: como se conseguirá ensinar botanica e zoologia a uma creança que está aprendendo a ler, que não conhece mesmo as cousas mais essenciaes á vida, que adeantarás ensinál-a a distinguir e comprehender as funcções dos vegetaes ou dos animaes? Effectivamente, nada adeantarás isto tudo, se se quizer ensinar estas materias como em regra se faz. Um pequeno que ainda lê com difficuldade, pronunciando mal os nomes: "calice" ou "corolla", nenhum proveito terá em decoral-os sem ter visto na natureza os organs da planta a que elles são applicados. Para esta creança é mesmo cedo demais para decorar nomes. Nem se deve fatigal-a com isto, porque assim fazendo, contribuiremos mais para despertar nella a aversão por estes bellos estudos que o amor e interesse que desejamos ver germinar em seu espirito.

Na escola primaria, pelo menos nos tres primeiros annos, não se deve ensinar botanica nem zoologia, mas sim procurar despertar a

curiosidade e o interesse pelas mesmas no espirito da pequenada. Acordado o interesse e amor pelas plantas e pelos animaes na mente da creança, ella tirará muitissimo mais proveito das lições theoricas e praticas de botanica e zoologia que mais tarde receber.

Porque e como despertar o interesse para mencionadas sciencias, são as interrogações que se fazem.

Respondamos primeiro porque.

Acordando o amor e interesse pelas plantas e animaes em uma creança, teremos antes de mais nada, contribuido para fazer della uma pessoa mais feliz, mais estudiosa e mais util á sociedade. Pois que, a natureza, sempre terá bastante para ensinal-a e para animal-a com sentimentos nobres. Quem aprendeu observar as plantas e os animaes, que em toda a parte o cercam, encontrará sempre agradavel e instructiva distracção.

Desde as gigantescas arvores das sombrias selvas, até aos minusculos sêres unicellulares, tudo que a biologia nos apresenta, nos testemunha que existe um poder creador insondavel que tudo governa e faz evoluir, e a penetração nestes segredos, que se revelam aos olhos do estudioso e interessado, levam-no a tentar tirar proveito e lição de tudo que vê, procurando applicar na vida pratica aquillo que a natureza lhe ensina.

Do reino vegetal, e, graças a elle, do animal, retiramos o mais essencial para a nossa alimentação e para nos cobrirmos; que procuremos, portanto, estudar os representantes destes dois reinos, de que depende toda a nossa existencia, parece-nos logico. E porque não inculcar na mente infantil desde cedo o amor para elles.

Precisamos de gente que tenha melhor comprehensão da utilidade das plantas e melhores conhecimentos dos animaes uteis e nocivos, do que temos actualmente.

A devastação das florestas, que contribue para a modificação do clima, diminuição das aguas, despimento do solo e consequente reduccão das chuvas, esterilização do terreno e enfeiamento das paysagens, são, como o pouco interesse pela historia natural em geral, de que fallamos atrás, o reflexo da falta do ensino desta sciencia nas escolas primarias.

Temos de dar um paradeiro á desenfreada mania de devastação das selvas, exterminio das bellas e canoras aves, umas das quaes utilissimas como auxiliares do homem, como tambem o são milhares de insectos e mesmo mammiferos e outros animaes, que, pela carencia de conhecimentos, a nossa gente extermina para seu proprio prejuizo. E' necessario aprender a distinguir entre uma e outra especie vegetal e uma e outra animal, para assim sabermos proteger aquellas que nos prestam serviços uteis das que nos occasionam prejuizos.

Por todos estes motivos, somos convidados a despertar, tanto quanto possivel, o amor e interesse para as plantas e os animaes nas creanças.

Nossa flora e fauna não estão inventariadas e existem milhares de especies cuja biologia ainda se não conhece e as que são conhecidas, foram, quasi todas, descriptas pelos estrangeiros. Nós temos feito relativamente pouco e isto é mais uma prova do quanto temos para fazer para aquellas pessoas que no futuro se queiram dedicar a um estudo mais aprofundado e fecundo da nossa flora e fauna.

Vejamos agora como despertar o interesse e amor para a botanica e zoologia na creança.

Já dissemos que se não deve constrangir o alumno principiante a decorar ou gravar em sua mente nomes de orgams da planta ou ainda nomes de ordens ou grupos de animaes.

Para fazer germinar o interesse e a curiosidade na mente infantil, não ha nada mais pratico que o methodo usado por Fabre, Andersens e Karl Edwald. Fabulas e historias foram desde Pythagoras, em todas as épocas, os melhores vehiculos para levar a creança a comprehender uma verdade ou assimilar um ensinamento. Nada de nomes technicos, theorias ôcas, cousas abstractas ou demonstraões difficeis, para as creanças. Conte-se uma historia da arvore, faça-se, se preciso fôr, as raizes, o tronco, os ramos, as folhas, as flores e os fructos fallarem; arranje-se uma discussão entre estas partes da planta e trate-se de destacar nesta o papel de cada uma e apresente-se isto não como lição de botanica, mas como simples historia e quando se chegar, finalmente, a dar as lições desta materia, verificar-se-á quanto mais proveitosas ellas serão para os alumnos.

Pelo mesmo processo se poderá tambem arranjar fabulas ou historias para qualquer outra parte da planta e para todos os animaes uteis e mais conhecidos desde que o professor tenha tido o cuidado de estudar, previamente, a biologia dos mesmos.

O ensino de historia natural, administrado, nos primeiros annos, por meio de fabulas e historias, mais tarde explicada praticamente com material vivo ou secco, seguido de demonstraões nos campos e museus, poderá ser continuada, vantajosamente, nas escolas superiores, com resultado satisfactorio.

Para simplificar o trabalho aos professores, dever-se-ia até ter compendios especiaes para elles ou adoptar nas escolas primarias, livros de leitura em que figurassem diversas fabulas relativas á botanica e á zoologia, porque, dest'arte, se conseguiria matar dois coelhos numa só cajadada. O livro teria interesse e ensinaria a ler e dar rudimentos de historia natural.

F. C. Hoene.

S. Paulo, 5—9—23.

AULAS DE LINGUAGEM

(Trabalhos feitos pelas alumnas do terceiro anno da Escola Normal da Capital, na aula de didactica do prof. José Ribeiro Escobar).

ORIENTAÇÃO DADA PELO PROFESSOR

Cada aula se divide em tres partes: na primeira se faz uma revisão; na segunda, a lição nova, cada regra ou definição, obdecendo á marcha inductiva; na terceira, recapitulação e synopse. Assim:

I—Revisão: preparação mental.

II—Lição nova: Para cada regra e cada definição applica-se esta ordem:

- a) Escripção de sentenças, dadas pelo professor ou pelos alumnos.
- b) Observação de factos nas sentenças.
- c) Comparação das sentenças.
- d) Generalização do facto observado.
- e) Inducção da regra ou da definição.
- f) Deducções (exemplos e applicações).

III—Recapitulação geral e synopse.

TRANSITIVIDADE DO VERBO**SUMMARIO**

1) O professor escreve no quadro negro varias sentenças e os alumnos copiam.

a) Encaminha-os para que descubram nas sentenças o ser que soffre a acção indicada pelo verbo.

b) Informa á classe que o ser que soffre a acção indicada pelo verbo, chama-se paciente da acção verbal.

c) Pede exemplos de sentenças e a indicação do paciente.

d) Pede a definição de paciente.

VERBOS TRANSITIVOS

1) O professor escreve no quadro negro sentenças em que haja verbo transitivo e a classe copia.

a) Pede á classe, observe os verbos das sentenças; dá sentenças incompletas, pergunta si os verbos formam por si sós sentido completo, emfim, encaminha os alumnos até que descubram que esses verbos precisam de palavras que lhes completem o sentido.

b) Faz a classe notar que nesses verbos, a acção transita de um ser para outro, tendo antes explicado o sentido de transitar.

- c) Auxilia a classe a descobrir como se conhecem esses verbos.
- d) Dá a definição de verbos transitivos.
- e) Pede exemplos.
- f) Revisão.

VERBOS INTRANSITIVOS

- 1) O professor escreve sentenças com verbos intransitivos.
 - a) Os alunos copiam.
 - b) Manda a classe observar os verbos das sentenças; pergunta si entende assim mesmo, ou si ha necessidade de palavras para que o sentido seja completo.
 - c) Vae aos poucos encaminhando, até que os alunos descubram que esses verbos formam por si sós sentido completo.
 - d) Faz a classe observar que nesses verbos a acção não transita de um ser para outro.
 - e) Ensina o nome desses verbos.
 - f) Pede exemplos.
 - g) Revisão.

VERBOS RELATIVOS

- 1) Sentenças pelo professor, com verbos relativos.
 - a) Copia pelos alunos.
 - b) O professor encaminha até que descubram que esses verbos não são nem transitivos, nem intransitivos.
 - c) Dá a definição de verbos relativos.
 - d) Pede exemplos e faz revisão.

VERBOS BITRANSITIVOS.

- 1) Sentenças com verbos bitransitivos, pelo professor.
 - a) A classe copia.
 - b) O professor encaminha até que descubram que esses verbos são ao mesmo tempo, transitivos e relativos.
 - c) Dá o nome.
 - d) Pede exemplos e faz revisão.

VARIAÇÕES DA TRANSITIVIDADE

- 1) O professor escreve no quadro negro sentenças com verbos transitivos empregados intransitivamente e depois conservando a sua natureza.
- 2) Manda observar esses verbos, comparal-os e encaminha os alunos até que descubram quando os verbos transitivos podem ser empregados intransitivamente, e quando conservam a sua natureza.
- 3) O professor escreve sentenças com verbos intransitivos empregados transitivamente e depois conservando a sua natureza.
 - a) Mesmo processo.

VERBO SER

1) O professor escreve no quadro negro sentenças com o verbo ser e os alumnos copiam.

a) Encaminha-os até que descubram que esse verbo não indica acção, mas estado, existencia.

b) Pergunta para que serve esse verbo.

e) Faz ver que é um verbo de função especial e tem por isso — nome de verbo substantivo, ao passo que os outros são verbos adjectivos.

f) Pede exemplos de sentenças com o verbo ser.

g) Revisão.

Recapitulação geral e synopse.

TRANSITIVIDADE DO VERBO**REVISÃO**

1) Escrevam e observem a sentença: Carlos estuda as lições.

a) Qual é o verbo? (estuda)

b) Que é verbo?

c) Qual o agente da acção verbal? (Carlos).

d) Quaes são os tempos do verbo? (presente, passado e futuro).

e) Quaes são os numeros do verbo? (singular e plural).

f) Quantas formas ha no singular? (tres) — E no plural? (tambem tres).

g) Quantas são as pessoas grammaticaes? (tres).

h) Quaes são e o que significam?

i) O verbo tem formas diferentes para concordar com a pessoa do sujeito? (tem). Deem exemplos.

PACIENTE

1) O professor escreve no quadro negro e os alumnos copiam:

Ruth leu a carta.

José comeu a maçã.

Lucia derrubou Rosa.

a) Observem bem estas sentenças.

b) Qual é o verbo na primeira sentença? (leu).

c) Qual o agente da acção verbal? (Ruth). Então quem praticou a acção de ler? (Ruth).

d) Qual o agente na segunda sentença? (José). E na terceira?

2) Além do agente, que mais notam na primeira sentença? (o verbo... a palavra carta...).

a) Essa palavra, que é em relação ao verbo? (?). Leram a sentença. Ha alguma cousa que soffra a acção indicada pelo verbo? (ha).

b) Qual é, pois, a cousa lida? (a carta).

c) E na segunda sentença, que cousa soffreu a acção de ser comida? (a maçã). E na terceira, quem soffreu a acção de ser derrubada? (Rosa).

3) O ser que soffre a acção indicada pelo verbo, chama-se paciente da acção verbal.

a) Qual é o paciente na primeira sentença? (a carta). Na terceira? (Rosa).

b) Deem exemplos de sentenças e mencionem os pacientes da acção verbal. (Mario quebrou o copo).

c) Qual é o paciente nesta sentença? (o copo).

d) Venha você escrever esta sentença no quadro negro e sublinhe o paciente.

e) Que é, pois, paciente da acção verbal?

VERBOS TRANSITIVOS

1) Escrevam as sentenças: Mario comprou uma bola.

O sabiá fez um ninho.

a) Qual é o verbo na primeira sentença? (comprou). E na segunda? (fez).

b) Leiam agora as sentenças: Mario comprou...

O sabiá fez.....

c) Entendem bem? (não).

d) Porque? (porque o sentido não está completo).

e) Completam então as sentenças.

f) Que exigem, pois, esses verbos? (exigem palavras que lhes completem o sentido).

g) Deem exemplos de verbos assim.

2) Esses verbos que por si sós, não formam sentido completo, chamam-se transitivos.

a) Que significa transitar?

b) Leiam a sentença: Os automoveis transitam pela rua.

c) Que significa? (quer dizer que os autooveis passam pela rua). Então transitar quer dizer passar, não é?

d) Leiam a primeira sentença dada: Mario comprou uma bola.

e) Qual é o agente? (Mario). E o paciente? (bola).

f) Que especie de verbo é comprou? (transitivo). Então nos verbos transitivos, o agente é ao mesmo tempo paciente? (Não)

g) Porque? (porque a acção á praticada por um ser e soffri-da por outro).

h) Porque é que esses verbos chamam-se transitivos? (porque a acção, passa, transita de um ser a outro).

3) Leiam as duas ultimas sentenças dadas:

Mario comprou....

O sabiá fez.....

- a) Entendem? (não). Que vocês perguntariam logo? (comprou o que). (fez o que).
- b) Leiam agora: João matou...
- c) Que pergunta fariam, nesse caso?! (matou quem).
- d) Que especies de verbos são, comprou, fez, matou? (transitivos).
- e) Que fariam, pois, para saber si um verbo é transitivo? (perguntariamos ao verbo).
- f) Havendo resposta a essas perguntas, o verbo será?... (transitivo).
- g) Que é, pois, verbo transitivo?
- h) Que fariam vocês, para saber si um verbo é transitivo?
- i) Deem exemplos de verbos transitivos.

VERBOS INTRANSITIVOS

1) Escrevam as sentenças: O gato fugiu.

A menina correu.

O cãozinho morreu.

- a) Qual é o verbo na primeira sentença? (fugiu).
- b) Que especie de verbo é fugiu? E' transitivo, não é? (?) Exige palavras para que tenha sentido completo? (Não).
- c) Porque? (porque se entende assim mesmo).
- d) Como fariam nesse caso para ver si é transitivo? (perguntariamos: fugiu o que?) Ou então: fugiu quem?
- e) Ha resposta para essas perguntas? Fugiu o que? Fugiu quem? Tem sentido isso? O gato poderia fugir alguma cousa ou pessoa? (não).
- f) Si não ha resposta para as perguntas, o verbo não é..... (transitivo).
- g) E os outros verbos, correu, morreu, são ou não transitivos? (não, porque por si sós formam sentido completo).

2) Esses verbos que por si sós formam sentido completo, chamam-se intransitivos.

- a) Leiam a segunda sentença: A menina correu.
- b) Qual é o agente? (a menina). E o paciente? (?).
- c) Quem recebe a acção de correr? Não é a menina mesmo? (é).
- d) Logo, a menina é agente e paciente ao mesmo tempo? (é).
- e) E que especie de verbo é correu? (intransitivo).
- f) Que concuem, pois? (nos verbos intransitivos, o agente é ao mesmo tempo paciente da acção verbal).
- g) Que é verbo intransitivo?
- h) Deem exemplos de verbo intransitivo.
- 3) Qual a diferença entre os verbos transitivos e intransitivos?

(os transitivos precisam de palavras que lhes completem o sentido, ao passo que os intransitivos, por si sós formam sentido completo.

- a) Não ha mais alguma diferença? (ha).
- b) Qual? (no verbo transitivo o agente não é ao mesmo tempo paciente; no intransitivo, é).
- c) Então, porque o verbo intransitivo se chama assim? (porque a acção não transita, não passa de um ser para outro).
- d) Leiam a sentença: José dorme muito bem!
- e) O verbo dorme, nesta sentença, é transitivo ou intransitivo? (intransitivo, porque não precisa de palavras que lhe completem o sentido.

VERBOS RELATIVOS

- 1) Escrevam: Domingos assistiu ao espectáculo.
 - a) Observem esta sentença.
 - b) Qual é o verbo? (assistiu).
 - c) Qual o agente? (Domingos).—E o paciente? (Domingos). Então o agente é ao mesmo tempo paciente? (é).
 - d) Logo o verbo é transitivo? (não, porque no verbo transitivo a acção é exercida por um ser e recebida por outro).
 - e) E nesta sentença, não se dá isso? (não, a pessoa que pratica a acção de assistir, a recebe também).
 - f) Então o verbo é intransitivo?
 - g) Leiam: Domingos assistiu...
 - h) Entendem? (não, porque a sentença não está completa). Completem-na então: Domingos assistiu ao espectáculo.
 - i) Que concluem, pois? (que a acção de assistir não se pode realizar sem que haja alguma coisa a que se assista).
 - j) Logo? (o verbo assistir, por si só, não fórma sentido completo). E portanto, não é... (intransitivo).
- 2) Que conclusão tiram disso? que o verbo assistir não é nem transitivo, nem intransitivo; é um meio termo entre os dois).
 - a) Expliquemos melhor: Qual o agente do verbo assistir naquella sentença. (Domingos). E o paciente? (Domingos).
 - b) Logo devia ser... (intransitivo). E porque não o é? (porque por si só não forma sentido completo).
 - c) Ora, si é assim, devia ser transitivo? (devia). Mas, porque não o é? (porque o agente é ao mesmo tempo paciente e no verbo transitivo não se dá isso).
- 3) Esses verbos cuja acção não passa de seu agente, mas cuja existencia não seria possível sem qualquer coisa externa que lhes dê logar, chamam-se relativos...
 - a) Que são verbos relativos?
 - b) Deem exemplos de verbos relativos.

VERBOS BITRANSITIVOS.

- 1) Escrevam: Rosa deu sua boneca a Dulce.
 - a) Que especie de verbo é deu? E' intransitivo? (não).
 - b) Porque? (porque exige palavras que lhe completem o sentido). Então é... (transitivo).
 - c) Leiam agora: Rosa deu sua boneca.
 - d) Que perguntariam logo? (A quem, Rosa deu?).
 - e) Portanto, quem dá, dá alguma coisa a alguém, não é?
 - f) Que concluem pois? (que o verbo dar, exige duas cousas: a coisa dada e a pessoa a quem foi dada).
 - g) Que coisa foi dada? (a boneca). A quem foi dada? (a Dulce).
 - h) Portanto, além de transitivo, que outra especie de verbo é deu? (?) Além da coisa dada, que exige mais? (um ser a quem se dê). Logo é um verbo? (relativo).

i) Em conclusão, o verbo dar é?... (ao mesmo tempo transitivo e relativo).

2) Esses verbos, como dar, emprestar, pedir, etc., chamam-se mesmo assim: transitivo-relativos ou bitransitivos.

- a) Formem sentenças com verbos bitransitivos.
- b) Como se conhece um verbo bitransitivo? (perguntando-se ao verbo: o que? quem?). Assim: Paulo mandou um livro a Vicente. Mandou o que? (um livro). A quem? (A Vicente).
- c) Que são, pois, verbos bitransitivos?

VARIAÇÕES DA TRANSITIVIDADE

1) Escrevam as sentenças: Noemia quasi não come.
Nelson comeu a pera.

- a) Observem bem os verbos dessas sentenças.
- b) O verbo comer, normalmente de que especie é? (transitivo).
- c) Comparem esse verbo nas duas sentenças dadas.
- d) Que concluíram? (?). Na primeira sentença é transitivo? (não). Porque? (porque não precisa de palavras que lhe completem o sentido).
- e) Então é?... (intransitivo).

f) E na segunda sentença, é também intransitivo? Si eu escrevesse: Nelson comeu... — Que vocês perguntariam logo? (comeu o que?). Logo comeu nessa sentença é um verbo? (transitivo).

2) Quem sabe me dizer, porque esse verbo transitivo está empregado intransitivamente na primeira sentença? (?).

a) Em que sentido está empregado esse verbo, nessa primeira sentença? (?) Quando eu digo: Noemia quasi não come, quer dizer que ella quasi não come banana, batata ou pão? (não).

b) Que significa, pois? (que ella come pouco, não se alimenta quasi, de um modo geral, seja do que for).

c) Então é esse um sentido especial, particular do verbo comer? (não). Está empregado ahí num sentido geral, não é?

d) Quem responde agora á minha pergunta? (O verbo transitivo comer está usado intransitivamente na primeira sentença, porque está empregado em sentido geral.

3) Leiam agora a outra sentença: Nelson comeu a pera.

a) Porque esse verbo transitivo comeu, conserva a sua natureza, nesta sentença?

b) Em que sentido está empregado? No geral, no individual ou no particular? Quando en digo: Nelson comeu a pera, quer dizer que elle comeu, alimentou-se de um modo geral, de qualquer cousa? (não).

c) Então, em que sentido está empregado esse verbo? (no sentido individual).

d) Que concluem, pois? (que um verbo transitivo conserva a sua natureza, quando usado em sentido individual).

e) Então um verbo transitivo pode ser empregado intransitivamente? (póde). Quando? Deem exemplos.

f) Póde conservar a sua natureza? (póde). Quando?

g) Deem exemplos.

VERBOS INTRANSITIVOS EMPREGADOS TRANSITIVAMENTE.

1) Escrevam: Dormi um bom somno.

 Celso dorme mal!

a) Observem os verbos destas sentenças.

b) Comparem o sentido do verbo dormir nas duas sentenças...

c) Normalmente esse verbo é? (intransitivo, porque por si só forma sentido completo).

d) Na primeira sentença, que especie de verbo é dormi? (transitivo). Porque? (porque o agente não é ao mesmo tempo paciente).

e) Em que sentido está empregado? (individual). A expressão — um bom somno — individualiza o sentido do verbo dormir, não é?

f) Que concluem, pois? (que um verbo intransitivo é usado transitivamente, quando empregado em sentido individual).

g) Deem exemplos.

2) Observem agora a segunda sentença: Celso dorme mal!

a) O verbo dorme é tambem transitivo, ahí? (não, porque não exige palavras que lhe completem o sentido).

b) Então é...? (intransitivo). Em que sentido está empregado? (no sentido geral).

c) Que concluem então? (Um verbo intransitivo, conserva a sua natureza, quando empregado em sentido geral).

d) Deem exemplos.

e) Então um verbo intransitivo pode ser empregado transitivamente? Quando?

- f) Póde também conservar a sua natureza intransitiva? (póde).
g) Quando?

VERBO SER

- 1) Escrevam: O estudo é util.
Emilia será boa mestra.
Sou filha do Brasil.
- a) Esses verbos, é, será, sou, são fórmulas de que verbo? (do verbo ser).
- b) Que indica o verbo ser? Indica acção, actividade, movimento? Quando eu digo: O estudo é util, não estou afirmando alguma coisa a respeito do estudo? Não estou afirmando a existencia dessa qualidade no estudo?!
- c) Que indica, pois, o verbo ser? (existencia, estado).
- a) Serve para que? (para afirmar).
- e) O verbo ser tem função semelhante a dos outros verbos? (não). Porque? (porque os outros exprimem acção e elle não).
- f) Deve então ser classificado entre os outros verbos? (não, pois é um verbo de situação privilegiada, de função especial, logo deve ser destacado).
- g) Sabem qual é o nome que lhe dão por isso? Verbo substantivo. Os outros todos são verbos adjectivos.
- h) Formem sentenças com o verbo ser.
- i) Que indica o verbo ser? Para que serve?
- j) Qual o seu nome? E os dos outros verbos?

RECAPITULAÇÃO GERAL

- 1) Leiam as sentenças: Marina ganhou um vestido.
Os passaros cantam.
Paulo foi ás corridas.
Helena emprestou seu lapis a Dulce.
Ouvi, hontem, uma boa musica.
Os surdos não ouvem.
Sonhei um triste sonho!
Sonhei muito esta noite.
Daniel é patriota.
- a) Observem bem os verbos dessas sentenças.
- b) Que especie de verbo é ganhou? (transitivo). Porque? (porque pede palavras que lhe completem o sentido).
- c) Como se conhece um verbo transitivo? — Porque se chama transitivo?
- d) Qual o paciente da acção verbal? Que é paciente?
- e) Deem exemplos de verbos transitivos.
- 2) Ha algum verbo intransitivo nessas sentenças? (ha).

- a) Mostrem. (na segunda sentença). Que é verbo intransitivo? Porque se chama assim?
- b) Deem exemplos.
- 3) Que especie de verbo é "foi" na terceira sentença? (relativo).
- a) Que é verbo relativo? Deem exemplos.
- 4) Mostrem um verbo bitransitivo nessas sentenças (emprestou). Porque esse verbo é bitransitivo?
- a) Como se conhece o verbo bitransitivo?
- b) Deem exemplos de verbos bitransitivos.
- 5) Comparem o verbo ouvir na quinta e sexta sentenças.
- a) Que concluem? (na quinta, está empregado transitivamente e na sexta, intransitivamente).
- b) Porque? Deem exemplos de verbos assim.
- 6) O verbo sonhei de que especie é? (intransitivo).
- a) E na septima sentença? (está empregado transitivamente. E na oitava? (conserva a sua natureza intransitiva).
- b) Porque? Deem exemplos de verbos assim.
- 7) O verbo "é" da ultima sentença indica acção? (não, porque é uma das formas do verbo ser).
- a) Que indica o verbo ser? (existencia, estado).
- b) Para que serve? Está classificado entre os outros verbos? (não). Porque? (porque tem funcção especial, é diferente dos outros)
- c) Que nome lhe dão por isso?
- d) E os outros verbos que nome tem?

SYNOPSIS

Transi- tividade do verbo	paciente	transitivos	}	empregados transitivamente			
				verbos ade- jtivos	intransiti- vos	}	empregados intransitivamente
	verbo sub- stantivo	}	ser				

V — AS VOZES DO VERBO

(I). REVISÃO.

- 1) O professor escreve no quadro negro:
O cavallo sacode a cauda.
João chora.
- 2) Que é sujeito? (A palavra ou palavras a que se refere o verbo). Qual é o sujeito, na primeira sentença? (Paulo). Na segunda? (João).
- 3) Que é agente? (Aquelle que pratica a acção expressa pelo verbo). Qual é o agente, na primeira sentença? (O cavallo). Na segunda? (João).
- 4) Que é paciente? (Aquelle que soffre a acção praticada pelo agente). Qual é o paciente, na primeira sentença? (a cauda). Na segunda? (João).
- 5) João é agente e paciente ao mesmo tempo, na segunda sentença? (Sim). Então, o verbo "chorar" que verbo é? (intransitivo).

(II) DEFINIÇÃO DE VOZ ACTIVA E PASSIVA.

ESCRIPTA DE SENTENÇAS.

- 1) O professor escreve no quadro negro e manda que os alumnos copiem;
Paulo esporeou o animal.
A arvore foi derrubada pelo raio.

OBSERVAÇÃO.

- 2) Qual é o sujeito da primeira sentença? (Paulo).
- 3) Qual é o agente da primeira sentença? (Paulo).
- 4) Qual é o paciente da primeira sentença? (o animal).
- 5) Qual é o sujeito da segunda sentença? (A arvore).
- 6) Qual é o agente da segunda sentença? (o raio).
- 7) Qual é o paciente da segunda sentença? (A arvore).
- 8) Na primeira sentença, "Paulo" o que é? (Agente e sujeito).
- 9) Na segunda sentença, "arvore" o que é? (Paciente e sujeito).

COMPARAÇÃO.

- 1) Qual é a differença entre o sujeito da primeira e o da segunda sentenças? (Na primeira sentença o sujeito é o agente, na segunda sentença o sujeito é o paciente).
- 2) Na primeira sentença, o verbo faz então com que o sujeito aja, na segunda sentença faz com que o sujeito seja passivo? (Sim).

Se os alumnos não comprehendem que é o verbo que torna o sujeito agente ou paciente, o professor pergunta:

“Se na primeira sentença eu substituir “esporeou” por “foi morto”, “Paulo” não se torna paciente? (Sim).

Logo, conforme o verbo, “Paulo” é agente ou paciente? (Sim). Então é ou não é o verbo que faz com que o sujeito seja agente ou paciente?.

GENERALIZAÇÃO—INDUÇÃO.

1) Os verbos então podem fazer com que o sujeito seja paciente, ou agente? (Sim).

2) Pois bem, no primeiro caso o verbo está na voz activa, no segundo caso está na voz passiva.

DEDUÇÃO

1) Quando é que o verbo está na voz passiva? (Quando o sujeito é paciente).

2) Quando é que o verbo está na voz activa? (Quando o sujeito é agente).

3) Dêem-me exemplos de sentenças com verbos na voz passiva e activa.

(III) VERBOS AUXILIARES

ESCRITA DE SENTENÇAS

1) O professor escreve no quadro negro e manda que os alumnos copiem, diversos exemplos de sentenças na voz activa e passiva.

O carro subiu a ladeira.

A flor abriu as pétalas.

Paulo quebrou a caneta.

O papel foi rasgado por João.

O mel foi colhido pelas abelhas.

A folha está cortada por Pedro.

O vencedor era carregado pelo povo.

O pão é amassado pelo padeiro.

A terra está iluminada pela lua.

Cortaram-se muitas árvores.

Alugam-se casas.

OBSERVAÇÃO

1) Observem as sentenças da voz activa e digam-me por quantas palavras a acção é expressa? (Por uma palavra).

2) Observem as sentenças da voz passiva, e digam-me por quantas palavras a acção é expressa? (Por duas palavras).

a) Na primeira sentença, qual é a acção indicada? (A acção de rasgar).

b) Mas qual é a palavra que nos diz que a acção é de rasgar, das duas: "foi rasgado"? (rasgado).

c) Mas esta seria uma sentença: "O papel rasgado por João? (Não).

d) A outra palavra, "foi", também é necessaria? (Sim). Se é necessaria, ajuda "rasgado" a indicar a acção? (Sim).

e) Se ajuda, auxilia, que é? (Auxiliar, ajudante).

GENERALIZAÇÃO.—INDUÇÃO.

1) Escrevam de um lado do papel todos os auxiliares das sentenças da voz passiva:

Foi; foi; está; era; é, está, se, se.

2) Mas "foi" "era", "é" a que verbo pertencem? (ao verbo ser).

3) Quaes são, portanto, os auxiliares? (Verbo estar, verbo ser e particula "se").

DEDUÇÃO.

1) Dêem-me exemplos de sentenças com o verbo assignalando os auxiliares.

2) Pode haver verbos na voz passiva sem auxiliares? Procurem fazer uma sentença na voz passiva, sem um dos tres auxiliares.

IV — MUDANÇAS DE VOZES

ESCRITA DE SENTENÇAS

1) O professor escreve no quadro negro e manda que os alumnos copiem:

Paulo rasgou o livro.

OBSERVAÇÃO

O livro foi rasgado por Paulo.

1) Na primeira sentença, qual é o agente? (Paulo). Na segunda? (Paulo).

2) Na primeira sentença, qual é o paciente? (Livro). Na segunda? (livro).

3) Qual é a acção expressa pelo verbo, na primeira sentença? (A de rasgar, no passado). Na segunda? (A de rasgar, no passado).

COMPARAÇÃO.

1) Quem pratica a acção é o mesmo, quem recebe a acção é o mesmo, e a acção é a mesma, logo as duas sentenças significam a mesma coisa? (Sim).

2) Qual é a diferença entre ellas? (Uma está na voz passiva, e outra na voz activa).

3) Dê-mo exemplos de sentenças que possam ser postas na voz activa e na voz passiva, com o mesmo sentido.

João come pão.

O pão é comido por João.

O pão está comido por João.

4) Observem estas sentenças e digam: "Pão", que é o complemento directo da primeira, torna-se o que, nas duas ultimas? (Sujeito).

GENERALIZAÇÃO — INDUÇÃO.

1) Observem diversas sentenças e digam se em todas as sentenças da voz activa, quando ellas passam para a passiva, o complemento directo torna-se sujeito? (Torna-se). Porque o complemento directo, sendo o paciente, na voz passiva o sujeito é o paciente, logo o complemento directo deve se tornar sujeito.

2) Vocês podem passar para a voz passiva um verbo intransitivo? (Não). Porque? (Porque os verbos intransitivos não tem complemento directo, logo não poderia ter sujeito, na voz passiva).

DEDUÇÃO.

O professor dá diversos exemplos de sentenças com o verbo na voz activa, e manda que os alumnos passem para a voz passiva, aquellas que puderem, declarando a causa das que não puderem.

(V).—RECAPITULAÇÃO GERAL.

1) O professor faz uma recapitulação por meio de perguntas, e escreve a synopse no quadro negro.

VERBO	{	Transitivo	{	Voz activa	{	agente : sujeito	}
				Paciente : complemento directo			
		}	Voz passiva	{	agente : ligado o verbo por "por"	}	
			paciente : sujeito				
	{	Intransitivo	{	Voz activa	{	agente : sujeito	}
			paciente : (não ha)				
Palavras que exprimem a acção	{	voz activa (um só verbo)	{	um verbo	{	verbos	}
		voz passiva	{	auxiliar		particula SE	

Magda Soares Costa.

Djalma Forjaz Junior

V — VOZES DO VERBO

V lição

Plano de aula.

I — Revisão.

a) Formem sentenças com verbos transitivos, intransitivos e relativos.

b) Definição e explicação de cada um delles.

II — O professor escreve no quadro negro umas 5 ou 6 sentenças simples para que os alumnos, sem difficuldade, possam achar o sujeito e o predicado, o agente e o paciente.

Pedro leu o livro
 José prendeu Raul.
 A costureira faz vestidos
 Eu contemplo o mar
 O gato arranhou João
 Acabei a minha lição
 Comprei pennas.

III — Qual o sujeito da primeira sentença? (Roberto).

a) Qual a acção nella affirmada? (a acção de ler).

b) O mesmo se faz com as outras sentenças.

c) O professor explica aos alumnos que quando o sujeito pratica a acção elle se chama "agente".

IV — Sem apagar as anteriores, o professor escreve no quadro negro outras 5 ou 6 sentenças:

O livro foi lido por Pedro
 Raul foi preso por José
 Os vestidos são feitos pela costureira
 O mar é contemplado por mim
 João foi arranhado pelo gato
 A minha lição está acabada
 Compram-se pennas.

V — Qual o sujeito da primeira sentença? (O livro).

a) Qual a acção nella affirmada? (a acção de ler).

b) Nesta sentença o sujeito é tambem o agente da acção de ler? (não).

c) Qual o agente então? (Pedro).

d) O professor explica que quando o sujeito soffre a acção verbal, elle se chama "paciente".

e) O mesmo se faz com as sentenças seguintes:

VI — Observem e comparem estas duas sentenças:

Pedro leu o livro
 O livro foi lido por Pedro.

a) Que notam a respeito do sujeito? (ora, é o agente, ora é o paciente da acção verbal).

b) Então, que póde fazer o sujeito numa sentença? (Praticar ou soffrer a acção).

VII — Quando é que se diz que o sujeito é o agente da acção? (quando elle pratica a acção). E quando é que é o paciente? (quando soffre a acção).

VIII — Quando o sujeito pratica a acção diz-se que o verbo está na voz activa; quando soffre a acção, na voz passiva.

IX — Que é verbo na voz activa? E na passiva?

X — Mostrem nas sentenças escriptas quaes os verbos da voz activa e quaes os da voz passiva.

XI — Como distinguimos a voz activa da passiva? (os verbos passivos são sempre auxiliados pelos verbos “ser”, “estar” ou pela particula “se” (os alumnos confrontam as ultimas sentenças com as primeiras).

XII — Deem exemplos de sentenças com verbos intransitivos.

Pau'lo corre
José dorme
Roberto brinca.

XIII — Ponham estas sentenças na voz passiva. (não se póde). Porque? (não formam sentido).

XIV — Agora deem exemplos de sentenças com verbos transitivos.

Eu comi a maçã
Mario comprou o livro.

XV — Podem passar estas sentenças para a voz passiva? (sim). Passem então.

A maçã foi comida por mim
O livro foi comprado por Mario.

XVI — Quaes são, portanto, os verbos que podem estar na voz passiva? (os transitivos). E quaes os que não podem estar na voz passiva? (os intransitivos).

a) Exemplos de sentenças na voz activa e na passiva.

b) Passagem de sentenças da voz activa para a passiva e vice-versa.

XVII — Recapitulação:

XVIII — O professor ou um alumno faz a synopse da lição no quadro negro e a classe copia.

Magda Soares Costa, n.º 42, 3.º anno.

PREDICAÇÃO DOS VERBOS

I — REVISÃO

- a) O professor manda formar sentenças, sendo as melhores escriptas no quadro negro.
- b) Manda indicar nessas sentenças o sujeito, o predicado, o verbo, a voz, o agente e o paciente.
- c) Independente do sentido, como reconheceis a vóz passiva?
- d) Quaes os verbos que podem estar na voz activa? Na passiva?

VERBOS DE PREDICAÇÃO INCOMPLETA.

- 2.º — O professor escreve no quadro negro:
O trabalho merece
Maria pediu
Eu gosto
- 3.º — Compreenderam o sentido? (R. Não). Porque? (Guia as respostas até obter: — Porque faltam palavras que completem o sentido dessas sentenças).
- 4.º — Completem as sentenças.
O trabalho merece recompensa.
Maria pediu-me um livro.
Eu gosto de fructas.
- 5.º — a) Assignalem o predicado.
b) Então era o predicado que estava incompleto? (Era). Porque? (porque sempre se merece, se pede ou se gosta de alguma coisa).
c) Ha, pois, verbos que por si só não podem constituir um predicado? (R. Sim).
- 6.º — O professor informa então que os verbos que por si só não completam o sentido do predicado, chamam-se verbos de predicação incompleta.
- 7.º — Pede a definição e exemplos de verbos de predicação incompleta.

VERBOS DE PREDICAÇÃO COMPLETA

- 8.ª — O professor escreve:
O cachorrinho de Luiz morreu.
Os passaros cantam.
Vende-se esta casa.
- 9.º — A classe lê e assignala o predicado.
- 10.º — Então nessas sentenças o predicado é constituido só pelo verbo? (Sim). Ha, pois, verbos que por si só completem o sentido do predicado? (Ha).
- 11.º — O professor informa a classe que os verbos nessas condições chamam-se verbos de predicação completa.

12.º — A classe define os verbos de predicação completa. Dá exemplos.

13.º — O professor escreve:

O cachorrinho de Luiz morreu hontem.

Os passaros cantam alegremente nos seus ninhos.

14.º — a) Assignalem o predicado.

b) Os verbos “morreu” e “cantam” nessas sentenças deixaram de ser verbos de predicação completa? (Naturalmente as respostas serão contrarias).

c) O professor manda os que estão em duvida retirarem todas as palavras do predicado, deixando somente os verbos. Então o verbo sosinho completa o predicado? (Sim). Póde, pois, o verbo de predicação completa apparecer só, ou acompanhado de outras palavras? (Sim).

O que o caracteriza então? (Guia as respostas até obter: Poder constituir sosinho o predicado).

15.º — Qual a differença entre os verbos de predicação completa e os de incompleta?

16.º — O professor dá á classe uma historieta adrede escolhida, para ella assignalar de modo differente, os verbos de predicação completa, incompleta, de voz activa e passiva, os transitivos, intransitivos, e os relativos.

17.º — Guia a observação da classe até ella chegar a conclusão de que só podem ser de predicação completa, os verbos intransitivos ou os transitivos na voz passiva; de predicação incompleta os trantivos na voz activa e os relativos.

PREDICAÇÃO DOS VERBOS

1 — REVISÃO SOBRE AS VOZES DO VERBO

a) O professor escreve sentenças e que os verbos estejam na voz activa:

Antonio quebrou a chicara.

Maria colheu a flor.

O jardineiro podou as roseiras.

b) Qual é o sujeito da I sentença? (Antonio). Quem praticou a acção designada pelo verbo? (Antonio). Logo, qual é o agente desta sentença? (o mesmo sujeito). Que é agente?

c) O mesmo se faz com as outras sentenças.

d) O prof. colloca-as na voz passiva:

A chicara foi quebrada por Antonio.

A flor foi colhida por Maria.

As roseiras foram podadas pelo jardineiro.

e) Qual é o sujeito da I sentença? (A chicara). Quem sofre a acção designada pelo verbo? (A chicara). Qual é o paciente da acção verbal? (A chicara). Que é paciente?

f) O mesmo se faz com as outras sentenças.

g) Em que voz estão as tres primeiras sentenças? (na voz activa). Porque? (Porque o sujeito é o agente da acção verbal). E em que voz estão as tres ultimas sentenças? (voz passiva). Porque? (Porque o sujeito é o paciente da acção verbal). Quaes são os auxiliares da voz passiva? (Os verbos ser, estar e a particula se).

h) Quaes são os verbos que sempre podem ficar na voz passiva? (os transitivos). E quaes os que estão sempre na activa? (Os intransitivos).

2. VERBOS DE PREDICAÇÃO INCOMPLETA

a) O prof. escreve:

O homem matou....

Assistimos...

Marina deu...

b) Vocês entendem estas sentenças? (não). Separem o sujeito do predicado. Qual é o predicado da primeira sentença? (Matou). Vocês o entendem? (não). Porque? (Por não estar completo). Que falta dizer para completá-lo? (O que o homem matou). Quem é capaz de completá-lo? Você. (O homem matou o tigre, o leão, etc.). Essas palavras leão, tigre, que função têm nessa sentença? Função de completar o sentido). A parte que completa o sentido chama-se complemento. Que é complemento?

c) O professor fará os alumnos completarem o predicado de todas as sentenças:

O homem matou o leão.

Assistimos ao espectáculo.

Marina deu esmola a um pobre.

d) Então, matou, assistimos, deu, por si só não formam um predicado completo, não é verdade? (E'). Esses verbos que por si só não formam um predicado chamam-se verbos de predicação incompleta. Que são verbos de predicação incompleta? Dêem-me exemplos desses verbos.

e) Quem sabe dizer-me como se chama o verbo matar? (transitivo). Porque? E o verbo assistir? (relativo). Porque? E o verbo dar? (bitransitivo) Porque?

f) O verbo matar é um verbo transitivo. Mas quem se lembra que mais é elle? (Um verbo de predicação incompleta). E o verbo assistir, além de relativo é também...? (Um verbo de predicação

incompleta). E dar? (Além de bitransitivo é de predicação incompleta).

g) Quaes são, pois, os verbos de predicação incompleta? (Os transitivos, relativos e bitransitivos ou transitivos relativos). Porque? (Porque todos elles pedem complementos).

3. VERBOS DE PREDICAÇÃO COMPLETA.

a) O professor escreve sentenças como estas:

Paulo dorme.

A aguia voa.

O peixe nada.

b) Vocês entendem estas sentenças? (sim). Qual é o predicado da primeira? (dorme). Dorme exprime toda a cousa affirmada do sujeito? (exprime).

c) Comparem estas duas sentenças...

O homem matou...

Paulo dorme...

d) O verbo matou forma um predicado? (Não). Porque? (porque é um verbo de predicação incompleta). Si o verbo matar é de predicação incompleta porque não fórma predicado, que nome devemos dar ao verbo dormir, que forma predicado? (verbo de predicação completa).

e) Como é que se denominam os verbos dormir, voar, nadar? (intransitivos) Porque?

f) Elles além de intransitivos são tambem...? (de predicação completa). Somente os intransitivos são de predicação completa? (Sim, porque os outros são de predicação incompleta).

g) Em quantos grupos podemos dividir os verbos, quanto á predicação? (Em dois). Quaes? (Verbos de predicação incompleta e verbos de predicação completa).

h) Dêem-me exemplos de verbos de predicação incompleta e completa.

4 VERBOS TRANSITIVOS NA VOZ PASSIVA (predicação completa).

a) O professor escreve:

A casa de Cesar foi vendida.

A rosa foi colhida.

b) Em que voz está o verbo dessas sentenças? (voz passiva). Ha algum complemento? (não). O sentido é completo? (E'). Os verbos colher, vender, como se denominam? (transitivos). Que notam vocês, então? (Que os verbos transitivos na voz passiva são de predicação completa).

5. COMPLEMENTOS ACCIDENTAES.

a) O professor escreve:

Paulo dorme...

José estuda.

b) Vocês entendem essas sentenças, não é? (Sim). Porque? (Porque os verbos dormir, estudar, são de predicação completa, isto é, formam, por si só, um predicado completo).

c) Si juntarmos na primeira sentença a palavra bem, bem completa o sentido? (Não). Porque? (Porque elle já está completo). Mas a palavra bem modifica o sentido, não? (Modifica). Qual é a sua função, então? (Função de modificar a acção expressa pelo verbo). As palavras que modificam a acção expressa pelo verbo também se chamam complementos.

d) Quem, então, define complemento? (Complemento é a parte que completa ou modifica a acção expressa pelo verbo).

e) Na segunda sentença, José estuda, pode-se acrescentar algum complemento? (Sim). Quem me dá um exemplo? (muito, pouco, etc.). Mas esse complemento é essencial á phrase? (Não). Si não é essencial, como poderemos chamal-o? (accidental).

f) Dê-m-me exemplos de sentenças com verbos de predicação completa acompanhados desses complementos accidentaes.

6. — RECAPITULAÇÃO GERAL.

a) Quanto á predicação em quantas classes distribuem-se os verbos? (duas). Quaes? (verbos de predicação incompleta e completa).

b) Quaes são os verbos de predicação incompleta? (os que por si só não formam predicado). E os de predicação completa? (os que formam predicado).

c) Ao primeiro grupo pertencem que especies de verbos? (transitivos, relativos e bitransitivos). E ao segundo? (Os intransitivos e transitivos na voz passiva).

d) Que é complemento? Dê-m-me exemplos de complementos essenciaes e accidentaes.

7. — SYNOPSE.

Verbos	{	de predicação incompleta	{	transitivos
				relativos
				bitransitivos ou transitivos relativos
		de predicação completa	{	intransitivos
				transitivos na voz passiva

Anna Emilia Pereira de Souza, Ismeria Cintra Ferreira de Camargo, Clarisse Barbosa Pinheiro Lima, Carmelita Grassi Bonilha.

— 3.º anno. A

SUJEITO-SUAS FORMAS

- 1.—Sujeito simples e composto.
- 2.—Sujeito simples ampliado.
- 3.—Sujeito composto ampliado.

I—REVISÃO.

- a) Escrevam:.

Eu levava
Pedro gosta
Lucia é.

b) Formam sentido completo? (Não). Que falta? (o complemento). Levava, gosta, é, que verbos são então? (verbos de predicação incompleta? Que são verbos de predicação incompleta?

- c)—Escrevam:

O canario canta.
O menino corre.
Eu passeio.

d. — Formam sentido completo? (Sim). Que verbos são então? (Verbos de predicação completa). Que são verbos de predicação completa? (Os que, por si só, formam um predicado).

II—PREPARAÇÃO:

a) Este numero "1" de quantos algarismos é formado? (De um algarismo). E quantas unidades ou seres representa? (Um). E este numero 8 de quantos algarismos é formado? (de um). Quantos seres representam, um ou mais de um. (mais de um).

b) Os numeros 1 e 8 são numeros simples, porque são formados de um só algarismo. Que significa, então, uma coisa simples? (Significa uma coisa formada de uma só parte).

c) Este numero 52 de quantos algarismos é constituído? (De dois). E este (3684)? (De quatro). Os numeros 52 e 3684 são numeros simples? (Não). Porque? (Porque são formados de mais de um algarismo). Estes numeros são compostos.

- d) Escrevam:

flor
chuva
beija-flor
guarda-chuva.

e) Flor é uma palavra simples ou composta? (Simples) E beija-flor? (Composta). Porque? (Porque é formada de mais de uma palavra). Esta folha é simples ou composta? (Simples). E esta? (Composta). Porque? (Porque é formada de diversas partes). Deem exemplos de cousa simples... Você! (Regua). De cousa composta... Você! (Cadeira).

III—ESCRITA DE SENTENÇAS:

a) Escrevam:

Luiza sabe a lição.
Paulo chora
Pedro e Luiz correm.
Camélias, rosas e cravos são flores.

IV—OBSERVAÇÃO DE SENTENÇAS:

a) Qual é o sujeito da primeira sentença? (Luiza). Qual é o predicado? (sabe a lição). Qual é o sujeito da segunda? (Paulo). Qual o predicado? (chora). Qual o sujeito da terceira? (Pedro e Luiz). Qual o predicado? (correm). Qual o sujeito da quarta? (Camélias, rosas e cravos). Qual o predicado? (são flores).

Luiza	}	sabe a lição.
Paulo		chora.
Pedro e Luiz		correm.
Camélias, rosas, e cravos		são flores.

V—COMPARAÇÃO DE SENTENÇAS:

a) Na primeira sentença, o verbo se refere a...? (Luiza). Na segunda, elle se refere ao sujeito...? (Paulo). E na terceira, quem faz a acção de correr? E' Pedro ou Luiz? (Pedro e Luiz). E na quarta, a que sujeito se refere o verbo? (Camélias, rosas e cravos).

b) Que notam então de differente, nas duas primeiras e ultimas sentenças? (Nas duas primeiras o sujeito é formado de uma só palavra, e, nas duas ultimas, de mais de uma).

c) Como se deve chamar ao sujeito das duas primeiras? (Sujeito simples). E ao das duas ultimas? (Sujeito composto).

VI.—INDUÇÃO DE DEFINIÇÃO:

Que é sujeito simples? (E' o formado de uma só palavra) E sujeito composto? (E' o formado de mais de uma palavra, ás quaes o verbo se refere). Repita, você... você...

VII—DEDUÇÃO:

Escreve varias sentenças, perguntando si o sujeito é simples ou composto; pede exemplos de sentenças com sujeito simples e composto.

b) — Separem, em todas as sentenças, o sujeito do predicado.

2.

PREPARAÇÃO:

a) Escreve:

Vou ampliar o meu jardim.

Reparei que o quarto de Maria estava ampliado.

Papae mandou ampliar a casa.

b) Que vou fazer no meu jardim? (Augmental-o). Como estava o quarto de Maria? (Maior, augmentado). Sabem, então, que é ampliar? Façam sentenças com essa palavra.

ESCRIPTA DE SENTENÇAS:

Escrevam:

Luiza sabe a lição.

A boneca de Luiza é bonita.

OBSERVAÇÃO DE SENTENÇAS:

a) Qual é o sujeito da primeira sentença? (Luiza). Qual o predicado? (sabe a lição). Qual o sujeito da segunda? (A boneca de Luiza). E o predicado? (é bonita).

b) Separem, nessas sentenças, o sujeito do predicado:

Luiza	{	sabe a lição.
A boneca de Luiza	}	bonita.

COMPARAÇÃO DE SENTENÇAS:

O sujeito da primeira sentença é simples ou composto? (Simple). Quantas palavras formam o sujeito da segunda sentença? (Quatro). Mas quem é bonita, Luiza ou a boneca? (A boneca). Então a

quantas palavras se refere o verbo? (a uma: boneca). Este sujeito é simples ou composto? (Simples). Porque? (Porque o verbo se refere só a uma palavra). Mas que diferença ha entre o sujeito destas duas sentenças? (Na primeira, é expresso por uma só palavra; na segunda, é expresso por mais de uma, mas o verbo se refere só a uma).

Escreve: Boneca é bonita. Lendo esta sentença, que pergunta vocês fariam? (Que boneca?). De modo que, para se entender bem, é preciso dizer: a boneca de Luiza? (E'). Então a palavra "boneca", para que a sentença fique bem clara, precisa de ser... (ampliada). Como chamarei, então, a este sujeito que foi augmentado? (Simples ampliado).

INDUÇÃO DE DEFINIÇÃO:

Como pode ser o sujeito simples? (Simples e simples ampliado). Que é sujeito simples? (O expresso por uma só palavra). E simples ampliado? (O que necessita de outras palavras para ser bem comprehensivel). Repita você... você... você...

DEDUÇÃO:

Escrever sentenças com sujeitos simples e simples ampliado para as creanças os distinguirem. Pede exemplos.

3.

ESCRITA DE SENTENÇAS:

Escrevam:

Pedro e Luiz correm.

O cavallinho de Pedro e o boneco de Luiz quebraram-se.

OBSERVAÇÃO DE SENTENÇAS:

a) Qual é o sujeito da primeira sentença? (Pedro e Luiz). O predicado? (correm). Qual o sujeito da segunda? (O cavallinho de Pedro e o boneco de Luiz). O predicado? (quebraram-se).

b) Separem, nessas sentenças, o sujeito do predicado:

Pedro e Luiz	{	correm.
O cavallinho de Pedro e o boneco de Luiz	{	quebraram-se.

COMPARAÇÃO DE SENTENÇAS:

a) Que são estes sujeitos? (Compostos). Vou separar-os, formando, de cada sentença, duas sentenças:

Pedro	}	corrê
Luiz		corre
O cavallinho de Pedro		quebrou-se
O boneco de Luiz		quebrou-se

b) Que serão agora estes sujeitos? (Simples). Pedro, que sujeito é? (Simples). E Luiz? (Simples). O cavallinho de Pedro, que sujeito é? (Simples ampliado). E o boneco de Luiz? (Simples ampliado).

c) Juntando Pedro e Luiz, numa sentença, que sujeito fica? (Composto). E si juntarmos (O cavallinho de Pedro e o boneco de Luiz, que são dois sujeitos simples ampliados, em uma sentença, que sujeito ficará? (Sujeito composto ampliado).

INDUCÇÃO DE DEFINIÇÃO:

Que é sujeito composto ampliado? (O que é formado de dois ou mais sujeitos simples ampliados). Outra definição consequente? (O sujeito composto que necessita de outras palavras, para se tornar bem comprehensível). Repita você... você...

DEDUCÇÃO:

Escrever sentenças com sujeito composto e composto ampliado para as creanças os distinguirem. Pede exemplos de uns e outros.

1. 2. 3.

VIII—RECAPITULAÇÃO:

a) Quantas especies ha de sujeitos? (Quatro). Quaes são? (Simples, simples-ampliado, composto e composto-ampliado). Que o sujeito simples? Simples-ampliado? Composto? Composto-ampliado?

b) Escrevam:

A fé, a esperança e a caridade são grandes virtudes.

A irmã de Maria comeu fructas.

Paulo escreveu uma carta.

O perfume das flores e o riso das creanças são irmãos.

c) Que especie é o sujeito da primeira sentença? (Composto) Porque? Que especie é o da segunda? Porque? O da terceira é...? Porque? E o da quarta? Porque?

IX—SYNOPSIS.

a) Façam a synopsis do que aprenderam, pondo um exemplo de cada forma de sujeito:

Sujeito	}	Simple	Deus é hom
		Simple-ampliado . .	A bandeira do Brasil erguia-se magentosa
		Composto	Lucio e Armando foram passear
		Composto ampliado. .	A arte de Guiomar e a sciencia de Ruy Barbosa são duas glorias brasileiras

b) Escrevam, no fim do summario, uma definição propria de cada sujeito.

Maria Eulalia da Silva.
Haydée Bueno de Camargo.
Emilia Loureiro
Lourdes de Paula Ramos.

PARA ENTENDER AS FRACÇÕES

II

PLANOS DE AULA

Os planos de aula, sendo geraes, precisam de ser adaptados a cada caso particular.

Deve ser modificada a sua extensão, ou a sua ordem, ou as suas partes, ou o modo de apresental-os—conforme o horario, o programma, o adiantamento da classe e das varias secções, o estado mental de cada typo de educando, a orientação de ensino a que se habituaram os alumnos, o regulamento escolar, a oportunidade, e outras mil circumstancias occasionaes.

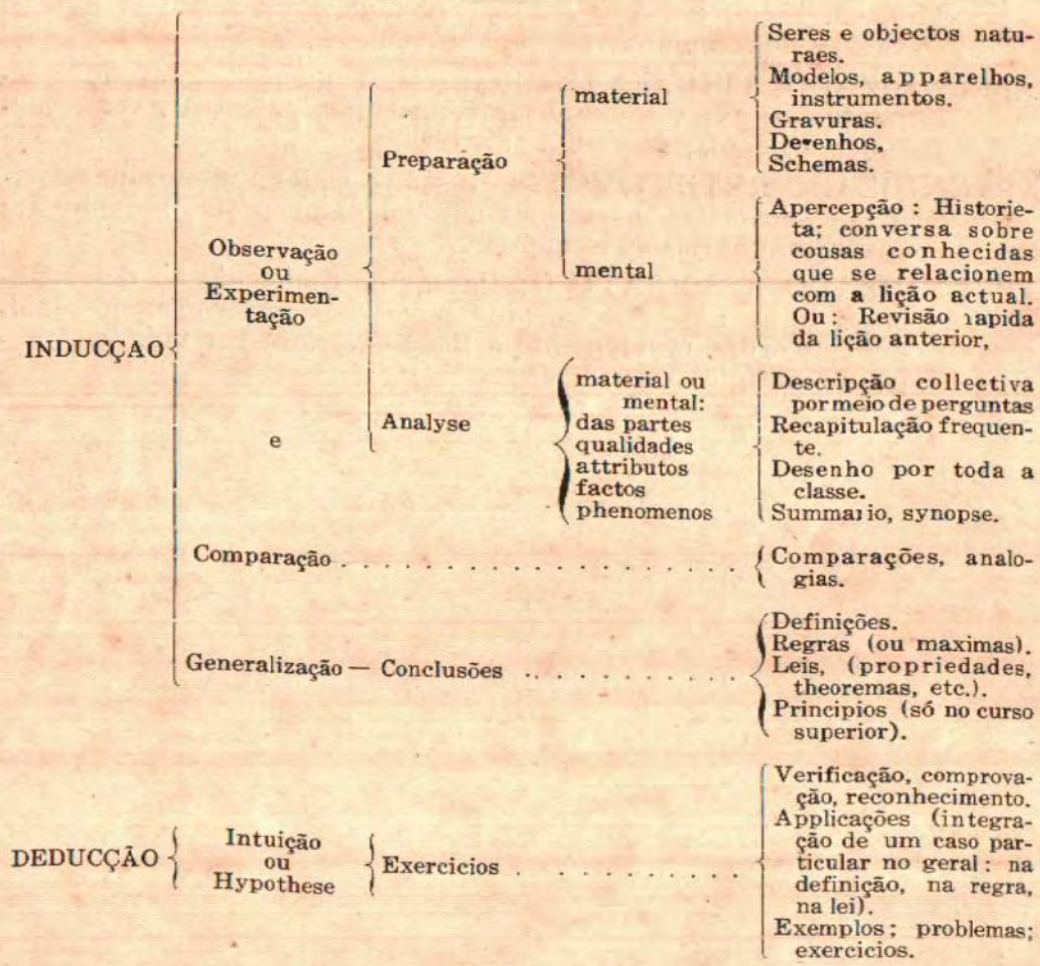
Podera-se até comparal-os ás receitas de doces, as quaes, muita vez, a despeito da habilidade do doceiro, não dão ponto ou saem puxa-puxa.

Sem embargo, estes modelos orientam e suggerem novos typos de planos á capacidade creadora dos professores intelligentes.

PLANO GERAL DE LIÇÕES INDUCTIVAS

(De accordo com a marcha do conhecimento, isto é, com o methodo inductivo e deductivo e seus seis processos).

METHODOS PROCESSOS MOMENTOS



CRITERIOS PARA A APPLICAÇÃO DO PLANO:

- APRENDIZADO EDUCATIVO: Educar a atenção, a percepção, o raciocinio, a vontade, o senso esthetico e moral, etc.
- APRENDIZADO ACTIVO: "Cada" alumno faz tudo: todas as lições, todos os exercicios, todas as experiencias; descobre as definições, as regras, as propriedades e exemplifica, apenas guiado pelo professor.
- APRENDIZADO INDUCTIVO: Diante dos seres, partir das cousas, dos exemplos, dos factos, para as definições, as regras, as leis.
- APRENDIZADO DEDUCTIVO: Fazer applicações, exemplificações, comprovações.

- APRENDIZADO CONCRETO:** Partir do concreto para o abstracto: empregar seres e objectos naturaes, modelos, aparelhos, instrumentos; na falta, gravuras, desenhos, schemas. Cada alumno deve ter um exemplar do objecto.
- APRENDIZADO ANALYTICO:** Partir do todo para as partes; fazer analyses successivas.
- APRENDIZADO CONSCIENTE:** Quanto possivel, tudo deve passar pela observação e pelo raciocinio do alumno. Appellar-se para o seu senso critico. Verificar a todo o momento si a lição está sendo comprehendida.
- APRENDIZADO ATTRAENTE:** Despertar e manter a attenção espontanea: fazer a classe agir, inventar, palestrar, ver e manejar objectos; fazer-lhe surpresas.
- APRENDIZADO RETENTIVO:** Interessar o maior numero de actividades sensoriaes e perceptivas; mandar repetir; recapitular; fazer summarios ou synopses.
- APRENDIZADO ASSOCIATIVO:** Passar do conhecido ao desconhecido; ligar os conhecimentos novos aos anteriormente sabidos; recordar rapidamente a lição anterior; ter unidade, proposito definido.
-

PLANO DE AULA SOBRE ORIGEM DAS FRACÇÕES

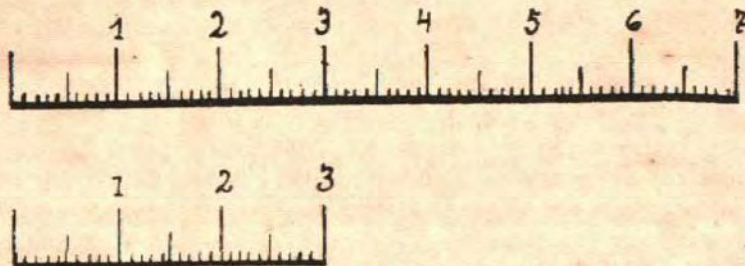
1. Material: folhas de papel para cada alumno.

2. Problema: Dividam todos, 3 folhas de papel por 2 meninos. Quanto cabe a cada um? (1 folha). Quanto resta? (1 folha). Não se pode cortar essa folha restante em partes iguaes e dividil-as pelos meninos? (pode-se). Em quantas partes? (em 2). Porque em duas? (porque são dois meninos).

3. Cortem-n'a. Cada parte se chama um meio e se escreve assim: $\frac{1}{2}$. Escrevam. Quantas partes ou quantos meios cabem a cada menino? (1 meio).

4. Façam, como eu faço, a divisão com algarismos: $3 \overline{)2}$. Completam o quociente: $3 \overline{)2} : 3 \overline{)2}$.
 $1 \text{ ou } \frac{2}{2}$ $1 \text{ ou } \frac{2}{2}$

4. Problema: Façam uma recta de 7 cm. e outra de 3 cm.:



Quantas vezes uma contém outra? (2 vezes). Quanto resta? (1 cm.). Esse resto 1 contém o divisor 3? ou parte d'elle? (parte). Em quantas partes se precisa dividir o 3? (em 3 partes).

Cada uma dessas partes se chama um terço e se escreve assim:

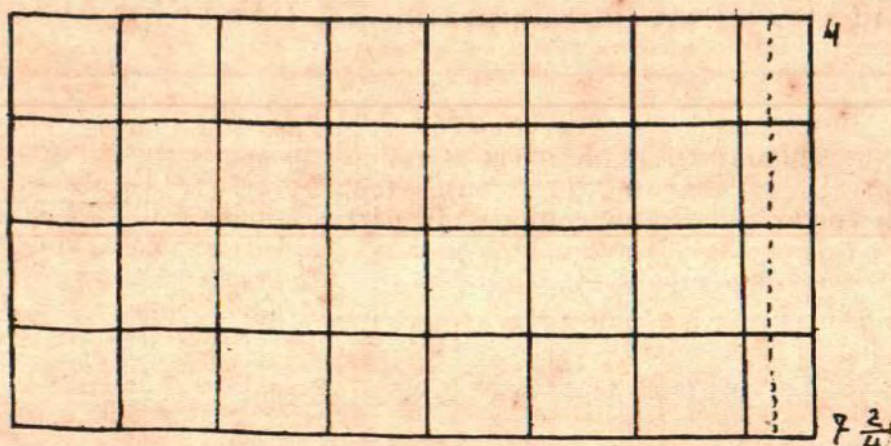
$\frac{1}{3}$. Escrevam: 1 quantas partes contém do divisor 3? ($\frac{1}{3}$).

5. Façam a divisão com algarismos e completam o quociente:

$$\begin{array}{r} 7 \overline{)3} \\ 1 \ 2 \\ \hline 3 \end{array} \quad \begin{array}{r} 7 \overline{)3} \\ 1 \ 2 \\ \hline 3 \end{array}$$

6. Problema: A área de um rectangulo é de 30 cm.² e a altura 4 cm.; qual é a base?

Tracem uma recta vertical de 4 cm. e marquem os cm. Tracem nos extremos duas horizontaes e vão marcando os cm. até o producto por 4 dar ou approximar-se de 30. Quantos cm. deu? (7).



Quantos restaram? (2) Quantos cm^2 tem esse rectângulo? (28)
 Quanto falta para 30 cm^2 (2 cm^2). Esses 2 cm^2 não
 podem ser repartidos e suas partes collocadas igualmente pelas
 4 fileiras? (póde). Como? (dividindo-os por 4). Porque por 4? (por
 que são 4 fileiras). Façam isso.

7. Cada parte se chama um quarto e se escreve assim $\frac{1}{4}$. Es-

crevam. Quantos quartos vão em cada fileira? $\frac{2}{4}$

8. Façam com algarismos e completem o quociente:

$$\begin{array}{r} 30 \overline{) 4} \\ -2 \quad 7 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{r} 30 \overline{) 4} \\ \quad 2 \\ \quad 2 \quad 7 \overline{) 4} \\ \quad \quad 4 \\ \hline \end{array}$$

9. Dá-se uma serie de divisões inexactas semelhantes a essas
 em que o divisor seja agora 5, 6, 7, 8, 9, 10, 15, 24, 100, 1000, etc.,
 e possam apparecer as varias fracções.

10. Essas partes iguaes da unidade, como $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{3}$, $\frac{4}{7}$, $\frac{5}{9}$, etc.,

se chamam fracções. Que são fracções? Deem exemplos.

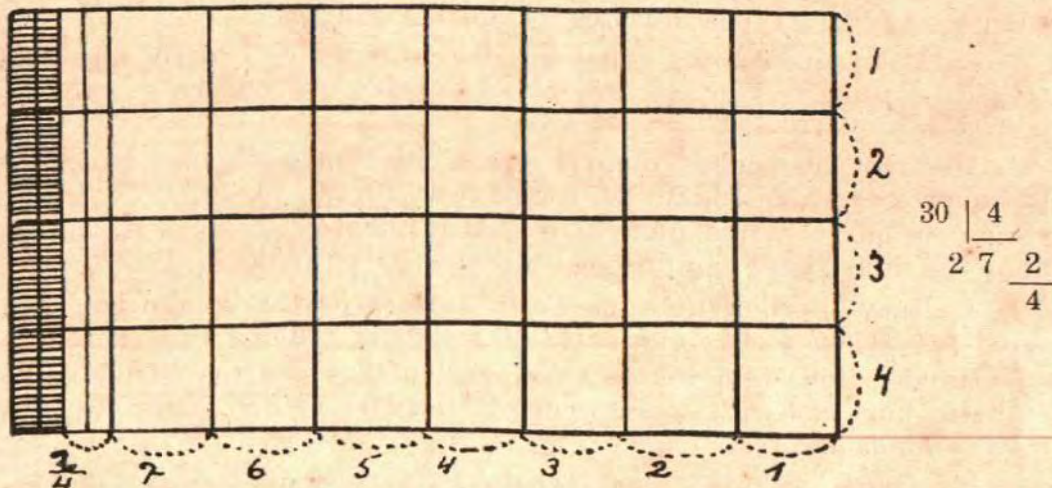
11. Não parecia possivel dividir-se 2 por 3, 5 por 4, 7 por 9, etc.,
 e a pratica mostra ser possivel, com as fracções. Como surgiram as
 fracções?

12. Inventem problemas semelhantes a esses.

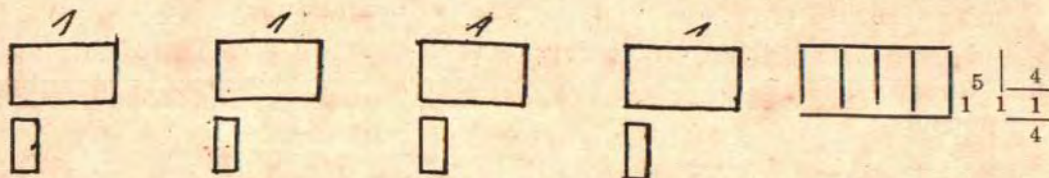
PLANO SOBRE DENOMINAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DAS FRACÇÕES

(PLANO DESENVOLVIDO)

1. Revisão: a) Problema: Tenho um rectangulo cuja área é 30 cm.² e a altura 4 cm.; qual é a base? Resolvam todos graphica e numericamente:



b) Problema: Tenho 5 folhas de papel para dividir por 4 meninos; quanto cabe a cada um? Resolvam todos graphica e numericamente:



c) Maria Eulalia, divida no quadro negro um rectangulo em 4 partes. Cada uma destas quatro partes iguaes em que o rectangulo ficou dividido se chama...? (um quarto ou uma quarta parte do rectangulo).

2. Ismeria, mostre-me um quarto do rectangulo; mostre-me dois quartos; mostre-me tres quartos; mostre-me quatro quartos.

Fazer esse mesmo exercicio com varias alumnas.

3. Carmelita, desenhe um rectangulo e divida-o em 4 partes. Juracy, faça um circulo e divida-o em 4 partes: esta recta que passa pelo centro é um diametro; trace um outro diamentro perpendicular a este.

Quem sabe mostrar dois quartos do rectangulo? tres quartos do circulo? um quarto do circulo? dois quartos do rectangulo?

4. Representa-se um quarto ou uma quarta parte assim: $\frac{1}{4}$.

E isto que significará: $\frac{2}{4}$? E isto: $\frac{3}{4}$? E isto: $\frac{4}{4}$?

5. Emilia, si você partir um pão em 4 pedaços iguaes, cada pedaço que parte será do pão? Escreva um quarto em algarismos, dois quartos, tres quartos, quatro quartos.

Cada creança desenha uma cousa qualquer, divide-a em 4 partes, mostra as partes, denominando-as e escreve em algarismos essas fracções.

6. Ponham oito cubos na mesa; dividam os oito cubos em quatro partes iguaes. Como se chama cada parte em relação aos oito cubos? (Um quarto de oito cubos). Então, um quarto de oito cubos quantos cubos são? E um quarto de oito laranjas? E um quarto de oito tostões? E um quarto de oito mil réis? E um quarto de oito alqueires?

7. Si um quarto de oito cubos são dois cubos, dois quartos quantos cubos serão? E tres quartos? E quatro quartos?

8. Mostre-me com os cubos que tres quartos de quatro cubos são tres cubos; que tres quartos de oito são seis; que quatro quartos de quatro são quatro.

Mostrem com cubos ou quaesquer objectos e digam: quanto é um quarto de 12, de 16, 20, 24, 28, etc.; de 10, 20, 30, 40, ... 100, etc.; dois quartos, tres quartos e quatro quartos desses e de outros numeros, illustrando sempre com objectos ou graphics.

9. Itacy ganhou uma melancia para repartir igualmente com seus tres irmãos e ella; que parte da melancia coube a cada um?

Haydée tinha oito tostões, mas gastou tres quartas partes desse dinheiro num caderno; quanto custou o caderno? que parte dos oito tostões ainda lhe resta?

10. Illustrem com cubos, taboinhas, tornos ou desenhos as seguintes historias:

Numa jardineira estavam oito flores; a quarta parte dellas eram rosas, duas quartas partes eram cravos e o resto eram violetas. Quantas rosas, cravos e violetas havia na jardineira?

Numa estante ha vinte livros: tres quartos são de romances e um quarto de poesias. Quantos livros são de romances e quantos de poesias?

11. Copiem estes exercicios e escrevam os resultados: $\frac{1}{2}$ de 4?
 $\frac{2}{2}$ de 4? $\frac{1}{4}$ de 8? $\frac{2}{4}$ de 8? $\frac{3}{4}$ de 8? $4 = \frac{1}{2}$ de ? $2 = \frac{1}{4}$ de ? $1 = \frac{1}{4}$ de ?
 $2 = \frac{2}{2}$ de ? $4 = \frac{4}{4}$ de ? $\frac{4}{2} = ?$ $\frac{4}{4} = ?$ $\frac{8}{2} = ?$ $\frac{8}{4} = ?$

DENOMINAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DAS FRACÇÕES

(PLANO RESUMIDO SOBRE QUARTOS)

1. Revisão da aula anterior.
2. O professor divide um rectangulo em um numero de partes iguaes e denomina as fracções.
3. A classe mostra as partes, denominando-as.
4. A classe desenha e mostra as fracções.
5. O professor representa as fracções.
6. A classe desenha, mostra e representa as fracções.

7. A classe, com objectos, mostra e diz $\frac{1}{4}$ de 8.
8. A classe, com objectos, mostra e diz os $\frac{2}{4}$, $\frac{3}{4}$, $\frac{4}{4}$, de 8.
Depois, $\frac{1}{4}$, $\frac{2}{4}$, $\frac{3}{4}$, $\frac{4}{4}$ de outros numeros (de 16, 24, 32; de 10, 20 100, etc.)
9. O professor diz as fracções de um numero e a classe verifica com objectos.
10. Problemas sobre quartos, dados pelo professor e pelos alumnos.
11. Illustrar historias (problemas) com objectos ou desenhos.
12. A classe copia exercicios e dá os resultados.

PLANO DE AULA SOBRE PROPRIEDADES DAS FRACÇÕES
(COMPARAÇÃO DE FRACÇÕES HETEROGENEAS QUE TÊM
O MESMO NUMERADOR)

QUADRO DAS FRACÇÕES

1. Nho Dito e Geca Tatu compraram um sitio e, querendo depois cada um ficar com sua parte, nomearam um arbitro para uma divisão equitativa. Como as terras eram de qualidades differentes, o juiz

deu $\frac{4}{5}$ do sitio ao Geca e $\frac{4}{7}$ a nho Dito. Quem obteve maior extensão?

Com esta aula vocês irão resolver a duvida.

2. Vejam no quadro das fracções, que fracção é maior: $\frac{1}{2}$ ou $\frac{1}{3}$?

$\frac{1}{3}$ ou $\frac{1}{4}$? $\frac{1}{4}$ ou $\frac{1}{5}$? $\frac{1}{5}$ ou $\frac{1}{6}$? $\frac{1}{6}$ ou $\frac{1}{7}$? $\frac{1}{7}$ ou $\frac{1}{8}$? $\frac{1}{8}$ ou $\frac{1}{9}$?
 $\frac{1}{9}$ ou $\frac{1}{10}$?

—João, escreva no quadro negro e cada um escreva no seu papel, assim: $\frac{1}{2} > \frac{1}{3}$ $\frac{1}{3} > \frac{1}{4}$ $\frac{1}{4} > \frac{1}{5}$ $\frac{1}{5} > \frac{1}{6}$ $\frac{1}{6} > \frac{1}{7}$ $\frac{1}{7} > \frac{1}{8}$ $\frac{1}{8} > \frac{1}{9}$ $\frac{1}{9} > \frac{1}{10}$.

3. Vejam no mesmo graphico qual a fracção maior: $\frac{2}{3}$ ou $\frac{2}{4}$?

$\frac{2}{3}$ ou $\frac{2}{4}$? $\frac{2}{4}$ ou $\frac{2}{5}$? $\frac{2}{5}$ ou $\frac{2}{6}$? $\frac{2}{6}$ ou $\frac{2}{7}$? $\frac{2}{7}$ ou $\frac{2}{8}$? $\frac{2}{8}$ ou $\frac{2}{9}$? $\frac{2}{9}$ ou $\frac{2}{10}$?

—Escrevam na ordem das grandezas assim:

$\frac{2}{3} > \frac{2}{4}$ $\frac{2}{4} > \frac{2}{5}$ $\frac{2}{5} > \frac{2}{6}$ $\frac{2}{6} > \frac{2}{7}$ $\frac{2}{7} > \frac{2}{8}$ $\frac{2}{8} > \frac{2}{9}$ $\frac{2}{9} > \frac{2}{10}$.

4. Vejam no graphico qual a fracção maior: $\frac{3}{3}$ ou $\frac{3}{4}$? $\frac{3}{4}$ ou $\frac{3}{5}$?

$\frac{3}{5}$ ou $\frac{3}{6}$? $\frac{3}{6}$ ou $\frac{3}{7}$? $\frac{3}{7}$ ou $\frac{3}{8}$? $\frac{3}{8}$ ou $\frac{3}{9}$? $\frac{3}{9}$ ou $\frac{3}{10}$?

Escrevam isso assim:

$\frac{3}{3} > \frac{3}{4}$ $\frac{3}{4} > \frac{3}{5}$ $\frac{3}{5} > \frac{3}{6}$ $\frac{3}{6} > \frac{3}{7}$ $\frac{3}{7} > \frac{3}{8}$ $\frac{3}{8} > \frac{3}{9}$ $\frac{3}{9} > \frac{3}{10}$.

5. Vejam no graphico qual a fracção maior: $\frac{4}{4}$ ou $\frac{4}{5}$? $\frac{4}{5}$ ou $\frac{4}{6}$?

$\frac{4}{6}$ ou $\frac{4}{7}$? $\frac{4}{7}$ ou $\frac{4}{8}$? $\frac{4}{8}$ ou $\frac{4}{9}$? $\frac{4}{9}$ ou $\frac{4}{10}$?

Escrevam: $\frac{4}{4} > \frac{4}{5} > \frac{4}{6} > \frac{4}{7} > \frac{4}{8} > \frac{4}{9} > \frac{4}{10}$.

6. Vejam qual a maior: $\frac{5}{5}$ ou $\frac{5}{6}$? $\frac{5}{6}$ ou $\frac{5}{7}$? $\frac{5}{7}$ ou $\frac{5}{8}$? $\frac{5}{8}$ ou

$\frac{5}{9}$? $\frac{5}{9}$ ou $\frac{5}{10}$?

Escrevam: $\frac{5}{5} > \frac{5}{6} > \frac{5}{7} > \frac{5}{8} > \frac{5}{9} > \frac{5}{10}$.

7. Vejam qual a maior: $\frac{6}{6}$ ou $\frac{6}{7}$? $\frac{6}{7}$ ou $\frac{6}{8}$? $\frac{6}{8}$ ou $\frac{6}{9}$? $\frac{6}{9}$ ou $\frac{6}{10}$?

Escrevam: $\frac{6}{6} > \frac{6}{7} > \frac{6}{8} > \frac{6}{9} > \frac{6}{10}$.

8. Vejam qual é a maior: $\frac{7}{7}$ ou $\frac{7}{8}$? $\frac{7}{8}$ ou $\frac{7}{9}$? $\frac{7}{9}$ ou $\frac{7}{10}$?

Escrevam: $\frac{7}{7} > \frac{7}{8} > \frac{7}{9} > \frac{7}{10}$.

9. Vejam a maior: $\frac{8}{8}$ ou $\frac{8}{9}$? $\frac{8}{9}$ ou $\frac{8}{10}$?

Escrevam: $\frac{8}{8} > \frac{8}{9} > \frac{8}{10}$.

10. Vejam a maior: $\frac{9}{9}$ ou $\frac{9}{10}$?

Escrevam: $\frac{9}{9} > \frac{9}{10}$.

11. Em todas essas desigualdades, que notam nos numeradores? São eguaes ou deseguaes? E nos denominadores?

Quando as fracções têm o mesmo numerador e denominadores diferentes, qual é a maior? a que tem maior denominador ou menor? mostre. E a fracção menor? mostre. (Varios alumnos vão observar, induzir e enunciar a propriedade).

Todos repitam baixinho essa propriedade. Escrevam-na no papel.

12. Na historia do sitio, quem obteve maior extensão de terra: o Geca ou nho Dito?

13. Si eu der $\frac{3}{6}$ de uma laranja á Lucia e $\frac{2}{5}$ á Marita, quem ficará com mais?

14. Tomo $\frac{3}{4}$ de uma maçã e $\frac{3}{5}$ de uma outra igual; que parte é a maior? Quem quer desenhar os $\frac{3}{4}$ e os $\frac{3}{5}$ de uma maçã?

15. Dando eu $\frac{2}{7}$ de uma lima a você e ficando com $\frac{2}{5}$, fico com mais ou com menos? Mostre na figura, qual é o maior: $\frac{2}{7}$ ou $\frac{2}{5}$?

16. Tenho $\frac{4}{6}$ de uma laranja e $\frac{4}{5}$ de outra; quem quer ficar com a parte maior? você? com qual fica?

17. Numa caixa restam $\frac{2}{8}$ de bombons e noutra $\frac{2}{5}$; qual você escolhe? E quem comeu mais: o dono da 1.^a ou da 2.^a?

18. Comprei dois cortes de vestido; de cada um tirei uma blusa de tamanhos desiguaes; restam $\frac{5}{7}$ da fazenda azul e $\frac{5}{9}$ da cor de rosa. Que fazenda darei á mais baixa?

19. Ruth vai pôr-se a $\frac{1}{2}$ da distancia entre mim e a parede;

Sarah a $\frac{1}{4}$. Quem fica mais longe de mim? E mais perto da parede? Colloquem-se.

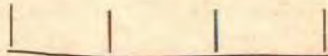
PLANO DE AULAS SOBRE O MAXIMO COMMUM DIVISOR

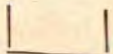
1.ª PARTE

Material:

Todas as creanças trazem, feitas por ellas, 12 tiras de papelão, de 1 a 12 centímetros, riscadas de cm. em cm. e mais 2 tiras de outra côr, sendo uma de 4 e outra de 12 cm. Outras series: para 6 e 18, 12 e 48; 9 e 45; 20 e 80, etc.

O professor traz sarrafos de madeira, de 1 a 12 decímetros e mais dois, de 4 e de 12 dm. de outra côr; estes dois podem ser substituidos por 2 rectas a giz no quadro negro:

a  12 cm.

b  4 cm.

Problema

1. Tenho duas varas: uma de 4 cm. e outra de 12 cm. e quero saber qual é a sua maior medida commum.

Divisor

2. Procurem as varas que caibam na de 4 cm. só, que a meçam; outras que caibam na de 12 cm. só, que a meçam.

As 1.ªs são as medidas da vara de 4 cm.; as 2.ªs são as de 12 cm. Que são medidas de uma vara?

3. Procurem os numeros que caibam em 4, que dividam 4; os que caibam em 12, que dividam 12. Escrevam:

—Os 1.ªs são divisores de 4; os 2.ªs são divisores de 12. Que são divisores de um numero?

Divisor Commum

4. Procurem varas que caibam ao mesmo tempo nas de 4 e nas de 12 cm., que meçam ambas.

Essas varas são as medidas communs das varas de 4 e de 12 cm. Que são medidas communs de 2 varas?

5. Procurem os numeros que caibam ao mesmo tempo em 4 e 12, que dividam a ambos. Escrevam.

Esses numeros são os divisores communs de 4 e 12.

Maior Divisor Commum

6. Procurem a maior, a maxima vara que caiba ao mesmo tempo nas de 4 e 12 cm., a maior vara que as meça.

Essa vara que é? (é a maior ou a maxima medida commum das varas de 4 e 12 cm.)

7. Procurem o maior, o maximo numero que caiba ao mesmo tempo em 4 e 12, o maior numero que divida 4 e 12. Escrevam.

Esse numero que é? (é o maior, ou o maximo divisor commum de 4 e 12). Que é m. d. c. de dois numeros?

Generalisação

8. Tomem outras series de varas.

Procurem a maior medida commum entre as varas de 6 e 18 cm.; procurem o m. d. c. entre 6 e 18. Escrevam.

Procurem a maior medida commum e o m. d. c. entre as varas de 12 e 48 cm., entre as de 9 e 45, 20 e 80, etc.; procurem o m. d. c. entre 12 e 48, 9 e 45, 20 e 80, etc. Escrevam.

9. Observem bem: Entre a vara menor, de 4 cm. e a maior, de 12 cm. qual é o m. d. c.? (4); entre 6 e 18? (6); entre 12 e 48? (12); entre 9 e 45? (9); entre 20 e 80? (20).

Quando a menor vara cabe na maior, qual é "a maior" medida commum entre as duas? (a menor). Quando o menor numero divide o maior, qual é "o maior" divisor commum entre os dois numeros? (o numero menor).

Regra

10. Como fizeram com as tiras de papelão para procurar a maior medida commum entre duas tiras? (applicando a menor sobre a maior). E como acham? (si a menor couber na maior, é a maior medida commum). Porque? (por que não pode haver outra; uma medida maior, por exemplo, que a vara **b**, pode caber em **a**, mas não cabe em **b**, logo, deixa de ser commum).

11. Como fizeram para achar o m. d. c. entre dois numeros? (vendo si o menor cabia no maior, isto é, si o menor dividia o maior, experimentando a divisão do maior pelo menor.) E como acham? (si o menor dividir o maior, isto é, si a divisão do maior pelo menor fôr exacta, o menor será o m. d. c.). Porque? (porque não pode haver outro m. d. c. maior que o numero menor; pois, dividiria o maior e não o menor, logo não seria commum.)

12. Quem me dá a regra para achar o m. d. c. entre dois numeros? (divide-se o maior pelo menor, si a divisão fôr exacta, o menor será o m. d. c.)

Exercicios e Problemas

13. Achem o m. d. c. entre: 3 e 6; 3 e 9; 3 e 12; 9 e 72; 12 e 96; 120 e 240; **a** e **am**; **b** e **c**.

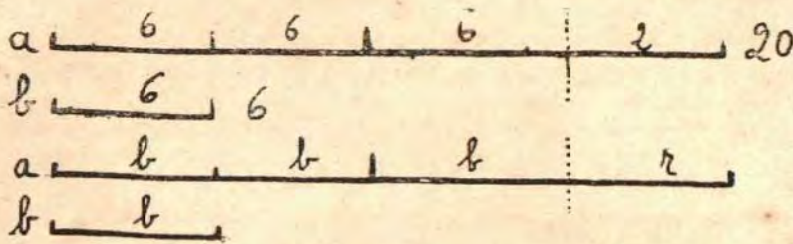
14. Um negociante quer acondicionar no menor numero possivel de pacotes eguaes, uma lata de café de 210 kilos e outra de 360. Quantos kilos irão em cada pacote? Quantos serão os pacotes?

2.^a PARTE

Material

Cada alumno traz, feito por elle, tiras de papelão de 1, 2, 3, 4, 5 e 6 centimetros, riscadas de cm. em cm.; e mais duas de outra côr: uma de 6 e outra de 20 cm., sem riscal-as.

O professor traça no quadro-negro duas rectas, de 6 e de 20 decímetros e traz sarrafos de 1 a 6 decímetros.



Divisão do Maior pelo Menor

1. Vocês têm tiras de 6 e de 20 cm.; como acham a maior medida commum entre ellas? (applicando a menor, de 6 cm., sobre a maior, de 20 cm.) E como saberão que é a maior medida commum? (si a menor couber exactamente na maior). Appliquem então a de 6 sobre a de 20, marquem com traços, e escrevam o 6 em cada espaço.

2. A tira menor, a de 6, é a maior medida commum? (não) Porque? (porque a de 6 não coube exactamente em 20). Quanto restou? (2 cm.).

3. Escrevam os numeros 6 e 20. Como acham o m. d. c. delles? vendo si 6 cabe em 20, si 6 divide 20; fazendo a divisão de 20 por 6). E como saberão si é o m. d. c.? (si a divisão fôr exacta). Façam a divisão.

4. 6 é o m. d. c.? (não). Porque? (porque 6 não cabe em 20, não divide 20; a divisão de 20 por 6 não é exacta). Quanto restou? (2)

Divisão do Menor pelo 1.º Resto

5. Sabemos que a maior medida commum entre as tiras de 6 e 20 cm. não pode ser maior do que 6; e acabamos de ver que não é igual a 6; logo, é menor que 6.

6. Notem: a tira menor, de 6 cm., contém 1 vez 6 cm.; a tira maior, de 20 cm., contém duas partes: 3 vezes 6 cm. e mais 2 cm.



7. Agora digam: Qual a tira maior que caiba na de 6 e na de 20? o 5? o 4? (não, porque não cabem na de 6); o 3? experimentem: o 3 cabe na de 6; logo cabe em todos os 6 de que é formada a de 20, mas não cabe no resto 2, por ser maior que elle, logo não caberá na de 20.

Firmem bem isto: a maior medida commum não pode ser maior do que o resto? (não). Repitam porque.

8. Vejamos si a maior medida commum entre 6 e 20 pode ser igual ao resto 2.

O 2 cabe em 6? (cabe). Vejam se cabe em 20 (cabe). Porque? (porque 20 tem duas partes: uma formada de varios 6 e outra, 2;

o 2 cabendo num 6, cabe em todos os 6; e cabe em 2, logo, cabendo nas duas partes de 20, cabe em 20).

Então, qual é a maior medida commum entre as tiras de 6 e 20 cm. ? (o resto 2).

9. Com os numeros: sabemos que o m. d. c. entre 6 e 20 não pode ser maior que 6; experimentando, vimos que não é igual a 6; logo, é menor que 6.

10. Notem: o numero menor, 6, contém 1 vez 6; o maior, 20: contém duas partes: 3 vezes 6 e mais ou: $20 = 3 \times 6 + 2$.

11. Agora digam: Qual o numero maior que divide 6 e 20? o 5? o 4? (não, pois não dividem 6); o 3? experimentem: o 3 divide 6; cabe em 6; logo divide, cabe em todos os 6 de que é formado o 20, mas não divide, não cabe no 2, por ser maior do que elle, logo não divide, não caberá no 20.

Firmem bem isto: O m. d. c. não pode ser maior do que o resto? (não). Repitam porque.

12. Vejamos si o m. d. c. entre 6 e 20 pode ser igual ao resto 2.

O 2 divide 6? (divide). Vejam si divide 20, si cabe em 20 (cabe). Porque? (porque 20 tem duas partes: uma formada de varios 6 e outra o 2; o 2, cabendo num 6, cabe em todos os 6; o 2 cabe em 2; logo, cabendo nas duas partes de 20, cabe em 20, isto é, dividindo as duas parcellas de 20, divide 20).

Então qual é o m. d. c. entre 6 e 20? (o resto 2).

Regra

13. Tendo duas tiras, para achar a maior medida commum dellas, qual a primeira coisa que se faz? (applicar a menor sobre a maior, para ver si a menor cabe exactamente na maior). Si a menor couber na maior? (será a maior medida commum de ambas). Si não couber? (não o será). E como se fará, em seguida, caso a menor não caiba na maior? (applica-se o resto sobre a menor. E si o resto couber na menor? (o resto será a maior medida commum das duas tiras).

14. Tendo dois numeros, para achar o m. d. c. delles, qual a primeira coisa que se faz? (vê-se si o menor divide o maior, isto é, faz-se a divisão do maior pelo menor). Si o menor dividir o maior, si a divisão do maior pelo menor for exacta? (o menor será o m. d. c. dos numeros dados). Si não dividir? (não será). E como se fará em seguida, caso o menor não divida o maior? (vê-se si o resto divide o menor, isto é, si a divisão do menor pelo resto é exacta). E si a divisão fôr exacta, si o resto dividir o menor? (o resto será o m. d. c. dos numeros dados).

15. A disposição do calculo é esta:

	3	3
20	6	2
2	0	

16. Quem me diz a regra? (divide-se o maior pelo menor, si a divisão fôr exacta o menor será o m. d. c.; si não for exacta, divide-se o menor pelo 1.º resto; si esta divisão fôr exacta o 1.º resto será o m. d. c.

Repitam-na todos, bem baixinho. Escrevam-na.

Exercícios e Problemas

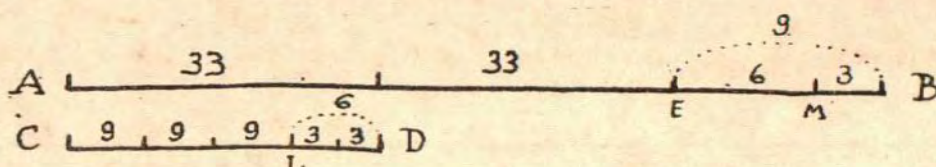
17. Procurem o m. d. c. graphica e numericamente de 8 e 28; 12 e 51; 16 e 36.

18. Um homem queria serrar dois toros de madeira em taboas iguaes; para aproveitar bem os toros, queria que as taboas fossem as mais compridas possivel; os toros mediam 18 m. e 8m. Que tamanho deveria ter cada taboa?

19. Numa encadernação ha dois maços de folhas de papel, um de 748 folhas e outro de 102, com os quaes se quer fazer cadernos do maior numero de folhas e todos do mesmo numero, de modo a não sobrar papel algum. Quantos serão os cadernos e qual o numero de folhas de cada um?

Para Casa:

Procurem a maior medida commum entre uma recta $AB=75$ cm. e $CD=33$ cm.



(1.º Si CD se contiver exactamente em AB, será a maior medida commum. 2.º Houve o resto EB; si EB se contiver exactamente em CD será a maior medida commum. 3.º Houve o resto LD; si LD se contiver exactamente em EB será a maior medida commum. 4.º Houve o resto MB; si MB se contiver exactamente em LD será a maior medida commum. Coube: é.)

PLANO DE AULA SOBRE TRANSFORMAÇÃO DE NUMEROS INTEIROS E MIXTOS EM FRACÇÕES E VICE-VERSA

Material: o quadro das fracções; papel de calculo, regua metrica.

A — DEFINIÇÃO DE FRACÇÕES IMPROPRIAS

1. Mostrem no quadro geral das fracções as fracções eguaes a 1 inteiro ($1 = \frac{2}{2} = \frac{3}{3} = \frac{4}{4} = \frac{5}{5} = \frac{6}{6} = \frac{7}{7} = \frac{8}{8} = \frac{9}{9} = \frac{10}{10} = \frac{100}{100}$). Escrevam no seu papel.

2. Tracem no papel cinco rectas de 1 decimetro: dividam uma em meios, outra em quartos, outra em oitavos; as ultimas em terços e sextos. A que são eguaes os $\frac{2}{2}$ da 1.^a? os $\frac{4}{4}$? os $\frac{8}{8}$? os $\frac{3}{3}$? os $\frac{6}{6}$?

Renato, faça o mesmo com rectas de 1 metro, no quadro negro.

Dividam um circulo em 5 partes; si eu quizer ficar com o circulo todo, quantas partes devo tomar? Dividam um quadrado em 8 partes; o quadrado inteiro quantas partes tem?

3. Essas fracções representam algumas partes do inteiro ou todo o inteiro? (todo o inteiro). Então o nome de fracção é dado imprópriamente a ellas; por isso se chamam fracções improprias. Que são fracções improprias?

Observem bem o numerador e o denominador de cada uma. Quando se conhece que são improprias? (quando o numerador é egual ao denominador).

4. Deem exemplos de fracções improprias. Façam graphicos dessas fracções.

5. Quanto são $\frac{2}{2}$ de 4? $\frac{3}{3}$ de 12? $\frac{7}{7}$ de 21? $\frac{20}{20}$ de 1000? $\frac{10}{10}$ de 30? $\frac{7}{7}$ de 100\$000? $\frac{6}{6}$ de a?

6. Tracem varias rectas de 12 centimetros; vejam quanto são $\frac{3}{9}$ da 1.^a recta e tracem; $\frac{2}{4}$ da 2.^a e completem; $\frac{8}{6}$ da 3.^a, $\frac{23}{12}$ da 4.^a.

Luiz, faça o mesmo no quadro-negro com rectas de 12 decimetros.

7. Essas fracções contêm só inteiro? inteiro e fracção? Tambem são chamadas improprias. Que são fracções improprias? lembrem-se dos dois casos.

Observem em cada fracção o numerador e o denominador; qual é o maior? (o numerador); quando se conhece ainda que a fracção é impropria? (quando o numerador é maior que o denominador). Lembrem-se dos dois casos: quando uma fracção é impropria? Porque o numerador da fracção impropria deve ser egual ou maior que o denominador?

8. Deem exemplos de fracções impróprias e concretizem-n'os por meio de graphicos.

9. Quanto são $\frac{8}{5}$ de 10\$000? $\frac{6}{4}$ de 20? $\frac{9}{6}$ de 1? $\frac{7}{5}$ de b?

10. Inventem problemas a respeito.

B — TRANSFORMAR NUMEROS INTEIROS E MIXTOS EM FRACÇÕES

1. Façam, cada um no seu papel, uma recta dividida em meios; quantos meios são?

2. Façam 2 rectas divididas em meios; 3 rectas, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, todas divididas em meios; quantos meios são?

3. Precisaríam do graphico para saber aquelles resultados? Raciocinem: si $1 = \frac{2}{2}$, 2 quantos meios são? (o dobro, isto é $2 \times \frac{2}{2} = \frac{4}{2}$); e 3? ($3 \times \frac{2}{2} = \frac{6}{2}$); e 4? e 5? e 6? e 7? e 8? e 9? e 10? e 20 e 70? e 100? e 1000?

4. Si $1 = \frac{7}{7}$, 3 quantos setimos são? escrevam; e 5? e 4? e 7? e 10? e 30? escrevam. Façam a verificação, traçando rectas.

5. Comparem o dado 1 com o resultado $\frac{7}{7}$; comparem: $2 = \frac{14}{7}$; $3 = \frac{21}{7}$; $4 = \frac{28}{7}$; $5 = \frac{35}{7}$; $7 = \frac{49}{7}$; $10 = \frac{70}{7}$; $30 = \frac{210}{7}$. Como surgiu cada numerador?

6. Então para transformar um inteiro numa fracção cujo denominador é dado como se faz? (multiplica-se o inteiro pelo denominador e esse producto será o numerador). Porque se multiplica?

7. Mental: Transformem 4 em quintos; 8 em sextos; 3 em nonos; 9 em 20 avos; 3 em decimos; 4 em centesimos; 9 em millesimos. Transformem 5 numa fracção cujo denominador é r; a numa fracção cujo denominador é 6; h numa cujo denominador é 10; b numa cujo denominador é x.

8. Ganhei 3 bolos partido cada um em doze pedaços; quantos pedaços tenho? Vendi 5 melancias, divididas em 20 talhadas eguaes, a 100 réis; quanto apurei?

9. Façam todas em seu papel, 3 rectas de 14 centímetros divididas em setimos e mais 4 setimos de uma recta de 14 centímetros; quantos setimos são? 5 quantos setimos são? e com $\frac{4}{7}$?

Escrevam o resultado.

Façam $2\frac{5}{9}$ de uma recta de 18 cm.; $6\frac{3}{8}$ de uma recta de 16 cm.;

$\frac{2}{3}$ de uma recta de 9 cm.; quanto deu? Escrevam.

10. Mental: 4 e $\frac{2}{6}$: 4 quantos sextos são? e mais $\frac{2}{6}$...; $7\frac{5}{9}$:
7, quantos nonos? com $\frac{5}{9}$; $9\frac{3}{7}$: 9, quantos setimos? com $\frac{3}{7}$;
 $6\frac{3}{20}$: 6, quantos 20 avos? com $\frac{3}{20}$...; etc.

11. Em: $3\frac{4}{7} = \frac{21}{7} + \frac{4}{7} = \frac{25}{7}$, como surgiu o numerador 21? e depois o numerador 25? e o denominador 7?

12. Nos outros exemplos, como se obteve o resultado? do mesmo modo? Qual é pois a regra para transformar numeros mixtos em fracções improprias? (multiplica-se o inteiro pelo denominador, somma-se com o numerador; dá-se o mesmo denominador).

13. Quanto é $a + \frac{3}{6}$? $a + \frac{m}{6}$? $a + \frac{m}{y}$?

14. Problemas dados pelo professor e suggerido pelos alumnos.

C — Extrair Inteiros

1. Façam, nos seus papeis, $\frac{3}{3}$ de uma recta de 12 centímetros; a quantos inteiros ella é igual? porque? (porque 1 unidade é igual a $\frac{3}{3}$).

2. Façam $\frac{6}{3}$ de uma recta de 12 cm.; vejam quantas unidades ou quantos $\frac{3}{3}$ contém.

3. Raciocinem: 6 laranjas quantas 3 laranjas contém? (2 laranjas? não: 2 vezes); 6 livros quantas vezes 3 livros (2 vezes); 6 terços quantas vezes contém 3 terços? (2 vezes); 6 quanto contem 3? (2 vezes).

Em todas essas divisões, que se dividiu? o 6 por 3? ou tambem laranjas, livros e terços? (só o 6 por 3).

4. Recapitulando: ver $\frac{6}{3}$ quantos inteiros contém é ver quantas unidades ou quantos $\frac{3}{3}$ contém; mas ver $\frac{6}{3}$ quantos $\frac{3}{3}$ contém é ver 6 quantos 3 contém. Então como se faz para extrair inteiros?

5. Façam $\frac{3}{3}, \frac{6}{3}, \frac{9}{3}, \frac{12}{3}, \frac{15}{3}, \frac{18}{3}, \frac{21}{3}$ de uma recta de 9 centímetros;

vejam quantos inteiros têm e escrevam: ($\frac{3}{3}=1; \frac{6}{3}=2; \frac{9}{3}=3; \frac{12}{3}=4;$

$\frac{15}{3}=5; \frac{18}{3}=6; \frac{21}{3}=7$).

6. Comparem o inteiro, que é o resultado, com as fracções dadas: como surgiu o inteiro? (da divisão do numerador pelo denominador da fracção). Então como se faz para extrair inteiros?

7. Quem é capaz de fazer o raciocínio que fizemos antes? (n.º 4).

8. Façam $\frac{16}{7}$ de uma recta de 14 centímetros; $\frac{14}{4}$ de uma de 12

cm.; $\frac{12}{9}$ de uma de 18; $\frac{5}{2}$ de uma de 10. Vejam quantos inteiros cada um contém e que fracção resta; escrevam os resultados.

9. Comparem os resultados com os dados: $\frac{16}{7}=2\frac{2}{7}; \frac{14}{4}=3\frac{2}{4};$

$\frac{12}{9}=1\frac{3}{9}; \frac{5}{2}=2\frac{1}{2}$. Como se obteve 2? e $\frac{2}{7}$? e $3\frac{2}{4}$? e $1\frac{3}{9}$? e $2\frac{1}{2}$?

Então: como se faz para extrair inteiros?

10. Exercícios escriptos e mentaes: Extraiam os inteiros de: $\frac{4}{4}, \frac{5}{4}, \frac{6}{4}, \frac{7}{4}, \frac{8}{4}, \frac{9}{4}, \frac{10}{4}, \frac{11}{4}, \frac{12}{4};$ de $\frac{5}{3}, \frac{8}{7}, \frac{20}{10}, \frac{30}{9}$, etc.; de $\frac{b}{b}, \frac{am}{b}, \frac{am}{m}, \frac{am}{b+c}, \frac{am}{b}$, etc.

11. Problemas dados pelo professor e pelos alumnos.

PLANO DE AULA SOBRE ADDICÇÃO DE FRACÇÕES
HOMOGENEAS

INDUCÇÃO

Preparação material

1. Material:

- a) O quadro geral das fracções, desenhado a giz de côres, no quadro-negro.
b) Para cada alumno, o mesmo quadro desenhado a lapis de cor em papel cartão, pelos proprios alumnos.
c) Tiras de papel.

Observação e Analogia, pelos Alumnos

2. a) Si eu tivesse 2 "laranjas" mais 3 "laranjas", quanto teria? (5 "laranjas"). E si fosse $\frac{2}{7} + \frac{3}{7}$, quanto teria? (5 "setimos").

b) Vejam, cada um no seu graphico, quanto é $\frac{2}{7} + \frac{3}{7}$ e escrevam o resultado.

Um alumno tambem vae escrevendo no quadro negro.

3. a) E 5 livres + 2 livros? E $\frac{5}{8} + \frac{2}{8}$? Vejam no graphico e escrevam.

b) 1 bola + 3 bolas? $\frac{1}{5} + \frac{3}{5}$? Vejam no graphico e escrevam.

c) 6 "pennas" + 3 "pennas"? $\frac{6}{9} + \frac{3}{9}$? Vejam no graphico e escrevam.

4. Vejam no graphico e escrevam quanto são:

$$\frac{2}{6} + \frac{4}{6}; \frac{1}{2} + \frac{1}{2}; \frac{2}{3} + \frac{1}{3}; \frac{1}{4} + \frac{1}{4}; \frac{2}{10} + \frac{4}{10}; 0,4 + 0,2; \frac{6}{10} + \frac{3}{10}; 0,6 + 0,3; \frac{7}{10} + \frac{2}{10}; 0,7 + 0,2.$$

Comparação, pelos Alumnos, do Resultado com os Dados

5. a) Em: $\frac{5}{8} + \frac{2}{8} = \frac{7}{8}$, que aconteceu com o denominador 8 das fracções dadas? E com os numeradores 5 e 2? (o denominador foi conservado e os numeradores sommados).

b) Em: $\frac{4}{10} + \frac{2}{10} = \frac{6}{10}$, como surgiu o numerador 6 do resultado?

(da somma dos numeradores 4 e 2 dos dados). E o denominador 10? (da copia do denominador 10 dos dados).

c) Em: $0,4 + 0,2 = 0,6$ como nasceu o numerador 6 do resultado? (da somma dos numeradores 4 e 2 dos dados). E o denominador 10? (da copia do denominador 10 dos dados).

Generalisação das Observações pelos Alumnos

6. a) Verifiquem, nas outras addições feitas, como nasceu o numerador do resultado e o denominador.

b) Em todas as fracções homogeneas será do mesmo modo?

Inducção da Regra pelos Alumnos

7. Então, para sommar quaesquer fracções homogeneas, ordinarias e decimaes, como se faz? (sommam-se os numeradores e conserva-se o denominador).

DEDUCÇÕES

Exercicios Graphicos

8. Representem por linhas estas fracções e deem o resultado:

$\frac{4}{12} + \frac{3}{12}$; $\frac{9}{7} + \frac{5}{7}$; $\frac{2}{4} + \frac{3}{4}$; $\frac{6}{9} + \frac{18}{9}$; $\frac{3}{24} + \frac{5}{24}$; e outras á sua escolha.

Exercicios Numericos

9. Sommem: $\frac{4}{23} + \frac{7}{23}$; $0,25 + 0,37$; $\frac{48}{128} + \frac{57}{128}$; $0,039 + 0,426$.

Exercicios Symbolicos

10. Sommem: $\frac{a}{10} + \frac{b}{10}$; $\frac{a}{m} + \frac{b}{m}$; $\frac{r}{8} + \frac{p}{8}$; $\frac{r}{h} + \frac{p}{h}$; $\frac{5}{y} + \frac{3}{y}$; $\frac{c}{y} + \frac{d}{y}$.

Problemas

11. Tinha $\frac{5}{8}$ de um rebanho de 100 carneiros e ganhei $\frac{3}{8}$ do mes-

mo. Quantos carneiros tenho?

Comprei 0,^m68 de seda e depois mais 0,^m34. Quanto comprei? E si eu triplicasse o resultado?

Qual é a fracção que excede $\frac{3}{14}$ de $\frac{5}{14}$?

Problemas sem Numeros

12. Tantos setimos mais tantos setimos quantos são?

Ganhei um certo numero de nonos de um saquinho de balas e depois um numero differente de nonos. Quanto ganhei?

Problemas Inventados pelos Alumnos

13. Inventem um problema sobre adicção de fracções homogeneas.

Sloyd

14. Façam o metro de madeira, de cadarço, ou de papelão. Sommem o comprimento, em decimetros, do livro, da regua, do lapis, da carteira; em centimetros, o comprimento do lapis, da borracha, da caneta sem penna, da penna.

(Continúa).

José Ribeiro Escobar.

HYGIENE

Secção dirigida pelo Dr. ROCHA BOTELHO
do Instituto de Butantan.

MENS SANA IN CORPORE SANO

(Capitulo de um livro inedito)

São as funcções de nutrição e de reproducção que sustentam e preservam a vida de qualquer organismo vivo — homem, animal ou planta — e perpetuam as respectivas especies.

E' pelos orgams das funcções de nutrição que os alimentos são ingeridos, divididos, liquefeitos, e se transformam, circulam, se renovam e se incorporam nos tecidos do nosso corpo, levando a vida aos orgams de funcções de relação e das cerebraes, para que realizem o movimento e as sensações.

E' ainda pelo trabalho desses orgams que o organismo depura e elimina as cellulas gastas, as substancias nocivas, os restos e detricos da digestão e assimilação.

São os orgams de nutrição os unicos que funcionam durante a vida intra-uterina, de gestação, são ainda elles que predominam ao depois sobre todos os outros.

E' por alguns orgams das funcções de nutrição (pelle e mucosas), quando sem defesa, que contrahimos todas as doenças transmissiveis e as intoxicações, de que em geral resultam as lesões organicas.

E' igualmente por intermedio delles que as combatemos, (therapeutica e medicina), e ainda pela defesa delles, que as evitamos e eliminamos (hygiene e prophylaxia).

São funcções vegetativas, porém basicas e essenciaes, pois que sem ellas não se exercem as de relação e as cerebraes.

São tão differenciados os seus orgams que possuem uma inervação particular, a do systema do **grande sympathico**.

Chamamos inferiores essas funcções e superiores as de relação e as psychicas.

De facto, estas é que presidem o movimento, o trabalho e a intelligencia. Mas, nada disso podem realizar sem a digestão e assimilação dos alimentos, e sem a eliminação das substancias nocivas ao organismo, exercidas pelas de nutrição, que podem, no emtanto, existir, independentemente

de uma ou de varias das de relação, embora sem qualquer utilidade nos organismos animaes, quando isolados.

Assim, vivem os surdos, os mudos, os surdo-mudos, os cegos; vivem os idiotas, os loucos, os alienados e paralyticos, estes com uma vida inutil, simplesmente vegetativa e parasitaria.

No emtanto, o homem genial, o sabio, o pensador, o philosopho, o artista, o scientista, o estadista, emfim, todos os que se entregam aos trabalhos da intelligencia e do saber, não podem subsistir ou agir com proveito, e podem se inutilisar, uma vez que sejam perturbadas ou cessem algumas das funcções de nutrição.

E quasi todos, sinão todos os disturbios das funcções de relação e das mentaes são resultantes de perturbações, de infecções e de intoxicações do organismo por intermedio dos orgams das funcções de nutrição.

São vitaes as funcções de nutrição e de reproducção; essenciaes as do movimento e dos sentidos; dirigentes e decorativas as mentaes ou psychicas.

As primeiras, communs a todos os corpos organicos (homens, animaes e plantas) representam a realidade e a constancia da vida; as do movimento e dos sentidos, communs a todos os animaes, são fautores do trabalho; as mentaes ou psychicas, exclusivas do homem, o elemento dirigente, a espiritualidade, a imaginação e ideação.

Sem a solidez das de nutrição, tornam-se falhas, deficientes ou defeituosas as do movimento e dos sentidos, e desorientadas, incongruentes e desordenadas as mentaes ou psychicas. Por isso já dizia Spencer com muita propriedade, "ser um bom animal é a primeira condição de successo na vida; ser uma nação de bons animaes é a primeira condição da prosperidade nacional".

Entre os animaes, cujas faculdades intellectuaes são rudimentarissimas, predominando de modo absoluto o instincto e o apuro dos orgams dos sentidos, sobretudo os do olfacto, da vista e do ouvido, a preocupação absorvente é a da vida organica, a da plenitude funccional dos orgams de nutrição e de reproducção.

Por isso conservam inalteravelmente os mesmos costumes, praticam sempre os mesmos actos, quer isoladamente, quer quando reunidos.

Não ha nas sociedades das abelhas, das formigas, dos castores, dos peixes, dos passaros, etc., nenhuma alteração na sua organização, e o seu trabalho sempre se fez, se faz e se fará da mesma fórma, com os dois fitos exclusivos — garantia da vida individual e collectiva, pelas funcções de nutrição, perpetuação da especie pelas de reproducção.

Entre elles não ha idealistas, poetas e sonhadores. Vivem no mundo da realidade, agem com segurança, de accordo, cada especie, com os seus instinctos. Aceitam a natureza como ella é, e contentam-se com o que ella lhes dá.

Não assim o homem, incontentavel, avido de desvendar os segredos da vida e de modificá-la, aperfeiçoá-la, e fantasiá-la, ás vezes, num afan sempre crescente e inattin-givel de perfeição, olvidando e maltratando, por isso, os seus orgams vitaes de nutrição.

A tendencia do homem da cidade entregue a trabalhos mentaes, sobretudo emquanto jovem, é, salvo poucas excepções, a de se deixar dominar pelo espirito, pelos orgams dos sentidos e pelas apparencias, e utopias, com descuido é desprezo das funcções organicas vitaes de nutrição e de movimento, submettidas a toda sorte de desordens, no regimen alimentar, no horario das refeições, no trabalho, no repouso, no abuso dos prazeres e na pratica dos vicios.

Perturbam assim, não só o funcionamento, mas os proprios orgams vitaes, que se cançam, se gastam e se alteram antes do tempo, com grave repercussão na mentalidade. São como os fructos de plantas mal alimentadas ou doentes, que apodrecem antes de amadurecer.

Esgottam-se, deprimem-se, contraem doenças, abatem, perturbam, ou pervertem a mentalidade, perdem a individualidade, ou criam n'a morbida, com tremendos maleficios individuaes e collectivos, ou porque transmittem os seus males e taras, ou porque occupam posição de direcção no organismo social, facto muito commum, incutindo-lhe ou impondo-lhe as perversões ou desvios da sua mentalidade.

O que se verifica nos individuos relativamente á necessidade do regular funcionamento dos orgams de nutrição, para que não se perturbem ou não se alterem os de relação e os mentaes ou psychicos, observa-se igualmente nos organismos collectivos — familias, classes da sociedade e povos.

Sem que estejam em condições de regular funcionamento e de defesa os orgams de nutrição de um organismo social, constituidos pelas suas classes de trabalho na agricultura, nas industrias, nas empresas, nos trabalhos publicos, no commercio, etc., não poderá haver regularidade ou normalidade nas suas funcções de relação e nas mentaes, exercidas pelas outras classes da sociedade, e superintendidas pelos dirigentes, porque todas ellas se resentirão do estado de desordem, de fraqueza ou de doença das de nutrição.

A efficiencia, a tranquillidade, a riqueza, a alegria e a força de qualquer organismo vivo estão na immediata dependencia do regular funcionamento dos seus orgams de

nutrição e de movimento, dependentes por sua vez do regimen de trabalho, e de conveniente alimentação e defesa desses orgams.

Em resumo: a mentalidade do individuo, isto é, a perfeição ou imperfeição das suas funções mentaes, bem como das de movimento e relação dependem immediatamente do regular ou irregular funcionamento dos seus orgams de nutrição ou de vida.

Igualmente a mentalidade de um povo, revelada na conducta firme ou vacillante dos seus orgams dirigentes, na força ou fraqueza economica do organismo social, na eficiencia ou inefficiencia da regularidade ou irregularidade, da capacidade ou incapacidade funcional das suas classes proletarias, que são os seus orgams de nutrição ou de vida.

Esta uma das leis da biologia humana, que não podemos desrespeitar sem causar profundas desordens no organismo humano, individual ou colectivo.

A hygiene, como veremos no correr deste trabalho, indica com segurança as medidas para o cumprimento desta e de outras leis, a biologia humana.

Belisario Penna,

LITERATURA

O ODIO AO LIVRO

AS CORTES DE LISBOA MANDAM DESTRUIR OS PRELOS MONTADOS NA COLONIA. A REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL MANTEM ATE' HOJE ESSA ODIOSA MEDIDA.

Ha longos annos que se dá em nosso paiz uma curiosa anomalia, profundamente lesiva aos interesses da nossa cultura, sem que uma voz se levante para denunciá-la.

E' esta: **o livro nacional, isto é, o livro impresso no Brasil, paga o dobro dos impostos que oneram o livro estrangeiro isto é, o livro impresso fóra do paiz.**

Como?

Muito simples.

A taxa alfandegaria sobre livros é de 150 réis por kilo, e a taxa sobre papel para livro é de 300 réis, **exactamente o dobro**. Quer isso dizer que o papel entrando no paiz **sob forma de livro** paga metade do imposto que recahe sobre o papel que entra **para aqui transformar-se em livro**, donde um escandaloso proteccionismo ás officinas graphicas localizadas no estrangeiro e um correlativo castigo ás officinas localizadas entre nós.

Em vez de fomento á industria graphica nacional, fomento exaggerado á industria graphica estrangeira.

Vem dahi que nossos principaes editores montam officinas na Europa e lá imprimem suas edições, para desse modo beneficiarem-se do nosso proteccionismo ás avessas.

Haverá nada mais odioso?

Esse imposto de 300 réis é pago parte em ouro e com o nosso maravilhoso cambio a 4, reduzido todo a papel, orça por **mil e tantos réis!** Apenas **quatro ou cinco vezes mais** do que o custo da mercadoria.

Ora, sabemos todos que o papel de impressão é a base da cultura moderna, porque é cartilha, é jornal, é revista, é livro scientifico, é livro literario. O grau de adiantamento de um povo mede-se pelo numero de toneladas de papel que elle consome. Sem papel não ha instrucção, não ha cultura possivel, e oneral-o dessa forma é taxar monstruosamente

a cultura e a instrução, e contribuir para engordar o nosso já tão obeso monstro do Analphabetismo. No entanto, outra cousa não faz o nosso regimen alfandegario!

Para exemplificar tomemos uma das ultimas cartilhas apparecidas, a do professor Tolosa. Pesa tal livro 200 grammas e paga de imposto (só de imposto sobre papel em que é impresso, pois se tomassemos os demais, os indirectos, iria ao dobro) paga, diziamos, 200 réis por exemplar. As pobres creanças que o adquirem para nelle se iniciarem nos segredos da leitura, além do que dão ao outro, ao editor e ao livreiro, pagam ao governo 200 réis de imposto, ou seja a sétima parte do preço de balcão.

A primeira victima da incongruencia do Fisco é, pois, a creança que procura instrução.

A segunda é o triste e castigadissimo editor nacional, que cahiu na asneira de montar suas officinas aqui em vez de o fazer em Portugal ou França, como procedem os espartos.

Esses sandeus pagam cem por cento a mais, como justo castigo da sua ingenuidade. E têm que operar prodigios para supportar a concorrência dos que imprimem fóra e se beneficiam com a extranha bonificação que o fisco republicano lhes concede.

Ha em nossa vida de povo uns tantos factos que se repetem.

No tempo do Brasil-colonia o governo de Lisboa mandou destruir todos os prelos aqui montados. Este facto os nossos historiadores o mencionam hoje cheios de sagrada indignação, como coisa só possivel naquella época de barbara tyrannia.

Mas o facto se repete na Republica, embora sob manhosos disfarces, sem que pessoa alguma proteste.

E repete-se porque tanto vale mandar destruir prelos como oneral-os de gravames terriveis, que os ponham em situação de desvantagem em face dos prelos estrangeiros.

O objectivo nos dois casos é sempre o mesmo; proteger a industria graphica de fóra em detrimento da de casa.

E' o que acontece, é o que se faz, é o que é nos Estados Unidos do Brasil, anno 34 da Republica.

Com que direito, pois, nossos historiadores invectivam a celebre lei colonial contra os prelos?

Foi lei sapientissima, pois que a republica a restaurou.

Monteiro Lobato.

TOBIAS BARRETO

PREFACIO DE UM LIVRO

O Dr. Nobre de Lacerda offerece-nos, em seu livro, a verdadeira representação do genial ensaista que tão luminoso sulco imprimiu na evolução mental do Brasil. TOBIAS foi poeta, emulo de Castro Alves; foi critico de philosophia, arte e literatura; travou memoraveis polemicas; escreveu admiraveis estudos de philosophia juridica e direito criminal, revelou e vulgarizou entre nós o monismo; fez-nos ler LANGE, NOIRE'E, JHERING, e HERMANN POST. E tão forte era a sua individualidade que, por cada um desses aspectos, ella se mostra brilhante e inconfundivel. E de todos elles o Dr. Nobre de Lacerda soube colher o essencial para nos desenhar, com amor e felicidade, integra e viva, a figura do immortal sergipano.

Não teve necessidade de se emaranhar em discussões de idéas e doutrinas. Descreveu o que viu, expoz o que sabia, illuminando a memoria com o que aprendeu do mestre amado, e pondo a culta intelligencia ao serviço do coração, que sabe commedir-se nos seus enthusiasmos; para que estes se conservem no doce ambiente das sympathias. E o retrato de TOBIAS resalta dessas paginas amigas, tal como elle realmente foi: realmente foi o homem com seu character, com as luctas que sustentou da adolescencia ao leito de moribundo, e com as dedicações que em torno de si despertou; o pensador com as suas concepções capitaes nos varios dominios do saber, especialmente no direito; o poeta de um lyrismo encantador, ou de voz altisonante, quando o assumpto o incitava aos vãos condoreiros.

Mas é, principalmente, o homem que resalta deste livro, e com suavidade tão discreta de linhas e de cores, que ninguem, certamente, o lcrá sem que fique no espirito um interesse affectivo, que se fará em breve curiosidade. E, assim, tenho forte convicção de que o trabalho do Dr. Nobre de Lacerda irá attrahir a attenção dos estudiosos do Sul para esse pensador dos mais valorosos que tivemos, e, sobretudo, para esse admiravel ensaista a quem devemos uma revolução de character scientifico em tudo o que se refere ao direito, na sua concepção geral e nos seus methodos de estudo. Quanto aos estudiosos do Norte, esses conhecem e estimam o autor dos ESTUDOS DE DIREITO e dos MENORES E LOUCOS teem-no como um dos mestres do direito entre nós, e sobre elle teem escripto apreciações significativas da influencia que sobre elles exerceu o professor da Faculdade de Direito de Recife.

TOBIAS, si não teve em vida o bem estar correspondente ao seu merito, conseguiu reunir um brilhante nucleo de discipulos, que formaram a phase juridica da escola do Recife. Esses discipulos diffundiram-lhe e desenvolveram-lhe as idéas, que, na sua parte fundamental, são as que ainda estão orientando o pensamento juridico. E' preciso, porém, que não somente no espirito desses discipulos

mas no de todos os brasileiros, a quem interessam questões de philosophia e de direito, occupe o solitario da Escada o logar a que fez jus o seu excepcional merecimento.

E o livro do Dr. Nobre de Lacerda, apparecendo em S. Paulo, estou certo, será o impulso dado a esse movimento, que além de ser de reparação, ha de ser fecundo em consequencias.

Rio de Janeiro. 7 de Setembro de 1923.

CLOVIS BEVILACQUA.

NO FORO DA ESCADA

RECORDAÇÕES DE TOBIAS BARRETO

Constituido inimigo de Tobias Barreto o Juiz Municipal da Escada, cidade de Pernambuco, onde viveu o jurista de 1871 a 1881, protestara desmoralisal-o na primeira oportunidade. Para isso aguardava qualquer pretexto.

Sucedeu que inventasse, ou alguém dolosamente lh'o incutiu, que Tobias costumava ir á audiencia armado de pistola. Exasperado o juiz prevenio-se, e de facto, na primeira audiencia, notou que o casaco de Tobias, no bolso interno, formava um como inchaço, parecendo formado por objecto extranho.

—Sr. Tobias Barreto, o sr. está armado, traz no bolso arma prohibida, grita o juiz amarello de colera.

—Não estou, sr. Dr., não uso armas.

—Está. Official de Justiça, tome a arma do sr. Tobias e o faça sahir do Tribunal.

Quando, porém, o official de justiça dispunha-se a executar a ordem, Tobias Barreto, com uma risada cruelmente ironica, desabotoa o casaco, puxa de dentro do bolso um bello e nutrido fructo da “musa paradisiaca”, e agitando-o de manso em sentido vertical, dirige-se pausadamente para o juiz:

—Senhor doutor, isto não é uma pistola... isto é... uma “banana”, senhor Juiz!...

Hilaridade.

*

* *

O Sr. Luiz Tavora (*), primo do celebre escriptor nortista Franklin Tavora, homem obscuro mas intelligentissimo, era um grande admirador de Tobias Barreto. Muitas vezes referio-me que, quando da passagem de Venus, em 1822, fazia parte da commissão de engenheiros mandada ao observatorio de Olinda, um parente dos Tavoras,

(*) Era o proprietario da “Lanterna Magica”, jornal satyrico, redigido por academicos.

a quem o sr. Luiz Tavora scientificou uma visita de Tobias no dia da passagem do planeta. De facto, Tobias foi convidado a ver o astro; porém, mal projecta o olhar sobre o campo do aparelho recua espavorido e nervoso. Não preparado para tão grande espectáculo rudemente o impressionou a enormidade do corpo negro e feio da bella estrella. Onde o seu brilho alviçareiro das manhãs limpidas, onde a rutilancia do seu clarão argenteo nas noites serenas? Ella alli estava emporcalhada de tisne preto como uma "carcassa"; e por este vocabulo pejorativo algumas vezes posteriormente a ella se referiu.

Tobias recuou, como disse; é facto provavelmente observavel nas pessoas a quem pela primeira vez ferem subitas emoções. Recordo-me que em uma ascensão á serra da Cahahiba, ao chegar á pequena chã do elevado cume, fui tomado de subitaneo pavor; porque "vi" (nem podia duvidar dos meus olhos que "viram"): tão esmagadora foi a illusão dos meus sentidos. Vi a serra fronteira (Itabayana) avançar ameaçadora para mim... Poucos minutos depois voltou-me a calma, senão a consciencia, pois que a segunda vista certificou-me que a serra lá estava uns 12 kilometros distante, pregada no seu mesmo logar.

O que se deu com Tobias Barreto foi analogo. Não poudo resistir á ameaça do astro no telescopio. Recuou medroso, e após alguns minutos, como ás vezes costumava conversar com seus pensamentos, em voz alta, prorompeu no mais tocante e profundo improviso, que ouviram os presentes.

De ahí em diante o genio expansivo de Tobias soffreu modificações. Começou a ter momentos de grave taciturnidade.

ENSAIO SOBRE A MUSICA POPULAR EM SERGIPE

O anno de 1883, em seu ultimo quartel, assignalou-se para os sergipanos pela visita do Dr. Tobias Barreto á terra natal.

A longa ausencia de dezeseis annos, espaço sufficiente para diluir as mais gratas recordações, não teve força para extinguir naquelle coração generoso impulsos de amor patrio sem pieguices de que até seus ultimos dias continuou a dar provas.

Será talvez improprio, por extranho ao assumpto que vae me occupar, descrever o modesto esplendor da recepção que lhe foi feita. Destacarei apenas rapido episodio, do qual derivou o pensamento deste trabalho.

Antes de tudo, como um facto não tanto apparente, mas correlato ao assumpto, importa notar que então tinham voga em todos os departamentos litterarios os trabalhos do Dr. Sylvio Romero, sobre a poesia popular no Brasil.

Foi o caso que o sr. João Belisario Junqueira, de quem opportunamente tratarei, um dos velhos amigos de Tobias, e seu compa-

nheiro nas serenatas nos bons tempos de Itabayana, offereceu-lhe uma valsa, que intitulou "Aspazia". (1).

Junqueira, espirito affavel e atilado, é eximio componista regional. E' um talento expedito, inspirado e fecundo da arte em que se aprofundou por vocação. Por seu turno, no reino da musica, Tobias vivia em dominio proprio. Portanto ninguem melhor podia dar subido apreço ao brinde de Junqueira.

Com a soffreguidão peculiar a seu genio emotivo corre ao piano e executa a valsa que seu velho amigo acabava de lhes offerecer. Junqueira acompanhava na rabeca, seu instrumento predilecto. Depois Tobias convida a variar sobre uns motivos de Ruy-Blas, a celebre opera de Marchetti; convite que era um desafio e uma prova para o talento de Junqueira. Este accete o convite. Immediatamente a rabeca ria, falava ou gemia; o desencadeiamento das notas em variação tornavam-se vehementes a ponto de poder affigurar-se tempestades sonoras, uma exteriorisação de quanto ha de intimo de quanto affecta por infinidade de modos a a'ima humana.

Quem resiste ao poder da musica? Quem, deixando-se arrastar pela catadupa de harmonias, não se afastará involuntariamente de si mesmo, para contemplar scenas que em realidade não se vêm, e provar delicias, que materialmente não existem? Que é a musica, que determina tão agradaveis, e não raro tão penosas suggestões? Junqueira, para significar tudo por uma phrase, — esteve sublime. Com os olhos inteligentemente arregalados, e fulgurantes como duas tochas, não tinha um musculo, que não se movesse; e não produziu um só movimento, que ao mesmo tempo não traduzisse o pensamento que a rabeca exprimia. Subito calou-se o piano, Tobias Barreto ergueu-se: isto é, nelle alguma cousa ia fazer explosão, e foi um — Bravo! — espontaneo, eloquentissimo. E voltando-se para quem escreve estas linhas: — "Bellissimo o improviso de Junqueira!... Em Sergipe, não ha tanto uma "poesia popular", mas ha uma "musica popular". Estude você o assumpto e o tome á sua conta..."

Eis a origem deste modesto trabalho. Nasceu de uma estimulação do mestre, o silencio do discipulo constituiu uma promessa. Mas nem a animação do primeiro deu logar a ponderações, nem a vaidade do segundo aquilatou difficuldades, que o silencio encubria. O tempo demonstral-as-ia, e de sobra as descalvara.

Os trabalho do Dr. Sylvio Romero sobre a poesia popular offerecem largas messes boas meditações. São o melhor documento que possuímos.

Mas, é força dizel-o, estão incompletos. Sylvio enfrentou um ramo unico das artes liberaes, a poesia.

Não occorreu ao notavel critico que á poesia não cabe exclusivamente o dom da "popularização".

Ha outras artes accessiveis, e nenhuma outra mais sujeita do que

(1) Nome da filha mais velha de Tobias Barreto.

a musica, por isso que nenhum sentido ou organ mais popular e, se assim posso dizer, mais democrata do que o ouvido. Não se entenda, porém, que deixando escapar a idéa de popularização da poesia, quero significar que o bello instrumento da linguagem dos deuses nasceu como Minerva da cabeça de Jupter, aparelhado de toda perfeição. A poesia teve começos humildes. Traduzia necessidade physiologica de povos primitivos, começou anonyma, "popular".

A expressão de que uso terá sua explicação em outra parte.

Assim tambem principiou a pintura, assim todas as artes que hoje contemplamos com respeitosa admiração; assim a musica. Começaram pauperrimas, sem os esplendores da cultura, sem requintes de luxo, mas saturadas de bellezas latentes, que mais haviam de se impor.

No ponto de vista scientifico do desenvolvimento da arte, a tela mais expressiva e primorosa tem por antecessor o desenho no grosseiro barro ou no marfim do mamouth feito pelo homem primitivo. O monumento que Artemisia votou á memoria de Mausolo, em regressão historica, é como as grosseiras camaras funerarias a que a sciencia dá o nome de "dolmem" e "tumuli"; como a partitura a mais elevada e genial está para o ruido do "tam-tam". Não é a poesia, considerada em seus matizes primordiales, não é a poesia primitiva, "popular", anonyma, ou como quem que a designe, que unicamente merece as honras da meditação e dos juizos do critico. E' tudo quanto pertence ao dominio da esthetica. São as artes todas, porque já isoladamente, já em conjuncto com outras differentes attestados da intelligencia e sabedoria do povo, são representações do desenvolvimento cultural do mesmo, com tanta felicidade expressa pela phrase ingeza "folk-lore". Ellas são testemunhas do peregrinar da civilização, a quem acompanham em suas luctas e indecisões. A gloria de um Verdi assenta em pedestal cuja argamassa compõe-se de nomes, que jámais se allaram além das raias da obscuridade. A palavra de Taine acerca dos pequeninos precursores do genio, é palpitante de exactidão, e muito aqui me favorece.

Uma vez que se estuda a poesia popular, porque deixar em esquecimento a "musica popular"? A palavra poesia significa propriamente fazimento, confecção; poeta é aquelle que "faz", que crêa, que inventa; poesia é a criação, o producto, a "obra"; e não é senão inconscientemente acertando que o povo exprime pelo designativo generico "obra" qualquer attestado da intelligencia collectiva. O musico é por sua vez o poeta do som, e "obra" ou poesia da musica é todo artefacto ou trabalho em que entra o som como elemento. A poesia é digna da musica, e uma e outra jamais viveram separadas. Os deuses adoram os cantos, diz um verso da Odysséa.

Acredito que o elevado espirito indagador do critico sergipano teria feito desaparecer essa lacuna, se o não moveram trabalhos posteriores, a outrá orientação. Comtudo, a despeito da sua energia

intellectual mil difficuldades o estorvariam, como succedeu ao autor destas linhas, até hoje obstado por embaraços desentrançaveis.

Para estudar a musica popular não valem reclamos e appellos sómente. A musica popular não consta de um deposito ingraphado, como a poesia. As quadras, as canções, as "obras", em uma palavra, passam de geração á geração, escriptas ou narradas, ás vezes, com uma carcoma de seculos, a tal ponto que uma pobre historia, como o conto de "Maria a borrarheira" com todas as suas adaptações, desfarces e degenerações, é nem mais nem menos do que o episodio da forrada Rhodoppe das lendas paganicas tão habilmente aproveitado por Apuleio. Não assim as musicas populares, as quaes, quando muito, vivem decadas. Perdura no corpo da literatura hebraica, que constitue nosso livro sagrado, o "Flos campi et lilium convale"; mas não existe a musica a que era recommendado. Ignoramos as cantarcas com que as mães de outr'ora adormeciam os filhos infantes, do mesmo modo que os posteros nulla ou pouca noticia terão das nossas musicas comesinhas. E' condição da musica ser breve, no tempo, como a vida; porque tambem a musica, mais do que a poesia, acóde infallivel aos movimentos da alma.

Não querendo entrar muito a dentro na indagação das causas que impõem ás composições musicaes, mormente ás populares, ephemera existencia, bastará notar que é porque acordam paixões affectivas, ao passo que as poesias populares movem de preferencia paixões intellectuaes. Estas vivem demasiadamente por força menos do rythmo, ou de sua constituição plastica, que do pensamento, que tem azas e voa para a intelligencia. Por muito castigadas pela moda, por mais que as repitam milhares de boccas, se todavia voltam ao silencio, não morrem; continuam a nutrir-se da natural frescura. A'ém disto os poetas do povo formam minoria, por isso que o caracter da poesia é mais intellectualista; a minoria ainda é a classe dos repetidores. A arte de recitar versos não é accessivel a muitos, e isso faz da poesia uma sorte de legado, que escrupulosamente se guarda. Ao contrario, a musica emove de chofre. Porque é filha da vehemencia da paixão, é só por esta que se dirige á alma; as impressões que produz são rapidas, breves, intensissimas. Um trecho qualquer do "Lusiadas" terá vigor em todas as edades, onde quer que ainda viva ou se recorde a lingua.

Não assim o mais acabado producto musical: basta que a massa popular o sinta. A todo instante ouvil-o-heis executado pelo mestre, ou deturpado pelo moleque das ruas; e com tal insistencia que dentro em pouco é retirado das orquestras, — pela morte ou pelo esquecimento. Se na musica ha logar para todos, por que razão todos deixarão de agarral-a, cantal-a ou assimilal-a? Dentre poucos apontarei um caso em que productos musicaes passaram de idade á idade, conservando o mesmo vigor. E' o dos cantos liturgicós, daquelles que são exclusiva propriedade da egreja. Eram musicas com as quaes saudavam-se os vencedores nos jogos olympicos, de que

se apropriou o christianismo, accomodando-as aos seus hymnos. Ainda assim a vida de taes composições, embora encravadas na escala grega, mas despojadas das odes de Pindaro ou das lyras de Anacreonte, o canto-chão catholico, actualmente obrigado a representar a tristeza, a vida de taes composições, digo, é uma vida historica, senão convencional.

A Musa que preside á musica era representada na figura de uma donzella coroada de flores, como para significar a fragilidade da existencia dos productos musicaes; que assim como as flores vivem durante instante, as arias e as melodias, como as rosas de Matherbe devem viver o que vivem as rosas... — "l'espace d'un matin". Todos os cultores, todos os mestres e ardentes adoradores da musica, não são ignorantes desta sua condição existencial. Uma vez o autor deste trabalho emprestou a um amigo, excellent musico, um exemplar de uma bella composição de José da Annuniação sobre lettra do Dr. Tobias Barreto — "Quando á mesa dos prazeres" —, que corre anonyma. Quando, de outra vez, lhe pediu a razão de não haver ensaiado dita composição, respondeu-lhe o amigo: — "Não o fiz nem o farei porque a musica é muito bonita. Basta tocal-a uma vez para que se torne propriedade das ruas, e degenerere. Ella é uma novidade para mim, quero zelal-a para exhibir-me em melhor circulo".

Era razoavel, nada apresentei em replica.

A brevidade de sua existencia é um dos fortes embaraços para estudar-se a musica popular. No vasto encephalo do cerebro do povo, se assim posso dizer, el'a é uma intermina jazida. Cada cidade, cada villa, cada aldeia, cada fazenda mesma tem seu repertorio de musicas populares. Como os componistas anonymos pullulam, julgue-se da multiplicação dos productos. Dir-se-ha que assim como não se deve figurar uma arvore que não seja abrigo de um ninho, não se pode imaginar uma cabana que não seja ao mesmo tempo causa inspiradora e dona de uma aria sertaneja. Tudo tem seu dialogo na terra, diz o poeta dos "Dias e Noites"; e eu accrescentarei que a natureza inteira é uma solfa; falla por musica e não por pa'avras. Nem é debalde que o philosopho antigo affirma a harmonia das espheras. Tityro modulava na delgada avena musa sylvestre. Depois de confiar á flauta amiga seus pensamentos, é que escrevia a lettra na casca das arvores. Mas sua musica e sons e notas harmoniosas passaram. Entretanto, o menor accidente, a queda de uma folha, o desprendimento de um fructo, uma sombra projectada, para não falar dos phenomenos humanos, podem mover melodias e accordes aos centenaes.

A musica popular é anorgana, pelo menos entre nós; mas em sua mesma organização traz o cunho bem pronunciado dos meios onde se forma, e é boa contribuição ethnographica. E' difficil estudal-a em seu conjuncto. Seus productos, que brilham como estrellas cadentes, não permitem sua reconstituição sem pena e sem grande dispendio de labor e paciencia. Nem tambem podemos encaral-a

muito além do seculo passado. De muitos dos seus productos é bastante arduo determinar um ponto de derivação.

O critico da musica popular offerecerá um trabalho falho, se não observar a condição inarredavel expressa pelas viagens. Deve viajar, deve visitar differentes logares do paiz; e como os antigos chronistas e historiadores, que visitaram as regiões, cuja historia pretendiam escrever, devem traçar itinerarios que observarão á risca. A flauta de Pan resoa por toda parte, e as sonatas que desfere não somente são importações integras, ou diferenciadas; antes em larga escala são productos espontaneos, improvisados, subitaneos, sobrecarregados dos tons e matizes locais. Pode-se dizer que cada povo, cada grupo ethnico, tem sua musica peculiar, como cada individuo sua physionomia.

Por experiencia propria temos notado essa diversidade e differença das musicas anonymas em alguns pontos deste Estado. E são tanto mais innumeradas quanto os logares são verdadeiros enxames de lendas. Tais musicas poucas vezes traduzem alegrias com fidelidade photographica, correspondendo a intensidade das melodias á razão do progresso ou da decadencia e da simplicidade ou do fausto da vida nos differentes logares. Mas o principal accentto, que se denuncia mesmo nas phrases, as mais expansivas e alegres, como um fio de ouro tenuissimo, é a melancholia. Tanto é verdade o que diz Chateaubriand, que o canto natural do homem é triste, ainda que exprime a felicidade.

Compreender-se-há que tenho razão de encarecer as viagens, para o estudo da musica popular. As viagens, que não enriquecem, muito podem illustrar, neste sentido.

Comquanto os factores da musica popular andem por ahi aos magotes, seus fructos, ao contrario dos da poesia anonyma, não são transmittidos com presteza e facilidade. Não podemos havel-os de encomenda, aliás processo poucas vezes refractario a falsificações e caprichos. O testemunho pessoal, ouvido do indagador, que tambem não é tudo, pode fazer alguma cousa, ao menos, emquanto a maioria dos nossos maestros e componistas não se lembrar de registrar com ardor patriotico esses irrompimentos do talento popular nos mundos da musica, ricos como a Gioconda legendaria.

Estas razões forçaram-me a contrahir e conservar de mais a mais o proposito em que fico de escrever sobre a musica popular no Brasil. O aspecto de tempo decorrido desde o episodio que em principio referi obstinou-me no recurso de resumir a comprehensão do assumpto. De então para cá não cessaram difficuldades para o autor; difficuldades de todas as ordens, de todos os tamanhos, em todos os sentidos. Suas poucas viagens na grande patria brasileira sempre tiveram itinerario prescripto e limitado, não lhe permittindo a labuta e atropelos da vida, lazeres para suas observações. Por diversas vezes seu espirito era attrahido por assumptos urgentes, porque delles lhe dependia o pão; e o plano esboçado perdia-se...

As dificuldades tanto mais eram de fazer recuar quanto é certo que é estudo ainda virgem no Brasil. Não temos um guia seguro na densidade e espessura das silvas da musica popular brasileira.

O estudo da poesia popular tem seus proceres na litteratura, á frente dos quaes está o Dr. Sylvio Romero; mas tambem foram muitos os precursores de cujo meio avulta Celso de Magalhães.

Este livro, portanto, é um "ensaio de estudo" sobre a musica popular, especialmente sobre a musica popular em Sergipe. E' o Estado que melhor conheço, neste ponto de vista, e ainda assim em parte.

Mas só por si, Sergipe offerece contribuição copiosa, digna de um observador paciente e despreocupado.

Este "Ensaio" vae, por conseguinte, cheio de lacunas e de reticencias.

Todavia, elle não se propõe como uma lição, antes é um aviso aos mestres; e se, como se verá, não desbasta o caminho, entretanto o indica.

M. P. OLIVEIRA TELLES.

Aracaju.

HYMNO AO AMOR

DESESPERO

I

"Deus errou! vêde! fez o mundo bem mal feito,
E não o corrigiu como era de direito.
Tendo a flor, fez o espinho; e de amor foi bem parco,
Pois podendo fazer um jardim, fez um charco.
E quanto complicou essa machina humana
Que se desmancha á tôa e que sempre se engana!
Deus — ao globo de dor, venturoso não quiz.
Como o fez infeliz! Como o fez infeliz!

Depois, veio Jesus — esse ingenuo Deus novo,
Esse grande Poeta! a extasiar o povo;
Trazia um coração de onde voavam chimeras;
Seus largos gestos no ar — jogavam primaveras;
Embalou um momento a anciosa multidão;
Era a magia da palavra e da oração.
Mas não pode matar, no coração malvado,
Essa fera — o egoísmo; e foi crucificado.
O amor, por não magoar, enche o seio de espinhos;
Para cada bondade ha uma cruz nos caminhos...

II

A's vezes tenho um odio, não sei em que.
 Porque em vez da alegria e do amor, só se vê,
 Mordendo a idéa e o corpo e golpeando-os profundo,
 A dôr, que tece a vida e que é a razão do mundo?
 A natureza é medieval Inquisição,
 Que tortura sem dó e mata sem razão.
 Porque ha o microbio e o beijo? ha lepra si ha o perfume?
 A esperança e o remorso? a mulher e o ciume?
 Porque é que—só matando!—a aranha tem a vida?
 Porque o homem é mau — esse genio homicida?
 Porque era o troglodyta o Napoleão das grutas,
 E o homem viveu e vive e viverá nas lutas ?

Porque o crustaceo põe no dorso algas e hydrarias,
 Sem ser visto, atacando as suas presas varias,
 E estando entre algas de outra cor, com muito esforço,
 As primeiras arranca e outras planta em seu dorso?
 Porque é que os gyneceus da vallisneria bolem
 Na agua, e espiralam-se a soffrer, buscando o pollen?
 Porque é que o louva-deus ajoelhado espreita,
 E a borboleta imita uma folha perfeita?
 —E' a dissimulação! o odio sanguinolento:
 E' a vida disputando o amor ou o alimento.
 E o amor — que é uma cilada; e a amizade—que é astuta:
 Si a solidariedade é apenas para a luta...

Moram no coração quarenta salteadores;
 E' um antro de punhaes envolvidos em flores.
 O sol—governa, attrae cada planeta opaco;
 O planeta—escravisa o satellite fraco:
 E' a lei da monarchia, é o egoismo dos astros,
 E' Nietzsche triumphando e o Messias de rastros.

III

Tenho ás vezes no crente um odio extraordinario,
 Porque, preso na dôr, canta como um canario.
 A velhice é humilhante; a morte é uma injustiça.
 A Terra gera e mata; é pó tudo o que viça.

Quando vejo uma flor e um ninho esmigalhados,
 Uma mãe que soluça, uns mendigos chagados,
 A mãozinha lirial da joven criminosa,
 O atro verme esfomeado a macular a rosa,
 O pobre tísico, e esse escarneo — o lazarento —
 Onde se accumulou o odio da natureza,

Revolto-me cruel contra o Jehovah sangrento
 Que creou para o mal tanta fragil belleza !
 Brilhante — e trega! Injusta — e olorosa... e divina...
 Maldita sejas tu, Natureza assassina!
 O mundo só merece a um Diogenes e a um Nero,
 Que o comprehenderam: um—desdenhoso; outro—fero.
 E, transformado então num furioso anarchista,
 Pudesse eu, ululante, em um rasgo nihilista,
 De polvora atulhar, sem perder um recanto,
 O centro do planeta em que soffremos tanto,
 E fazel-o voar todo pulverizado
 Na infinita extensão desse espaço estrellado!

AMOR

I

Pensaste no Infinito — os celestes oceanos?
 A luz, que é tão veloz, leva cinco mil annos
 Para até nós descer de uma longinqua estrella:
 E o pensamento, num segundo, pode vê-la.
 Vence com o pensamento essa mesma distancia
 A uma outra estrella; viaja um dia, um mez, com ancia,
 Um anno, de astro em astro! E toda vida, então,
 Vae saltando os milhões de astros que ha na amplidão.
 Anda, relampagueando! Anda infinitamente
 Pelo infinito Além.—Andaste febrilmente?
 E é nada. E' como si não tivesses na vida,
 Dado um passo sequer do ponto de partida.

Pois, diante do Infinito, intelligencia humana,
 Que és tu com a sciencia vil, tão maldizente e ufana?
 Curva-te ante a grandeza e o mysterio das cousas....
 E o segredo da vida... e o silencio das lousas...

II

Vinga-te de uma dor, cantando. Canta e esquece
 No manso desabafo ingenuo de uma prece.
 A vida é um roseiral: dez rosas, mil espinhos?
 Para cada bondade ha uma cruz nos caminhos?
 Que importa o espinho mau onde ha aromas de flores?
 Pensa no amor — e abençoarás todas as dores!

Conta, sem esquecer, todos os teus algozes;
 Soluços, afflicções, desesperos atrozés;
 Conta as gottas de sangue e as lagrimas que houver:
 Tu... bemdirás a Deus...

— Porque fez a mulher.

A mulher! o esplendor; o mysterioso nume;
A epopeia da curva; o espirito, o perfume
Do planeta; a razão de ser da vida; flor,
Brinde de Deus; mulher — tudo! porque é o Amor...

Porque é o amor de filha — a doçura, a janella
Do céu; porque é o amor de esposa, esse que estrélla
A vida de illusões; porque é o amor materno...
O milagroso altar de onde se "vê" o Eterno!
Pois, para substituil-o, enquanto se desterra,
Deus deixou, para amar, as nossas mães na Terra.

III

Tens a alma cinzelada atravez dos millenios
Pela harmonia dos artistas e dos genios;
Polida pelo amor dos poetas e dos santos;
Herdeira de saber, de bondade e de encantos.

Ama, agradece, crê. Goza a ventura immensa
De ser vida — esthesia, amor, saber e crença.
~~Si fosses uma pedra? um moscardo? uma fibra?~~
Um nada? simplesmente um atomo que vibra?
E's consciencia... e eras terra! entendes? terra só:
A alma é um pouco de Deus que se mistura ao pó.

O milagre da vida! a glória de viver!
Toda gente é feliz sem mesmo o perceber...
Fazer parte dos céos, nullidade nirvanica!
Ser o grau superior da evolução organica!
Dominar um momento o nada — sendo luz,
Sendo vontade, sendo tudo que seduz!
Ser, na materia, uma Alma — a força que bemdizes!
Escuta, homem revel:

Deus não fez infelizes.

Nada é bom... nada é mau... Cultiva uma illusão:
Toda felicidade é uma interpretação.

IV

Não te contenta o real? E's Deus nos pensamentos:
Tua imaginação crêa deslumbramentos.
O homem, que é um pensador, torna-se no que pensa:
Serás Ventura, Luz, quasi Deus, si tens crença.
Como um poeta constroe teu céu no coração,
Com o habito feliz de só ver perfeição.

Vive nos roseirões, extasiado e risonho,
 Entre a benção do Azul e o esplendor do teu sonho.
 Bella imaginação faz a vida ditosa:
 E a vida é uma funcção da illusão côr de rosa.
 Faze de teu minuto uma obra de belleza;
 Enche as horas de amor, de trabalho e nobreza.
 Seja a vida um labor — ser abelha é ter favos;
 Faze da alma um jardim — serás o olor dos cravos.
 Viver — é amar a vida, é louvar ao Senhor:
 Quem ama á creatura — adora ao Creador.
 E amar é ser feliz... Guarda em teu peito, incréo:
 O caminho do amor é o caminho do céu.

Deus abençoa quem, casto, os seus beijos der
 No calix de uma flor, nos labios da mulher.
 Toda fórma de amor — é prece, quando é pura:
 E' adoração — o beijo; é oração — a ternura.
 Ama ao céu e ama á terra; e, entre as cousas formosas,
 Ama a mulher: amar é cobrir-se de rosas..

Este mundo é tão bello e não o aproveitamos....
 —Illumine-se a vida! os sonhos accendamos!
 Brilhem como pharóes todas as illusões!
 Almas! a terra é um céu! Sêde constellações!

V

Já sabes que és feliz? Pois nunca desesperes.
 Ama a Deus! foi quem fez as flores e as mulheres...
 Faze-te adoração! Louva esta natureza!
 Faze o bem; a bondade é a suprema riqueza;
 A caridade é como um repuxo, em que a agua,
 Atirada, regressa e em si mesma desagua.
 Só quem tem no céu posto o olhar puro, não erra,
 Sua grande missão luminosa na Terra.
 A acção — é sacrificio; e viver — é servir:
 Põe, sem nada tirar; dá, sem nada pedir.
 A mais bella missão do homem na natureza
 E' guiar seus irmãos no amor e na belleza,
 Por fazer, redimindo os novos Prometheus,
 A gloriosa ascenção das almas para Deus.
 Não odeies jamais, pois Deus está escondido
 Na alma do melhor santo e do peor bandido.
 Dá teu doce carinho ao mau e ao peccador:
 Quem não ama — é quem mais necessita de amor.

Espera o céu: Deus é a maior das esperanças!
Deus é feito, gentil, do sonho das creanças...
E' o magno Coração feito de corações,
Que luz na caridade e luz nas orações.

Deus — é amor; crer — é amar. Ama, pois, com fervor:
Quem mais possui a Deus — é quem tem mais amor!

Ama! o amor ha de ser a redempção do mundo:
Vendo que ha enfim na terra um amor tão profundo;
Que, religioso e bom, é o planeta, ajoelhado,
Digno de Deus, pelo dulçor purificado;
Que a féra já evoluiu; que ha reptis adejantes;
Que todos os carvões se tornaram diamantes; ,
O Céu, que é sempre triste, o Céu, que é sempre mudo,
Terrível, tórturante, indiferente a tudo,
—Um dia ha de falar ao Homem, que o reclama,
Bondoso... acolhedor... abençoando-nos...

—Ama!

José Escobar.

NOTAS E NOTÍCIAS PEDAGÓGICAS

A EDUCAÇÃO NA AMÉRICA

CHILE.

ESCOLAS SECUNDARIAS PARA MENINAS. — Estas escolas que, desde 1913, têm sido directamente subordinadas ao Ministerio Instrucção Publica, foram collocadas sob a jurisdicção do Conselho de Instrucção Publica, que tambem rege as escolas secundarias para meninos.

COLOMBIA.

O CINEMATOGRAHO NAS ESCOLAS. — A Assembléa Departamental de Bolivar approvou um projecto que estabelece o cinematographo como meio destinado a dar lições objectivas nas escolas publicas e collegios.

BIBLIOTHECA DE LEITURA A DOMICILIO. — Na Bibliotheca Nacional de Bogotá abriu-se uma secção de leituras a domicilio, semelhante á que existe em todas as bibliothecas do mundo, da qual poderão os leitores retirar os livros de que necessitem, devolvendo-os á bibliotheca depois de os terem lido em suas casas.

ESTADOS UNIDOS.

MATRICULAS DE MULHERES NAS UNIVERSIDADES E COLLEGIOS. — A instrucção superior na maior parte dos Estados Unidos é administrada em instituições mixtas, e, em grande parte nas universidades estadoaes. O estado que conta maior matricula, em relação á sua população, de estudantes nas universidades e collegios superiores, é Oregon, que possui um estudante para cada 112 habitantes. Em 1922 havia 19 instituições educacionaes, em cada uma das quaes se achavam matriculadas mais de 1.000 mulheres, estando em primeiro lugar California, com 6.000 mulheres, de um total de 14.367, e seguindo-se a Universidade de Wisconsin com 3.905 estudantes em um total de 10.155.

MEXICO.

ESCOLA DE VERÃO DA UNIVERSIDADE. — A escola de verão para estrangeiros na Universidade Nacional de Mexico, Cidade de Mexico, estará aberta durante este verão, de 5 de julho a 7 de agosto. Muitos americanos aproveitaram as duas sessões anteriores e as excursões a logares de interesse no Mexico, e espera-se que este anno haverá uma assistencia superior a 1.000, que é o dobro do numero matriculado em 1922.

PROGRESSO EDUCATIVO DO ESTADO DE CHIHUAHUA, VERACRUZ E TAMAULIPAS. Nas 200 escolas officiaes de Chihuahua, acham-se matriculados 33.000 alumnos, o maior numero alcançado até agora, sendo que a matricula de 1909 chegou a 19.000. No anno passado foi gasta a quantia de 585.904 pesos para pagamento dos ordenados de professores, ao passo que este anno foram votadas verbas na importancia de 700.000 pesos para esse fim. Dentro desses ultimos annos todos os ordenados de professores tem sido augmentados de 50 por cento no minimo, e alguns casos até 100 por cento.

A verba estadual de 1925 para educação em Veracruz é de 1.890.014 pesos, além do que 300.000 pesos serão gastos para edificios e installação, de um orçamento total de despesas e estadoaes de 4.890.014 pesos. Abriram-se nestes ultimos mezes mais de 100 escolas primarias, ruraes e nocturnas. Ha uma despesa de 16.250 pesos por mez com a Escola Normal do Estado. Das 387 escolas primarias nas diversas cidades, o Estado sustenta 119. O numero das escolas ruraes tem augmentado de 47 em 1919 para 671 na actualidade. Estão sendo levantados muitos edificios escolares novos e hygienicos, visto que os programmas de instrucção estão frisando especialmente as escolas ruraes.

Veracruz está tambem focalizando a educação vocacional, possuindo já diversos institutos desse typo. Na Escola Industrial de Orizaba existem cursos de tinturaria, uso de machinas, fabrico de tecidos, e outras materias proprias para um centro manufactureiro. Os cursos para meninas nesta escola incluem cuidado de creanças; direcção de casa, costura, lavanderia, etc. No intuito de obter um corpo docente idoneo, o Estado mandou diversos estudantes premiados estudar na Cidade de Mexico.

Em Puerto Mexico existe uma escola de commercio, na Escola Vocacional de Jalapa, que tem tres linotypos; ha dois cursos que se occupam da photogravura e impressão de côres, e outro que trata de sericultura.

Não se contentando com as escolas apenas como meio de educação, o Estado de Veracruz acaba de comprar um grande numero de livros sobre assumptos industriaes, agricolas e sociaes, assim como obras de fiação que serão distribuidos diversos premios de cursos dades, aldeias e estancias.

O mesmo estado sustenta igualmente diversos premios de cursos para as differentes formas de arte.

No Estado de Tamaulipas existiam em setembro de 1920, 155 escolas, 410 professores, e 19.036 alumnos. Este anno existem 322 escolas, das quaes 25 são particulares, com 752 professores e 33.474 alumnos. Embora Tamaulipas tenha o direito de se orgulhar do facto de que 83 por cento das suas creanças de idade escolar, estão nas escolas, ainda assim não se contenta, pois continúa a lutar para

augmentar o numero. No anno passado o Estado gastou 1.832.460 pesos com o ensino, incluindo alguns premios de viagem no estrangeiro. Está em elaboração neste momento uma lei de jubilação de professores.

Um dos estabelecimentos de ensino mais notaveis de Tamaulipas é a escola de agricultura e pecuaria. A maior parte dos estudantes são filhos de agricultores, sendo que se offerecem premios de curso a moços promettedores que lutam com a falta de recursos. Dão-se cursos de dois e de quatro annos. A escola possui amplos terrenos para trabalhos experimentaes de diversas ordens.

SALVADOR.

ORGANIZAÇÃO DO SYSTEMA DE ESCOLAS GRADUADAS. — O Presidente acaba de promulgar um decreto collocando o ensino de instrucção primaria debaixo de quatro secções independentes, subordinadas ao Ministerio de Instrucção Publica. A Secção I fornece os edificios assim como aparelhamento e outros materiaes; a Secção II fiscaliza a frequencia; a Secção III inspecciona o corpo docente e informa sobre a sua efficiencia e merecimento; a Secção IV rege a organização, os methodos dos exames, systemas, programmas e horarios, a escolha dos compendios e aparelhamento, assim como estudos para professores e inspectores e a sua promoção.

PARAGUAY.

COLLEGIO INTERNACIONAL. — A Directoria do Collegio Internacional de Assumpção recebeu ultimamente uma importante doação que lhe permittirá dar começo á construcção do edificio que lhe servirá de séde permanente.

URUGUAY

COLONIA DE EDUCAÇÃO VOCACIONAL EM SANTA LUCIA. — Esta colonia vae ministrar instrucção industrial e agricola ás creanças protegidas pela Caridade Publica Nacional, assim completando o trabalho do Hospital Pedro Visca e da Colonia Vocacional. Santa Lucia, onde acaba de ser construido o novo edificio, fica em uma região descampada onde existem bom ar, uma larga extensão de vegetação e um ceu descoberto. Os edificios brancos são cobertos de telhas vermelhas, os dormitorios são espaçosos e bem arranjados, assim como as officinas em que se ensinam carpintaria, fabrico de vassouras, sapataria, alfaiataria, encadernação, typographia, e trabalhos de mosaico. Tambem ha grandes áreas plantadas de arvores de ornato, arvores fructiferas e videiras.

BIBLIOTHECA NACIONAL. — A Bibliotheca Nacional foi oferecida ao Uruguay, em 6 de janeiro de 1914, na forma primitiva pelo testamento do padre uruguayo, Dr. José M. Pérez Castellano, o primeiro propulsor da agricultura que deixou a sua casa para ser a sede da bibliotheca publica, com os seus proprios livros como nucleo para a futura collecção. A Bibliotheca Uruguaya foi aberta em 26 de maio de 1816, reorganizada em 1830 e transferida para o local actual em 1912, que é uma das alas da Universidade. A Bibliotheca contem actualmente algumas centenas de milhares de volumes, entre os quaes se encontram muitas obras raras, archivos completos dos jornaes diarios desde os tempos coloniaes até o dia de hoje. Em 1913, 7.226 pessoas se utilizaram de 9.258 livros na bibliotheca e em 1922, 28.095 pessoas se serviram de 31.242 livros. Durante os ultimos 10 annos o material bibliographico tem sido duplicado, tendo recebido a bibliotheca de Don Andrés Lemos.

(Do Boletim da "União Pan-Americana").

SOMOS TAMBEM UM POVO QUE NÃO QUER LER...

EMQUANTO O MEXICO POSSUE 792 BIBLIOTHECAS POPULARES E PORTUGAL REALIZA UM VASTO PROGRAMMA, NO'S, NO BRASIL, NÃO TEMOS NEM UMA DESSAS INSTITUIÇÕES.

Porque no Brasil as classes medias e populares não tem o habito nem ao menos o desejo de ler, essas questões de instrucção publica, da cultura popular, se revestem de caracter especial e de difficuldades insuperaveis á sua soluçào.

Paiz civilizado, nós somos daquelles em que a instrucção publica, ainda não sahiu de seu estado rudimentar, em face das conquistas recentes da pedagogia e dos processos modernos, de propaganda, usados nos paizes d'além mar.

Entre os grandes problemas da cultura popular no Brasil, ressaltam-se o do barateamento do preço dos livros, condição indispensavel para que elles circulem com a intensidade que é de desejar-se, e a instituicão de bibliothecas populares.

Em outro lugar deste jornal trataremos daquelle problema. Hoje, agora, o que nos interessa é o das bibliothecas populares. Nesse sentido, procuramos o illustre Sr. Dr. Aurelio Lopes de Souza, director interino da Bibliotheca Nacional, que já ha tres annos occupa esse cargo com elevaçào e competencia, e do que nos disse S. S., mais adiante vai narrado.

O EXEMPLO DE PORTUGAL.

Antes, no entanto, de relatar o que nos disse o Sr. director da Bibliotheca Nacional, é bom recordemos o que já se fez em Portugal.

O velho paiz de nossos maiores deveu sempre a diffusão da cultura nos meios populares e a organização da instrucção publica á iniciativa popular, com especialidade aos livreiros editores.

Ha, em Portugal, bastante conhecidas no Brasil, varias edições populares, chamadas "Bibliotheca do Povo e das Escolas", "Bibliotheca de Cultura Geral", "Bibliotheca Scientifica", e dezenas de outras compostas de livros em impressões baratas, custando em nossa moeda de \$100 a 1\$000.

A Republica, no entanto, interessou-se por esse grave problema da instrucção publica, não só auxiliando as iniciativas particulares, mas tambem instituindo estabelecimentos-modelos.

Ultimamente, a Camara Municipal de Lisboa converteu em lei um projecto do velho campeão da instrucção publica, em Portugal, Sr. Alexandre Ferreira, pelo qual foi posto em execução um vasto plano de bibliothecas populares no paiz.

Nesse sentido, varios edificios publicos da velha Lisboa foram adaptados ás bibliothecas populares ao tempo em que todos os estabelecimentos que negociassem com bebidas distilladas, foram sobre-taxados com 50 o/o sobre os impostos em vigor, destinando-se a renda áquella instituição. Na mesma occasião o Senado Municipal fixou os horarios para o funcionamento de bibliothecas nocturnas que já agora permanecerão abertas até ás 10 horas da noite, de modo que facilitem que os operarios as possam frequentar.

O QUE SE FEZ NO MEXICO

No Mexico, onde de ha tres annos não havia uma unica bibliotheca popular, a procura de livros foi tal que o governo resolveu fundar varios institutos que taes, para adultos, e outros, destinados especialmente á infancia, localizados em bairros pobres. Mais tarde foi creado, tal o desenvolvimento das bibliothecas e o seu numero, um "departamento de bibliothecas", que ficou sob a direcção de D. José de Vasconcellos, o illustre senador que nos visitou pelo Centenario e é, de facto, um de nossos maiores amigos nas nações da America Latina.

Existem até agora no Mexico 792 bibliothecas publicas com 214.264 volumes fornecidos pelo governo e mais o triplo enviados dos particulares e casas ? do mundo inteiro.

Ha, além disso, as bibliothecas para creanças, com estampas espezias, illuminuras interessantes em grandes albuns de historias, e entre as colleções publicadas pelo governo, ha algumas que têm um mundo de leitores petizes que vão além de 2.500 consultas mensaes. Não entram nesse total as bibliothecas escolares e as de Altos Estudos.

AS BIBLIOTHECAS NA ARGENTINA INSTALLADAS EM JARDINS PUBLICOS.

A vizinha Republica Argentina, em virtude da marcha, sempre intensa das idéas sociaes, tem levado a palma em instituições que visam directamente interessar as classes proletarias e a população em geral.

Nesse sentido foram creadas bibliothecas nos jardins fechados, com guardas postados nos portões, em vigilancia. O processo de guarda e conservação dos livros, que são ali didaticos, com especialidade, e outras obras de cultura social, faz-se por meio de grandes archivos de aço, á moda dos usados nos escriptorios.

Apesar dos poucos dias de funcionamento dessas bibliothecas, os resultados têm sido tão animadores, que a Municipalidade de Buenos Aires resolveu crear outras nos diversos jardins da capital.

NO BRASIL NÃO HA NENHUMA BIBLIOTHECA PUBLICA.

Chegamos, assim, depois dos exemplos de paizes infinitamente menores que o Brasil e muitos mais pobres, á palestra que comosco manteve o illustre Sr. Aurelio Lopes de Souza, director interino da Bibliotheca Nacional:

—No Brasil não ha nenhuma bibliotheca propriamente popular, foi-nos dizendo o nosso interlocutor.

Apesar de ser assumpto propriamente pedagogico, direi o que me occorrer sobre a materia. Não ha, quero crer, no Brasil, duas opiniões sobre a instituição das bibliothecas populares; todos são necessariamente de accordo quanto á sua utilidade, e as vantagens praticas que dellas decorrerão para a cultura nos meios populares.

A bibliotheca do Lyceu de Artes e Officios não me consta tenha tido resultados satisfactorios. E' porque ha um phenomeno de mais alta valia que entrava a criação de bibliothecas publicas aqui; é que o povo não quer ler, não procura livros. Um facto que posso relatar assim de momento e que elucidará perfeitamente este ponto, é o que se dá com a Bibliotheca Nacional. Pelo regulamento de 1911, foi na Bibliotheca creada uma secção destinada á leitura aos domingos e nos dias uteis até 10 horas da noite. Parece que isso já resolveria, até certa forma, o caso. O que se vê, no emtanto, é desalentador: as poucas pessoas que frequentam a Bibliotheca á noite ou aos domingos, só procuram os jornaes do dia, ou ficam sentados com o intuito manifesto de "fazer tempo". Nem se diga que a bibliotheca é essencialmente composta de obras de erudição, tanto que as secções especiaes a isso destinadas são fechadas ás 3 da tarde, abrindo-se ao meio dia.

As secções que permanecem abertas aos domingos e á noite, são destinadas com especialidade aos operarios e pessoas pobres. Se a frequencia fosse promissora, naturalmente seriam essas secções desenvolvidas.

Ha um projecto de criação nesta Bibliotheca Nacional de secções especialmente destinadas ás senhoras e creanças. Até agora, no emtanto, é o que havemos feito. A difficuldade maior com que lutaríamos, se fossemos mais procurados é a resultante do facto de sermos uma bibliotheca encyclopedica, quando ao operariado e classes pobres interessariam muito mais certas obras de especialização, livros de estudos, etc.

No Brasil, por emquanto, é tudo o que ha e as minhas ligeiras palavras só têm o intuito de corresponder á gentileza da "Gazeta" em me procurar.

Com respeito ás nossas bibliothecas publicas, pois, resulta, nas informações que colhemos, que não ha nenhuma absolutamente no Rio, e que a propria Bibliotheca Nacional, procurando remediar o problema, não tem concorrência.

Além de tudo, somos um povo que não quer ler...

"Gazeta de Noticias".

A EDUCAÇÃO NOS ESTADOS

S. PAULO,

O ENSINO DA HIGIENE NAS ESCOLAS PRIMARIAS. — Em nosso seculo para examinarmos do valor de um livro devemos ver os actos que a publicação delle acarretam.

Si fica no silencio ou apenas nos noticiarios dos jornaes que recebe as criticas delicadas do amigo, é apenas papel impresso condemnado cedo ou tarde a ser vendido como papel velho, aos kilos.

Mas si movimenta os homens e causa acções, é um "livro".

Tal é o caso da obra de Belisario Penna, o "Saneamento do Brasil", cuja leitura suggeriu ao Dr. Washington Luiz convidar aquelle grande scientista brasileiro para organizar o ensinamento da Hygiene em nossos grupos, escolas primarias e normaes.

Não podia ser mais acertada a escolha e o illustre presidente de São Paulo teve um gesto de um estadista que distingue os valores entre os homens.

BIBLIOGRAPHIA

SANEAMENTO DO BRASIL—BELISARIO PENNA — Rio de Janeiro, 1925.

Monteiro Lobato chamou este livro, livro chave e nós achamos antes que elle se devia chamar livro espelho.

Explicuemo-nos. O Brasil é o paiz onde a mentira tomou foros de cidadã. Falamos da mentira generalizada. Da mentira economica, politica, social, pedagogica, scientifica e sanitaria. Sabiamos que o estado de saude do nosso povo não era bom. Que a febre amarella, as verminoses, o impaludismo, a tuberculose e a syphilis depredavam a população brasileira. Mas como o avestruz que esconde a cabeça na areia com a doce illusão de assim se livrar da tempestade, calavamos nossos males embora fossem demasiado sensiveis.

Vem Oswaldo Cruz e dá o primeiro combate á febre amarella. Parámos ahi.

Um bello dia, dois cientistas de valor penetram pelo Brasil a dentro e “de visu” vão examinar nossa situação sanitaria.

Arthur Neiva e Belisario Penna, pois estes são os cientistas que foram aos sertões brasileiros e de que acima fallamos, ao voltar ao Rio, chegam acabrunhados do espectaculo de miseria que assistiram. Não viram esses seres humanos. Viram aos milhões organismos apodrecidos pela lepra, vermes, syphilis e mosquitos. E em estatisticas dolorosas revelaram á nação o seu estado de saude. Já se vão quasi dez annos.

Que fizeram os dirigentes nacionaes?

Crearam tremenda burocracia, esbanjaram milhares de contos e o ataque á lepra, aos vermes, á syphilis e ao impaludismo permanece ainda insolúvel porque não temos estadistas e sim politiqueiros.

O problema da saude como o da educação nacional está entrando pelo seculo XX a dentro sem ter a solução que merece, dando apenas prova cabal da incompetencia e incapacidade dos nossos dirigentes no governo do paiz.

Saude e educação fallam ao nosso povo e isto explica o estado de brutalidade em que elle se encontra.

A leitura do “Saneamento do Brasil” devia ser feita por todos os patricios e esta obra devia andar em uma edição de 30.000.000 de exemplares, disse Alberto Rangel, porque os que não soubessem ler veriam as illustrações da obra que só por si justificariam aquelle trabalho.

Veriam então os seres hediondos que andam aos milhões em nosso paiz; veriam os causadores de tantos males, analphelinas e outros insectos; veriam como se devem fazer as latrinas e como se evitariam as doenças.

Si outros fossem os estadistas que nos governam e esta obra seria distribuida pelas autoridades a toda população nacional.

VARIOS ESTYLOS—ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO —
Companhia Melhoramentos de São Paulo — 1923.

A terceira edição desta obra explica sua utilidade e critério de seu compilador em preparal-a para os nossos estudantes.

Notamos neste livro um defeito que se generalizou em nossas "Anthologias", defeito este que foi o pyrrhónico Carlos de Laet que o introduziu nestas obras.

Todos sabemos que o Sr. Carlos Laet foi inimigo, pelo menos intellectual, de Tobias Barreto, por ter o philosopho sergipano se orientado pelo pensamento allemão.

Dahi resultou ter aquelle escriptor affastado Tobias de sua "Anthologia".

E' comprehensivel.

Carlos de Laet é uma alma pequena e cheia de odios.

Mas não se justifica que Arnaldo Barreto affaste de sua boa selecta paginas de Tobias, quando aquella está repleta de trabalhos estrangeiros. Esperamos ver na quarta edição figurar o nome do renovador do pensamento nacional, entre os autores seleccionados neste livro.

REVISTA DE EDUCAÇÃO. — Orgam da Escola Normal de Piracicaba e Escolas Annexas.

Recebemos o numero de Setembro desta esplendida "Revista" cuja publicação honra sobremaneira o adeantado professorado da Escola Normal de Piracicaba.

Damos a seguir o Summario deste numero:

Degradação da Prole, Dr. Carvalho e Silva; Hygiene no Commercio, Carlos M. Sodéro; Ensino de Calligraphia, Dr. Honorato Faustino; Analphabetos, Pedro de Mello; Descobrimto do Brasil, Ferrel Junior; Prophylaxia na Escola, Dr. Orestes Pentagna; Practica de Ensino, Elisiario Araujo; A Liberdade, H. F.; Carta anonyma; Linguagem escripta; Mathematica, Santos Cordilha; Educação Physica, Annibal S. Santos; Varias.

RECEBEMOS

Nuevos rumbos educacionaes — de Adolpho Vazques Gomez, Buenos Aires, 1923.

Formação de Palavras e Syntaxe do Portuguez Historico, pr. M. Said Ali — Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1923.

Juca Mulato, Menotti del Pichia, Monteiro Lobato, S. Paulo, 1923.

Sobre estes livros daremos apreciações no proximo numero da "Revista".

“Educacion”, Santiago de Chile, Julho de 1923.

America Brasileira, Agosto de 1923.

O Correio Literario — Editado por Monteiro Lobato. Está repleto de informações este primeiro numero e tambem trabalhos variados sobre livros.

“Revista Nacional”, Julho, optimo numero, dedicado ao Ceará.

“Nueva Revista de Buenos Aires”, numero de Agosto.

Estudo completo da lingua nacional

PARA ALPHABETIZAR

CARTILHA DE ALPHABETIZAÇÃO — do prof.
B. M. Tolosa 2\$500

LEITURA NO CURSO PRIMARIO

Saudade (de Thales C. de Andrade) . 3\$000

Para aquisição de technica de lingua por pro-
cessos modernos.

Como se aprende a lingua por A. de Sampaio
Doria, Curso Medio 3\$000

Curso complementar 5\$000

Para preparo rapido e eficiente aos exames do
Gymnasio do Estado

Lições de Portuguez de Othoniel Motta . 8\$000

Nota: Tambem somos os editores das Gram-
maticas de Eduardo Carlos Pereira.

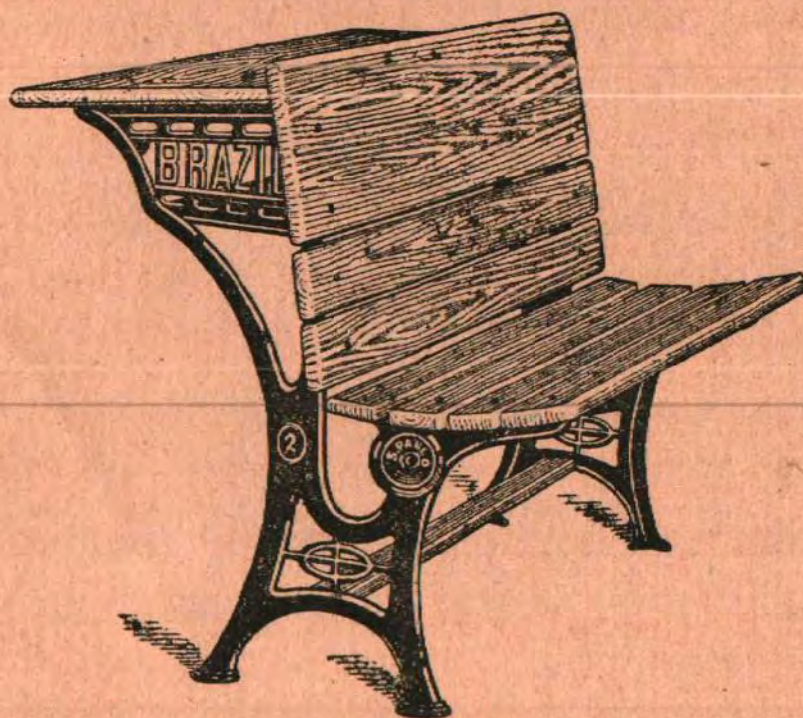
Aos pedidos feitos directamente á nossa casa
quer de COLLEGIOS, quer de revendedores, da-
remos o desconto de 30 %/, livre de porte.

MONTEIRO LOBATO & C.^{IA}

Rua Victoria, 47

Tel. Cid. 6278 — S. PAULO

Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para um ou
dois alumnos ;

Mesas e cadeirinhas para Jardim da Infancia ;

Contador mechanico ;

Quadros negros de qualquer tamanho ; Compassos ;
Reguas ; etc.

Fabrica de Moveis Escolares "Eduardo Waller"

de

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonio de Queiroz n. 65 - S. Paulo